UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Dissertação

O Almanaque do Globo: o primeiro veículo de comunicação impressa da Livraria do Globo como processo de difusão da cultura de almanaque no Rio Grande do Sul (1917-1933)

André Rodrigues da Silva

Pelotas, 2019

André Rodrigues da Silva

O Almanaque do Globo: o primeiro veículo de comunicação impressa da Livraria do Globo como processo de difusão da cultura de almanaque no Rio Grande do Sul (1917-1933)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Arriada

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S586a Silva, André Rodrigues da

O Almanaque do Globo : o primeiro veículo de comunicação impressa da Livraria do Globo como processo de difusão da cultura de almanaque no Rio Grande do Sul (1917-1933) / André Rodrigues da Silva ; Eduardo Arriada, orientador. — Pelotas, 2019.

126 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Almanaque do Globo. 2. Livraria do Globo. 3. Estudo interdisciplinar. 4. Cultura escrita. 5. História da educação. I. Arriada, Eduardo, orient. II. Título.

CDD : 370.9

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

André Rodrigues da Silva

O Almanaque do Globo: o primeiro veículo de comunicação impressa da Livraria do Globo como processo de difusão da cultura de almanaque no Rio Grande do Sul (1917-1933)

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 29 de março de 2019

Banca examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Arriada (Orientador) - Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Prof. Dr. Elomar Callegaro Tambara - Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profª. Drª. Marília de Araujo Barcellos - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Doutora em Letras/ Estudos de Literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRio)

Profª. Drª. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Eduardo Arriada, meu orientador, pela indicação do estudo a partir do impresso Almanaque do Globo e por ter compartilhado comigo o seu conhecimento, além de ter abraçado meus anseios durante a pesquisa. Agradeço por me acolher na pós-graduação em Educação e sou grato por ter sido seu aluno.

Ao Prof. Dr. Elomar Callegaro Tambara e às Profª Drª. Marília de Araujo Barcellos e Drª. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin pela apreciação da minha escrita e dicas que fizeram, desta dissertação, um material ainda mais claro e conciso para a apreciação do leitor. Sou muito feliz por ter uma banca qualificada como esta e os ensinamentos obtidos aqui continuarão sendo enriquecedores para mim.

Ao Centro de Estudos e Investigações em História da Educação e ao Centro de Documentação da Universidade Federal de Pelotas e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul por todo o apoio e solidariedade para que eu pudesse realizar a minha pesquisa e aprender com todos os meus pares.

À Filosofia, mãe de todas as ciências, que oportuniza com que eu fundamente a cada dia a minha vida, sobretudo, através da filosofia existencialista. Com ela, fundamento meu eu a partir do que entendo como justo e partilho com o mundo as minhas angústias, realizações e superações.

À minha família: Inácio, meu pai; Vitor, meu irmão, e minha mãe, Claudia. Minha mãe, lutadora de anos e mais anos para me dar os seus conhecimentos sobre a vida, nunca deixou de permanecer ao meu lado me dando força, e sei que sempre continuará me dando. Agradeço imensamente a todos vocês.

Aos meus avós maternos, que ainda vivem, Miralva e João, e aos meus avós paternos, que já se foram, Dona Iva e Doralício.

À Carina, minha companheira. Obrigado pelo companheirismo, pela serenidade, pelo amor e pela compreensão. Cresço contigo, crescemos juntos e vamos crescer ainda mais.

Aos meus amigos e minhas amigas, companheiros e companheiras de vida. Que todos sintam-se abraçados, pensando cada vez mais sobre suas vidas e projetando um mundo cada vez melhor. Juntos, conseguiremos partilhar de uma existência cada vez mais justa, coletiva e democrática. E vamos à luta!

“O tempo inventou o almanaque; compôs um simples livro, seco, sem margens, sem nada; tão-somente os dias, as semanas, os meses e os anos. Um dia, ao amanhecer, toda a terra viu cair do céu uma chuva de folhetos; creram a princípio que era geada de nova espécie, depois, vendo que não, correram todos assustados; afinal, um mais animoso pegou um dos folhetos, outros fizeram a mesma coisa, leram e entenderam. O almanaque trazia a língua das cidades e dos campos em que caía. Assim toda a terra possuiu, no mesmo instante, os primeiros almanaques. Se muitos povos os não têm ainda hoje, se outros morreram sem os ler, é porque vieram depois dos acontecimentos que estou narrando. Naquela ocasião o dilúvio foi universal” (MACHADO DE ASSIS, 2001, p. 26).

RESUMO

SILVA, André Rodrigues da. **O Almanaque do Globo**: o primeiro veículo de comunicação impressa da Livraria do Globo como processo de difusão da cultura de almanaque no Rio Grande do Sul (1917-1933). 126f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

Esta dissertação é o resultado de uma análise feita sobre o impresso do Almanaque do Globo, primeiro projeto editorial da Livraria do Globo, de Porto Alegre, buscando mostra-lo como um impresso difusor de cultura social e política através da cultura escrita e impressa no estado do Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX. Obtendo como análise este objeto-fonte, utilizou-se o Almanaque do Globo para compreender e detalhar, através de suas 17 edições produzidas de 1917 até 1933, sua relevância sobre o espaço ocupado por este impresso na sociedade, estabelecendo a sua inserção nos mais diversos ramos e classes da sociedade rio-grandense. Criada em 1883 na cidade de Porto Alegre, a Livraria do Globo sempre obteve como propósito a difusão de cultura para além do seu globo, da sua perspectiva local e, diante disso, promoveu em 1917 o lançamento do seu primeiro e principal projeto editorial, o Almanaque do Globo. A pesquisa encontra-se no campo da História da Educação, porém, procura-se uma abrangência teórica frente a perspectivas de outras subdivisões científicas, como a Filosofia contemporânea, a Literatura sul-rio-grandense e a História Cultural. Faz-se, logo, com que o referencial teórico-metodológico da presente dissertação transcorra por uma temática interdisciplinar, buscando estudar e compreender a produção das principais categorias que compõem o Almanaque do Globo, como: Literatura, Educação para o campo e proposta editorial. Procurou-se detalhar suas diversas formas de análise, tendo em vista que o Almanaque do Globo também se caracteriza como um objeto de análise científico. Com isso, o Almanaque é aqui mostrado como um impresso que abrange diversos segmentos que representam a história presente daquele momento, tornando esta dissertação um material de pesquisa amplo para futuros pesquisadores.

Palavras-chave: Almanaque do Globo; Livraria do Globo; Estudo Interdisciplinar; Cultura Escrita; História da educação.

ABSTRACT

SILVA, André Rodrigues da. **The Almanaque do Globo**: the first printed communication vehicle of Livraria do Globo as a process of diffusion of almanac culture in Rio Grande do Sul (1917-1933). 126f. Dissertation (Master in Education) - Postgraduate Program in Education, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2019.

This dissertation is the result of an analysis made on the printing of the Almanaque do Globo, the first editorial project of Livraria do Globo, in Porto Alegre, seeking to show it as a diffuser of social and political culture through written and printed culture in the state of Rio Grande do Sul in the first half of the 20th century. Obtaining as an analysis this source object, the Almanaque do Globo was used to understand and detail, through its 17 editions produced from 1917 to 1933, its relevance on the space occupied by this form in society, establishing its insertion in the most diverse branches and classes of the Rio Grande society. Created in 1883 in the city of Porto Alegre, Livraria do Globo has always had as its purpose the diffusion of culture beyond its globe, from its local perspective and, in the face of this, promoted in 1917 the launching of its first and main editorial project, o Almanaque do Globo. The research is in the field of History of Education, however, a theoretical scope is sought in the perspective of other scientific subdivisions, such as Contemporary Philosophy, South-Rio Grande Literature and Cultural History. The theoretical-methodological framework of the present dissertation is then crossed by an interdisciplinary theme, seeking to study and understand the production of the main categories that compose the Almanaque do Globo, such as: Literature, Education for the field and editorial proposal. It was tried to detail its diverse forms of analysis, considering that the Almanaque do Globo is also characterized as an object of scientific analysis. With this, the almanac is here shown as a print that covers several segments that represent the present history of that moment, making this dissertation ample research material for future researchers.

Keywords: Almanaque do Globo; Livraria do Globo; Interdisciplinary Study; Written Culture; History of Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Fragmento de matrizes utilizadas para impressão na Editora Globo e calculadora Americana da marca Burroughs (década de 1950) usada nos escritórios da Livraria do Globo 30
Figura 2 Edições comemorativas editadas pela Livraria do Globo..... 31
Figura 3 Propaganda de livros comercializados pela Editora do Globo no Almanaque do Globo. 33
Figura 4 A educação para o Campo no Almanaque do Globo (1926)..... 53
Figura 5 Folhinha Rio Grandense Anno 1º e Almanach Rio Grandense. 57
Figura 6 Annuario da Província do RGS; Almanach da Família e Almanak Recreativo Sul Rio-Grandense. 58
Figura 7 Almanach de Pelotas; Almanach do Correio do Povo Almanach Porto Alegre e Almanack do Commercio do RGS. 59
Figura 8 Annuario Estatistico do Estado do RGS; Almanach da Estrella do Sul; Almanaque da Brigada Militar e Mercurio Almanaque Commercial. 60
Figura 9 Capa do Almanaque do Globo para o ano de 1933 (à esquerda) e 1934 (à direita). 65
Figura 10 Almanaque do Globo (1917 - 1922). 67
Figura 11 Almanaque do Globo (1923 - 1933). 68
Figura 12 Editorial da 1º edição do Almanaque do Globo. 69
Figura 13 Homenagem do Almanaque do Globo a Laudelino Barcellos (1919)..... 71
Figura 14 Menção a troca de diretoria do Almanaque à J.P. da Silva e Mansueto Bernardi (1932). 72
Figura 15 Direção de Octavio Tavares do Almanaque do Globo para o ano de 1931. 74
Figura 16 Direção do Almanaque do Globo para o ano de 1932. 75
Figura 17 As ilustrações nas matérias do Almanaque do Globo para o ano de 1933. 76
Figura 18 Editorial do Almanaque do Globo para o ano de 1933..... 77
Figura 19 Matéria sobre o Feminismo Britânico (1925)..... 78
Figura 20 Matéria sobre o Analfabetismo (1925). 80
Figura 21 Primeiro texto literário publicado no Almanaque do Globo (1917). 83

Figura 22 Seção Infantil (1917). 85
Figura 23 Anunciantes no Almanaque do Globo para o ano de 1919. 87
Figura 24 Galeria de Farroupilhas Ilustres (1919). 88
Figura 25 Críticas ao Livro de Bebê, de Mansueto Bernardi (1925). 93
Figura 26 O calendário e as datas importantes (1932). 96
Figura 27 Mudança no Design de Capas do Almanaque do Globo. 98
Figura 28 Principais discursos do Almanaque do Globo. 101
Figura 29 Expediente para o ano de 1917 apresentando Assis Brasil e a seção destinada ao cidadão do campo. 104
Figura 30 O expediente do Almanaque do Globo (1918). 105
Figura 31 O circuito das comunicações. 112
Figura 32 A cadeira tradicional de um livro impresso. 113

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Relação de títulos importantes que mencionam o Almanaque do Globo . 20
Quadro 2 Edições do Almanaque do Globo disponíveis em Bibliotecas no Estado .24
Quadro 3 Ramificação da Livraria do Globo do Rio Grande do Sul 32
Quadro 4 Publicações da Livraria do Globo entre os anos de 1930 e 1935. 35
Quadro 5 Construção Editorial do Almanaque do Globo (1917-1933). 38
Quadro 6 Construção do Sumário do Almanaque do Globo de 1917. 81
Quadro 7 Construção do Sumário do Almanaque do Globo de 1919 86
Quadro 8 Construção do sumário do Almanaque do Globo de 1925. 91
Quadro 9 Construção do Sumário do Almanaque do Globo de 1932. 94
Quadro 10 Organização de matérias políticas e sociais da parte literária do Almanaque do Globo.. 107

Sumário

Introdução **12**

1 A construção histórica e sociocultural de uma livraria no Rio Grande do Sul: o caso da Livraria do Globo **24**

1.1 Ampliação do mercado Editorial no Rio Grande do Sul: A Livraria do Globo 27

1.2 De Tipografia à casa Editorial: o surgimento da Editora Globo 33

1.3 A conquista da Livraria no estado, no mercado e na produção editorial 38

2 Uma contextualização historiográfica sobre os almanaques **44**

2.1 O almanaque na cultura do Rio Grande do Sul e seus principais discursos 51

2.2 O discurso de almanaque e as práticas de leitura do impresso na construção de uma escrita 61

3 A história impressa do Almanaque do Globo: seus editoriais, suas literaturas e seus guias para a educação do campo **65**

3.1 A voz dos outros no impresso: o expediente do Almanaque do Globo 100

3.2 O Almanaque do Globo como impresso sociocultural: o popular e o erudito ... 106

Considerações finais **116**

Fontes de pesquisa **120**

Referências **120**

Introdução

A construção da análise de um texto científico fica pautada na sistematização teórico-metodológica da presente escrita; em outras palavras, segundo Kuhn (2011), a cientificidade também se constrói a partir de paradigmas que sustentam, a *posteriori*, soluções ou problemáticas que possibilitam a construção desta própria ciência. Neste universo de tantas variações, a principal característica na formação de ideias é tudo aquilo que foi recolhido ao longo do tempo de leitura, não tão somente da pesquisa acadêmica, mas a pesquisa quantitativa nos arredores da sociabilidade e convívio entre os indivíduos.

Ancorado em estudos dos impressos e tendo em vista os pressupostos da História Cultural, este trabalho trata sobre o estudo do objeto-fonte[1] Almanaque do Globo, impresso que surgiu em 1917 na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, contendo 17 edições. A História Cultural, enquanto perspectiva teórica para fins de análise do impresso, ajuda na compreensão e na fundamentação do objeto a ser estudado, sobretudo como um documento importante para absorção dos conteúdos que constam no almanaque. O Almanaque do Globo foi um importante almanaque que possui uma gama de significados, matérias, artigos, anúncios, dentre outros, que reportavam ao leitor a representação da sociedade em seu tempo.

A escolha deste impresso justificou-se por conta da minha vontade em experimentar uma pesquisa inovadora, que me colocasse diante de um campo novo de análise e de um objeto histórico para o nosso estado. Esta aproximação se deu, também, com o anseio em analisar um periódico importante para o campo da História da Educação, a fim de mostrar a pesquisa acadêmica dentro do estado frente a um tema pouco visto como potencial objeto de análise e fonte de pesquisa. Como eu vim da Filosofia e estudei conceitos existencialistas dentro da disciplina, confesso que foi um percurso difícil e ainda mais solitário do que a pós-graduação, à primeira vista, tende a ser.

A pesquisa acadêmica, porém, me cativou a ponto de levar a fundo o estudo sobre o Almanaque do Globo e a ideia de mostrar a sua amplitude cultural como

[1] Sobre a análise documental de um objeto-fonte, priorizamos a abordagem do impresso frente ao estudo teórico-metodológico que nos dê aporte para analisar o Almanaque do Globo como fonte de pesquisa na compreensão de conceitos, produções, dizeres, falas e representações, assim como objeto único de estudo, abrangendo suas 17 edições, servindo como base e objetivo único de compreensão acerca do material estudado e, assim, apresentado ao leitor deste trabalho.

também o seu vasto conteúdo que contempla os seus discursos, anúncios, propagandas, charadas e guias.

A importância dos almanaques no cenário editorial, que se difundiu no Rio Grande do Sul a partir da segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX, serviu como marco nos projetos seguintes da Livraria do Globo, sobretudo nas coleções literárias[2] e na tão conceituada Revista do Globo[3].

A produção do Almanaque do Globo perdurou de 1917 até 1933, possuindo, como diretores, João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi. Descobriu-se porém, através de uma pesquisa feita na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), a continuidade do almanaque com uma outra roupagem, de 1934 até o almanaque encontrado para o ano de 1940, seguindo a mesma numeração, mas com outra direção[4].

Amparado nas discussões históricas que foram sendo construídas sobre a importância e o legado deixado pelos impressos, mais especificamente no Rio Grande do Sul e sua transição do século XIX para o século XX, os almanaques acabam por promover uma série de debates e discussões que tornam visíveis as leituras em meio às questões levantadas nesta dissertação, pontuadas a seguir, originando possíveis respostas que a pesquisa carrega consigo através destes estudos, sobretudo, no campo da História da Educação. As principais questões que ambientam este trabalho, então, foram surgindo de acordo com o que se procurou saber acerca da historicidade do mercado editorial no Rio Grande do Sul, a fim de compreender o surgimento do Almanaque do Globo dentro da Livraria do Globo e como se deu então a sua importância para ampliação do mercado editorial da própria Livraria.

Com isso, escolheu-se o recorte temporal de 1917 até 1933, anos que perduraram as edições do Almanaque do Globo, apesar de ser realizada uma busca anterior para entender de que maneira se deu o surgimento da Livraria do Globo até o estudo analítico da produção do Almanaque do Globo nesta presente dissertação. Desta forma, possibilita-se compreender o universo pelo qual o Globo estava inserido e como se deu o processo de criação do seu primeiro grande empreendimento no estado do Rio Grande do Sul.

---

[2] Será abordado sobre as coleções no primeiro capítulo da dissertação, no item 1.3.

[3] Falaremos da Revista do Globo nos três capítulos que compreendem esta dissertação, porém, no capítulo 1, item 1.2, vamos apresentar ao leitor um pouco sobre este importante empreendimento.

[4] Falaremos sobre isto no rodapé de número 43, no terceiro capítulo desta dissertação.

Ao representar uma sociedade e o seu tempo, instiga-nos a procurar mensurar, através das publicações que constroem as seções do Almanaque do Globo, as seguintes questões norteadoras deste projeto: de que forma se constituiu o Almanaque do Globo frente ao imenso mercado editorial já consolidado no estado? Que mecanismos (sociais, políticos, culturais, etc.) possibilitaram a construção das seções do Almanaque do Globo e a difusão da sua cultura? Como a literatura e a educação no campo, por exemplo, são representadas no Almanaque do Globo? O que o editorial do Almanaque propaga?

Historicamente, ao longo de tudo que é enfrentado por pesquisadores para trilhar os caminhos como seres do pensar, percebe-se como máxima maior a ideia de que aquilo que somos sempre terá que ser superado por meio das nossas leituras e das nossas vivências. Se aprende, portanto, a compreender as nuances que envolvem o universo de estudos que são adotados, sistematizando as pesquisas diante de uma modernidade que é ambientada para o pesquisador a todo o momento, sobretudo aquela diante dos impressos que analisamos.

A modernidade, ao mesmo tempo que tardia, manifesta uma série de tensões que são transmitidas na forma de ambiguidades e contradições (ARRIADA; TAMBARA, 2014). Com isso, se pôs em dúvida os processos utilizados para essa propagação de lazer, com a entrada do século XX, principalmente na maneira pela qual o almanaque era fornecido ao público em meio aos processos de industrialização cultural, no Rio Grande do Sul.

Segundo Arriada e Tambara, sobre o processo de modernismo do mercado editorial em Pelotas, “a maioria dos livros e impressos que circulavam eram importados das grandes casas editoriais do Rio de Janeiro, principalmente da Laemmert” (2014, p. 235). Isso se deve à estrutura social que estava concentrada nas relações de trabalho, como o escravagismo, limitando a estruturação e uma modernização mais eficaz do mercado editorial, neste contexto voltado para a produção e edição de livros em âmbito local assim como estadual.

Sabendo da possibilidade que se faz ao procurar construir um diálogo entre a história dos impressos, a singularidade dos almanaques e a relação do documento histórico (MEYER, 2001) com o público leitor, escolheu-se o Almanaque do Globo (1917-1933) para realizar e procurar estabelecer na pesquisa um diálogo entre a História da Educação e demais áreas pares que dialoguem na construção desta análise, a fim de potencializar o seu campo de permanência.

O Almanaque do Globo foi o primeiro grande projeto editorial organizado pela Livraria do Globo, que surgiu em 1883, criada por Laudelino Pinheiro Barcellos e Saturnino Alves Pinto, ambos sócios da empresa com a razão social L. P. Barcellos & Cia. A criação de uma livraria que, ocasionalmente, acompanharia o surgimento da Editora Globo no estado, obtinha como proposta inicial a tipografia. Alguns anos mais tarde, no ano de 1909, consolidar-se-ia no mercado Rio-Grandense e brasileiro após a obtenção de linotipos, a fim de realizar publicações de livros didáticos e literários.

Buscava-se, desse modo, uma maior democratização do acesso à cultura, sendo este um dos principais objetivos do Almanaque do Globo. Com isso, o almanaque introduziu na vida dos cidadãos um amplo conteúdo literário por uma democratização da cultura, ocupando a vida do cidadão com um vasto conteúdo literário, indo além das características que denominavam alguns almanaques do século XIX e XX como simplesmente livros de bolso, determinando assim um objeto que pudesse, de fato, apresentar a produção do editor ao leitor e representasse o leitor popular[5] na sua construção de sociabilidade (CHARTIER, 1990).

Deste modo, esta pesquisa busca investigar o papel desempenhado pelo Almanaque do Globo e busca compreender também, através do seu conteúdo, que tipo de leitor ele buscava atingir. A articulação entre editor e público leitor se constrói, portanto, na relação e impacto da produção com o contexto social, político e literário daquele dado momento.

Protagoniza-se, aqui, a história de seus diretores, o contexto que abrangeu a produção deste anuário e a mudança que ocorreu em sua edição, com a mudança de suas capas, diretores e até mesmo na padronização do seu conteúdo.

Segundo Hallewell (1985) — como o brasilianista que foi ao estudar a pesquisar sobre a cultura impressa brasileira — podemos conhecer muito de um lugar

[5] A fim de situar a popularização do almanaque frente a um emaranhado de situações que contribuem para a fundamentação deste impresso, sobretudo as mais diversas maneiras de orientações sociais e políticas que cresciam, principalmente na segunda metade do século XIX, o termo popular advém nesta dissertação para situar o seu espaço dentro do impresso almanaque. Logo, atribuímos aqui uma citação de Chartier para identificar o que pretende-se mostrar, sobretudo na relação do popular com o erudito, que iremos tratar mais precisamente no capítulo de número 3. “As relações entre a cultura popular e a cultura letrada mobilizaram apaixonadamente a história cultural. As maneiras de concebê-las podem ser agrupadas em dois grandes modelos de descrição e de interpretação. O primeiro, desejoso de abolir toda a forma de etnocentrismo cultural, trata da cultura popular como um sistema simbólico coerente, que se ordena segundo uma lógica estrangeira e irredutível em relação à da cultura letrada. O segundo, preocupado em recordar a força das relações de dominação e das desigualdades do mundo social, aborda a cultura popular a partir de suas dependências e de suas faltas no que diz respeito à cultura dos dominantes” (2010, p. 45).

ou de uma nação através da sua produção editorial. Não basta que se paute o conhecimento humano a partir das vivências se não incluirmos a história do livro e do impresso nesta sistemática analítica, carregada de conceitos primordiais para a construção social. A construção do livro sustenta a criação da vivência, e as relações sociais possibilitam a disseminação deste mercado editorial que o autor aponta.

Cabe salientar que tal disseminação acompanha um processo de distribuição e apropriação em massa dos impressos, evidenciada assim por Adorno (1985) e sua discussão acerca da Indústria Cultural que, evidentemente, está associada a quem se encarrega de orientar esta produção e distribuição dos impressos.

O conceito trabalhado em meio à Indústria Cultural (ADORNO, 1985) surgiu para dar subsídios às discussões sobre a apropriação do mercado sobre a cultura popular, colocando-a em um processo mercadológico de venda em massa a um público que, consequentemente, através do modelo da repetição, vai pretender consumir aquele produto. Nesta dissertação, utiliza-se o seu estudo a fim de elucidar e contextualizar posteriormente os processos de compreensão acerca da propagação do almanaque para o seu leitor e como se dá isso através de suas matérias.

Comumente, se procura compreender a forma pela qual as produções dos impressos são imaginadas, produzidas e distribuídas não tão somente através do seu editorial, mas sim no contexto sobre que tipo de público irá consumir o produto e com qual intenção se procura atingir esse leitor, estabelecendo uma relação entre o impresso e o público alvo (DARNTON, 1990).

Consequentemente, se faz pensar sobre estas questões a partir da forma com que abordamos o tempo histórico pelo qual estes impressos eram produzidos e distribuídos, sempre dentro da possibilidade de que a investigação histórica, sobre um documento ainda existente, se faz presente possibilitando a construção de uma pesquisa que trate mais precisamente do objeto estudado e como ele procurou atingir o seu público leitor.

O crescimento dos impressos, em destaque o almanaque, está condicionado à maneira pela qual o impresso foi sendo acessado pelo público, sobretudo no estado do Rio Grande do Sul. Uma gama de almanaques foi produzida e a partir disso mensuramos as suas importâncias para a produção do Almanaque do Globo. Por exemplo, entre diversos tipos de produções, salientamos o impresso *Almanak da Vila de Porto Alegre*, produzido por Manoel Magalhães, sendo o primeiro Almanaque produzido no Rio Grande do Sul.

O impresso almanaque, porém, pode-se dizer, perdeu um pouco de força, quando se criou o primeiro impresso jornal no estado gaúcho, o *Diário de Porto Alegre*, de 1827, que tinha como apoiador na época o atual presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, o militar Salvador José Maciel. Assim, o impresso jornal foi tornando-se cada vez mais partidário, onde a produção em massa se intensificou principalmente nos anos 30 do século XIX, tendo em vista os conflitos políticos que se agravaram, sobretudo com o movimento separatista, conhecido como a Revolução Farroupilha.

Se contextualiza as nuances que relacionam o impresso jornal ao impresso almanaque porque, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, houve uma grande influência das partes para a divulgação de suas expressões, articulações e posições. Muitos desses periódicos estavam vinculados a partidos políticos, sendo utilizados por eles como veículos de divulgação de seus ideais. As livrarias, por sua vez, constituíam-se em redes de distribuição, procurando atingir grande parte do estado, almejando convencer — ou cooptar — parcela significativa dos indivíduos que participavam da militância política.

O contexto que se construiu entre o impresso e o leitor cresceu positivamente tendo em vista que a produção dos almanaques, a exemplo o Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul (1889), o Almanaque Popular Brasileiro (1894), o Almanach de Pelotas (1913), o Almanaque do Correio do Povo (1916), o Almanaque do Globo (1917), entre outros, que potencializaram suas seções, principalmente, no âmbito da informação, com propósito não só de lazer, mas também de instrução, por mais que em alguns casos de maneira ideológica. Os almanaques buscaram intervir na vida do leitor diante do que eles vivenciavam diariamente através do ato da leitura.

Diante disto, cabe ressaltar a importância das tipografias e livrarias que tornaram possível que o estudo sobre o anuário da Livraria do Globo se tornasse tão significativo para as compreensões daquilo que abrange os estudos em meio à historiografia do documento histórico para a História Cultural. São elas: Casa Krahe (1869), Livraria Americana (1871), A Tipografia Souza Soares (1874) e Livraria Universal Echenique (1887).

As casas tipográficas citadas acima ajudam a iniciar uma compreensão sobre a materialidade do espaço em que as produções da Globo surgiram, sendo importantes, como falaremos adiante, na formação da cultura pela Livraria do Globo.

Segundo Oliveira (2001), na obra intitulada do *Almanak aos almanaques*, organizado por Marlyse Meyer, os almanaques “permitem formar um quadro acerca da diversidade das atividades urbanas, permitindo a aproximação bastante concreta das características das cidades no passado” (2001, p. 24).

Os almanaques, a exemplo o Almanaque Garnier (1914), seriam fonte de fortalecimento de condições sociais, culturais e técnicas — traduzidas por políticas voltadas à escolarização e instalações de livrarias e tipografias (DUTRA, p. 478), se tornando cada vez mais um plano principal para não só os seus leitores obterem informação e conhecimento sobre o mundo, como também sobre a política e assuntos em geral que iam se tornando ainda mais importantes, devido ao processo progressivo de industrialização que o Brasil passava, principalmente, no início do século XX.

A própria Filosofia, quando vista aos olhos da linguagem, segundo Marcondes (2000), procura estudar a essência da construção dos sujeitos, os seus significados, as suas construções sociais, os seus costumes. Com isso, podemos entender que não somente o processo humano, mas o processo editorial, passa por muitas mãos e que aquele produtor de cultura, de costumes e de linguagem social se modifica e é modificado pelo espaço que partilha. Essa construção é um processo artesanal, assim como o livro e, segundo Barcellos (2017), o próprio editor coloca um pouco de si na obra, um pouco da sua subjetividade.

Portanto, a dimensão que uma construção social toma compreende diversas análises, diversos conceitos que, neste presente projeto, engloba a história da Educação dentro de outras áreas do conhecimento, fazendo com que a análise sobre o objeto-fonte escolhido, as 17 edições do Almanaque do Globo publicadas de 1917 a 1933, seja analisado por diversas nuances e olhares de escritores que também partilham desta história cultural.

Segundo Darnton, “a história cultural e a história da intelectualidade caminham para um processo de convergência no que diz respeito a cultura popular, onde ela é um sintoma de uma mudança dentro da própria história social” (1990, p. 193), logo, a construção da obra e sua disseminação pelos principais meios de divulgação e apropriação resultam em uma modificação inevitável entre o criador e o leitor, na coerção da linguagem e assimilação do objeto proposto.

Diante de tais ponderações, firma-se a escolha do Almanaque do Globo para pesquisa por se tratar de um objeto que, ao mesmo tempo, serve de fonte para

compreendermos a sua construção e a sua relação com o público leitor através da sua categorização dividida, especialmente, em três momentos: informes gerais, parte literária e expediente[6].

O interesse na pesquisa pelo Almanaque do Globo demonstra-se a partir de uma série de questões, mencionadas anteriormente, que não são apenas traduzidas após o surgimento do empreendimento através da Editora Globo no estado. Ademais, o processo do mercado editorial no Rio Grande do Sul ganharia força na segunda metade do século XIX com uma expansão favorável ao processo de modernização dos impressos no estado.

Mesmo com uma formação na Filosofia, pretendi imergir neste estudo por compreender que a história, em meio aos pensamentos de Benjamin, é uma construção arqueológica do saber, e "no decifrar das imagens que os homens construíram sobre a realidade [...] para proceder à leitura de uma época, era preciso decifrar suas representações" (PESAVENTO, 2004, p. 26).

Por mais que existam inúmeras pesquisas sobre a Livraria do Globo e a sua vasta criação, além da tradução e produção, sobretudo editorial, não encontramos nenhum trabalho especificamente realizado sobre o Almanaque do Globo[7] no Google Acadêmico e no banco de dissertações e teses da CAPES. Logo, a pretensão é a de realizar um trabalho que contemple os campos da história da Educação e, além disso, busque decifrar a sua importância desde o momento de sua criação até o término da sua produção.

Diante da produção do impresso almanaque no Rio Grande do Sul, podemos construir um caminho possível de análise, que possibilita a clareza naquilo que possa vir a ser utilizado para pesquisas futuras através da contribuição do Almanaque do

[6] A fim de dar voz aos indivíduos de maneira mais direta, o Almanaque do Globo, da edição de número 1 até a edição de número12ª, utilizou ao final de cada almanaque um espaço para corrigir erros de edições passadas, de pedir auxílio dos leitores para com textos e imagens e realizar concursos. Não se sabe os motivos pelo qual o expediente parou de ser inserido no Almanaque do Globo. Tudo que sabemos é que a edição para o ano de 1928 foi a última. A edição de número 7ª passa a chamar o seu expediente como "Expediente Charadistico do Almanaque do Globo", centralizando-o mais precisamente aos concursos realizados dentro do próprio almanaque, como os concursos de charadistas e os concursos de decifradores.

[7] Quando pesquisada a categoria Almanaque do Globo + Livraria do Globo, encontramos 2.080 pesquisas. Quando pesquisado a categoria Almanaque do Globo + Laudelino Barcellos no Google Acadêmico, por exemplo, encontramos 97 resultados para esta pesquisa. Percebe-se que grande parte dos trabalhos pesquisados buscam abordar a parte gráfica e as produções pós 30 da Livraria do Globo, como a Revista do Globo, sobretudo as ilustrações e a representatividade da mesma.

Globo para os anseios daqueles que os têm, sobretudo da relação entre o impresso e o leitor.

Cabe ressaltar aqui que, além da fonte de estudo em questão, o Almanaque do Globo gerou trabalhos também sobre os seus diretores, mais precisamente sobre Mansueto Bernardi. A seguir, alguns importantes trabalhos que mencionam o Almanaque do Globo e seus diretores, mas sem, especificamente, tratar diretamente dos objetos de representação e categorizações do objeto estudado:

Quadro 1 Relação de títulos importantes que mencionam o Almanaque do Globo

Autor	**Nome do trabalho**	**Tipo**	**Universidade / Editora**	**Ano**
RAMOS, Paula Viviane	Artistas ilustradores: a editora Globo e a constituição de uma visualidade moderna pela ilustração	Tese de Doutorado	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2007
MARINELLO, Adiane Fogali	Quando o poeta toma partido: literatura e política em Mansueto Bernardi	Dissertação de Mestrado	Universidade de Caxias do Sul	2005
VIEIRA, Júnia Cristina Vaz	As coleções da Editora Globo de Porto Alegre: inovação e ineditismo (1930-1960)	Dissertação de Mestrado	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	2017
RAMOS, Paula	A Modernidade Impressa: Artistas Ilustradores da Livraria do Globo - Porto	Livro	UFRGS Editora	2017

	Alegre			
BARCELLOS, Marília de Araújo	As relações do campo literário: o caso Erico Verissimo: entre 1930 e 1950	Dissertação de Mestrado	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2000
CARVALHO, Jéferson Luís Marinho de	Almanack da Parnahyba: leituras da educação em suas páginas: 1924-1982	Tese de Doutorado	Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos	2016
TORRESINI, Elizabeth Rochadel	Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40	Livro	UFRGS Editora	1999
BERTASO, José Otavio	A Globo da Rua da Praia	Livro	Editora Globo	1993
VERISSIMO, Érico	Um certo Henrique Bertaso	Livro	Editora Globo	1973
AMORIM, Sônia Maria	Em Busca de um tempo perdido: Edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930 - 1950)	Livro	Editora UFRGS	1999
RAMIL, Chris de Azevedo	A Coleção Tapete Verde: do projeto à sua produção gráfica (década de 1970 - Rio Grande do Sul)	Dissertação de Mestrado	Universidade Federal de Pelotas	2013

SEGOVIA, Gigliane Ferreira	O papel desempenhado pela Livraria Universal na cidade de Pelotas no período de 1887 a 1934	Dissertação de Mestrado	Universidade Federal de Pelotas	2014
ARRIADA, Eduardo	Livrarias e Editoras no Rio Grande do Sul: o Campo editorial do livro didático	Artigo - ANPED	PPGE/FAE/UFPel	2012

Fonte: Quadro organizado para sistematizar a pesquisa realizada pelo pesquisador (2018).

Cabe ressaltar que as 17 dezessete edições do Almanaque do Globo foram analisadas diretamente na fonte, obtidas em conjunto aos seguintes órgãos: as seis primeiras edições acessadas ao Centro de Documentação (CEDOC), vinculado ao Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE) da Universidade Federal de Pelotas; outras 11 edições foram acessadas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) através da coleta de dados realizada na cidade de Porto Alegre, no mês de novembro de 2017; o restante do acervo foi consultado na Biblioteca Pública Pelotense, da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul[8], onde encontramos algumas edições antes da pesquisa na capital do estado.

Nesta perspectiva, esta dissertação se divide em três momentos para a discussão e explanação sobre os resultados obtidos até o momento de concluirmos esta dissertação e entregar para apreciação de seus leitores.

No capítulo 1, utilizamos o título de abertura como *A construção histórica e sociocultural de uma livraria no Rio Grande do Sul: o caso da Livraria do Globo*, para apresentarmos ao público, primeiramente, um embasamento teórico-metodológico acerca da historicidade que abarca toda a construção material e imaterial da Livraria do Globo. Diante disto, não podemos deixar de falar sobre os anseios, ambições e projetos iniciais que conduziram a Livraria do Globo ao seu sucesso mundial, para

[8] Ademais o pós-graduando possui o acervo completo, em formato digitalizado, adquirido através das mãos do até então gerente Michelangelo Viana, da Biblioteca Central Irmão José Otão, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), o qual agradeço imensamente pelo presente.

além do Globo. O capítulo está subdividido em três partes, em que traçamos um elo entre o surgimento da Livraria, a sua produção como editora e a sua conquista, expansão e produção no mercado editorial.

No segundo capítulo, intitulado *Uma Contextualização Historiográfica sobre os Almanaques*, adentramos o universo dos almanaques. Formato que recebeu uma ampliação na sua produção e distribuição no Brasil, consequentemente no Rio Grande do Sul, sobretudo na segunda metade do século XIX, os almanaques oportunizaram com que as editoras e casas tipográficas pudessem pôr suas falas e os seus convívios sociais dentro de um anuário. Os almanaques passaram a produzir conhecimento, cultura e práticas de se ler e absorver um impresso. Notoriamente, ele se fez um material de extrema importância, servindo como base para produções do século XX, como o *Almanaque do Globo*.

No terceiro e último capítulo, adentramos então ao objeto e fonte desta dissertação, colocando-o como principal estudo, apresentando suas principais características, matérias, diretores, dentre outras questões. Intitulado *A história impressa do Almanaque do Globo: sua literatura, seu editorial e os seus guias para a educação do campo*, fazemos uma análise geral sobre as dezessete edições do Almanaque do Globo, pontuando três de tantas categorias que o almanaque possui.

A literatura, os guias e indicações úteis, complementando com o seu editorial, ajudam a transformar o almanaque em um impresso singular, para toda a vida daquele que o consumiu e ainda consome. Subdividido em duas partes, mostraremos a relação do almanaque com as suas matérias, pensadas e colocadas ali por seus diretores, ao mesmo tempo que estas se fazem presentes na vida dos indivíduos, atravessando diversas culturas, subjetividades e classes sociais.

Sendo assim, convido a todos e todas para apreciar, buscar a compreensão e assimilar todas as informações que encontramos a fim de compor esta dissertação. Esperamos que este capítulo de entrada, *A construção histórica e sociocultural de uma livraria no Rio Grande do Sul: o caso da Livraria do Globo*, faça com que o leitor se sinta imerso na história da pesquisa, tantas vezes contada por outros pesquisadores, porém, sob um olhar de que o seu primeiro grande projeto editorial, do Almanaque do Globo, busque agraciar e convidar mais amantes pela leitura do impresso.

1 A construção histórica e sociocultural de uma livraria no Rio Grande do Sul: o caso da Livraria do Globo

Esta dissertação, a partir do estudo do impresso Almanaque do Globo, busca tratar do mesmo como uma análise acerca do seu objeto como, também, fonte de pesquisa. Para isso, segundo Pesavento, podemos compreender que a história, "é uma construção narrativa da representação sobre o passado, e que se desdobra nos estudos da produção e da recepção dos textos" (2004, p. 69). Buscou-se identificar, através de uma pesquisa nas principais bibliotecas do estado, quais possuíam edições do Almanaque do Globo. Segue o quadro:

Quadro 2 Edições do Almanaque do Globo disponíveis em Bibliotecas no Estado.

Biblioteca / Centro de Documentação	**Localidade**	**Edições Disponíveis**
Biblioteca Pública Pelotense	Pelotas	1919, 1920 e 1930
CEDOC/FaE/UFPel	Pelotas	1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 1922 e 1925
Museu de comunicação Hipólito José da Costa	Porto Alegre	1918, 1919, 1921 e 1928
Irmão José Otão (Acervo Histórico)	Porto Alegre	1918, 1919, 1921, 1922, 1923, 1924, 1926, 1927, 1930 e 1932
Irmão José Otão (Acervo pessoal Júlio Petersen (consulta local)	Porto Alegre	1917, 1918, 1919, 1920, 1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930, 1931, 1932 e 1933
Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul	Porto Alegre	1917, 1919, 1921, 1922, 1926, 1927, 1928 e 1931

Fonte: Pesquisa realizada em sites de busca sobre o acervo do Almanaque do Globo em Bibliotecas do Rio Grande do Sul (2017).

A interpretação da realidade, sob o aparato histórico, formula as suas falas, os seus pretextos, em correntes cíclicas não só de acontecimentos, mas também de ideias que se modernizam ao longo do tempo. Diante disto, a História Cultural, por exemplo, é um celeiro de circunstâncias existenciais, além de históricas, sobre uma cultura moldada na sociedade e por sociedades, por coletivos, por sujeitos.

Para Barcellos (2017), no século XIX, o sistema de montagens e organizações das obras impressas eram vistas como mais automatizadas, impulsivas. Se o leitor desta dissertação for enxergar como um processo lento, pode acabar tomando algumas teorizações que não condizem totalmente com o que foi a projeção do impresso e das livrarias no século XIX.

Uma livraria que iniciasse seu trabalho como uma papelaria abrangeria em seu contexto social uma enormidade de sentidos e significados, protagonizados por uma gama enorme de autores, leitores e apoiadores. Construir um conceito pressupõe que tenha ocorrido uma concepção *a priori* sobre o estado de origem da criação do conceito. Seja ele material ou imaterial, a sua representatividade está ligada aos pressupostos do passado. Segundo Amorim (1999), o processo de crescimento era visto nas próprias prateleiras da livraria:

> Nas prateleiras da Livraria, os títulos que o gosto variado do público pede e que o "faro" comercial de Laudelino logo detecta: traduções de autores Franceses (Alexandre Dumas Filho, Émile Zola, Victor Hugo), escritores clássicos portugueses (Camilo, Herculano, Guerra Junqueiro) alguns brasileiros para os adultos (poesias de Castro Alves, romances românticos de Macedo e Alencar, um pouco de Machado). Folhetins sentimentais e de capa-e-espada [...] Sem contar os livros didáticos, de venda garantida, e os sempre *best-sellers*: Moderna Caligrafia, Cartas Comerciais, Cartas Familiares, Cartas de amor (AMORIM, 1999, pp. 22-23).

Tratando da cultura material[9] como alicerce nas discussões de padrões sociais, um entre tantos impressos que merece destacar-se pela sua contribuição cultural ao longo da história do mercado editorial são os almanaques. Constituindo este trabalho a partir da análise documental do Almanaque do Globo, primeiro grande empreendimento da Livraria do Globo, buscamos demonstrar de que forma foi

[9] Para ajudar na compreensão sobre onde se situa a cultura material no presente texto, absorvermos uma citação de Chartier que melhor explica os anseios para com a contribuição da cultura aos mercados editoriais dos almanaques. "Conduzir a história da cultura escrita dando-lhe como pedra fundamental a história das representações é, pois, vincular o poder dos escritos ao das imagens que permitem lê-los, escutá-los ou vê-los, com as categorias mentais, socialmente diferenciadas, que são as matrizes das classificações e dos julgamentos" (CHARTIER, 2010, p. 52).

constituído os seus dizeres, as suas categorias e o seu diálogo entre a Livraria do Globo e o seu público. Seja por suas propagandas ou pelo crescimento da empresa, a Livraria do Globo expandiu-se e multiplicou-se em diversas filiais pelo Rio Grande do Sul.

É realmente importante que possamos compreender modelos editoriais e sociais que construíram a história da editora. Constituir uma história parte da compreensão do estudo daquele objeto construído com as ações propostas pelas linguagens ao longo dos anos, assim como daqueles que providenciam que estas ações se concretizem na sociedade. Isto acaba por formar as identidades dos sujeitos e dos projetos que, outrora criados, permanecem naquele meio no qual são construídos.

A linguagem histórica e cultural se engaja na representação a partir dos mais diversos modelos de correntes e de multiplicidades que os objetos e as fontes de revelam ao escritor, nos mais variados centros de análise que visam a representação histórica como atuante no convívio cultural dos indivíduos. O processo se torna longínquo quando o protagonismo passa a agir diante de diversos personagens e, assim como na filosofia, a linguagem permite uma verificação minuciosa sobre as mais diversas facetas de demonstrações sobre aquilo que é real. Para a história, cabe evidenciar o lugar de fala e ação sobre a construção histórica dos sujeitos através do estudo dos fatos e das fontes que os objetos protagonizam para com estes mesmos sujeitos. Segundo Park (1999):

> Assumindo que as palavras representam a relação do homem com o mundo que, ao criar as palavras, modifica o mundo, que modifica o homem, a relação com o objeto almanaque passa pelo contar, marcar, trabalhar com o número, estabelecendo uma correspondência com o cotidiano humano. Relação que ajuda e propicia a ordenação de um mundo sobre o qual se pretende um controle, uma previsão, através do tempo. O tempo contado (PARK, 1999, p. 41).

Os aspectos literários e editoriais que as obras carregam em suas produções são determinadas através da relação entre os indivíduos e o contexto histórico de cada região, dando riqueza e uniformidade às obras.

Sobretudo algumas tipografias e, ao longo da modernização do impresso e do circuito editorial, também as casas editoriais procuraram construir produções que transmitisse utilidade e aspectos didáticos ao público e, ao decorrer do século XIX e começo do século XX, pretendidas atribuições começaram a ser introduzidas e

implementadas nas produções de cada casa editorial, muitas vezes juntamente para com a opinião pública. Falaremos nesta dissertação sobre a maneira que as falas estavam engajadas e incorporadas nas construções materiais e imateriais a partir dos construtores destes cenários.

Vale ressaltar porém que seja pelo posicionamento crítico-partidário ou apartidário, seja pela anulação de conceitos pré-determinados ou ainda pela alienação perante a produção comercializada, o que se pensava era em uma intensidade, uma força na produção e disseminação do que era produzido.

Fazer parte deste processo de comercialização era contribuir para tudo aquilo produzido. As histórias e as leituras construíram maneiras de se propagar o que se construía em sociedade e a Livraria do Globo pôde propor, na sua amplitude, a ampliação de um mercado editorial que beneficiou a si e aos outros produtores de cultura literária do seu tempo — e além.

Logo a seguir, ainda neste primeiro capítulo, procurou-se discernir sobre as principais nuances que constituem uma Livraria: seu espaço, seus anseios, suas ambições, seus atores e seus autores de um tempo presente até hoje.

1.1 Ampliação do mercado Editorial no Rio Grande do Sul: A Livraria do Globo

Em meio a um processo importante que o estado do Rio Grande do Sul passava em plena segunda metade do século XIX, principalmente no contexto político, os periódicos produzidos procuraram dialogar juntamente aos planos do Partido Republicano Rio-Grandense, sobretudo de expansão de sua política no estado. Muitos destes periódicos, inicialmente os jornais, eram acompanhados da nomenclatura de órgão do partido republicano, a exemplo dos jornais *A Federação* e o *Diário Popular,* de Pelotas, fazendo com que se propagasse pelo estado a nova política de governo rio-grandense.

Em contrapartida, mas não tão distante, as produções de outros produtos textuais auxiliaram não tão somente ao processo político, mas sim literário, como proposta de levar, principalmente ao público mais marginalizado, uma cultura erudita que saísse dos principais campos de lazer.

Com a entrada da modernização no século XX, a base formadora dentre as livrarias seria pensada a partir da comercialização massiva oportunizada por este progresso modernizador. Por mais que se obtivessem anseios dentro de seus

espaços, os editores, em conjunto com seus colaboradores, em especial, a Livraria do Globo, procuraram proporcionar ao seu público leitor maneiras de popularizar as suas produções. Como falaremos em breve, a principal maneira pensada foi o Almanaque do Globo.

Diante dos processos de modernização do circuito cultural e editorial no Rio Grande do Sul, Laudelino Pinheiro de Barcellos e Saturnino Pinto, antes de criarem a Livraria do Globo, na rua da Praia, na cidade de Porto Alegre em 1883, iniciaram suas ações empreendedoras na mão de obra frente ao comércio hoteleiro. Comércio este que não prosperou, pois, sob inspiração da já conhecida livraria Gundlach, Barbosa Lessa conta:

> Mas o que realmente o fez parar, já com a imaginação ligada, foi o largo salão da livraria Gundlach. Ponto de encontro, nos sábados à tarde, dos figurões políticos da província e dos intelectuais remanescentes da Sociedade Parthenon Literária. Ponto de convergência: Visconde de Pelotas, conselheiro Henrique Francisco de Avila, gente desse naipe. Ponto de ligação de Porto Alegre com o mundo, através dos anuários Almanaque Bertrand e Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro e dos periódicos LIllustration, Le Petit Journal, Le Figaro e Le Monde (LESSA, 1983, p. 5).

Diante disso, Laudelino “grita mentalmente: Achei! Meu negócio vai ser uma livraria! Urbi et orbi! Da cidade para o mundo! De Porto Alegre para o Globo” (LESSA, 1983, p. 5). Iniciaria, com quase nenhum suporte financeiro, a Livraria do Globo. “O capital de ambos mal chegava a 10 contos de réis, mas Laudelino confiava no futuro” (1983, p. 5). A alternativa das primeiras Livrarias seria a de funcionar como um empreendimento que compreendesse a venda de uma enormidade de coisas, como papéis, folhas, cadernos e até mesmo produtos para manutenção residencial.

> Enquanto houver crianças no mundo, vai haver escolas pedindo papel, lápis, pena, caneta, lousa, giz, borracha, tinta, tinteiro e mataborrão. Enquanto houver namorados, eles vão precisar de envelopes para as suas cartas de amor. Nem todo mundo compra jóias no Masson, ou confeitos no Schramm, mas todas as lojas precisam de papelarias. Tu já tentaste fazer um pacote sem papel? (LESSA, 1983, p. 5).

Mesmo que o capital fosse baixo, o mercado editorial e impresso do Rio Grande do Sul estaria sendo impulsionado por já existirem, no estado, casas tipográficas que editavam livros e já possuíam impressões nos seus estabelecimentos.

Em todo processo histórico que acompanhou o surgimento da Livraria do Globo, em 1883, e o seu desfecho no Rio Grande do Sul no ano de 1956 ao se tornar sociedade anônima, um vasto lastro editorial foi alcançado, onde inúmeros projetos foram realizados e que servem, até os dias de hoje, como um vasto material de pesquisa de memória, história e cultura. Otavio Bertaso (1993) explica um pouco sobre como se deu a expansão editorial da Livraria:

> A perspectiva que a seção editora da Livraria do Globo tinha diante de si era criar linhas editoriais inovadores. No Brasil, muito pouco se traduzia, no campo da literatura, fora da língua francesa. A opção era introduzir autores contemporâneos de língua inglesa e até alemães e italianos - sem abandonar o gosto nacional pela cultura francesa. Para contrabalançar, além de autores regionalistas, dever-se-ia expandir as oportunidades de publicação a autores brasileiros de maneira geral. A fim de conquistar o grande público, a saída eram os romances policiais e de aventuras. Para as mulheres, ainda concentradas na vida do lar, poderiam ser lançados romances de amor, a chamada literatura rósea. A crescente escolarização justificava a abertura de uma bem cuidada linha de livros didáticos, abrangendo o que hoje designaríamos 1º, 2º e 3° graus, bem como obras de divulgação científica e histórica (BERTASO, 1993, p. 21).

Ainda que pensasse na abrangência positiva da Editora no âmbito estadual e, progressivamente, no âmbito nacional, se institucionalizou que fosse produzida uma seção destinada somente para as mulheres. Em um tempo histórico, no qual é presente até hoje, sistemas de segregação estavam incorporados na sociedade, em que a subversão sob o aparelho de manifestação feminina era extremamente forte e o espaço de fortalecimento feminino crescia frente a opressão.

Por mais que o espaço da mulher nas produções impressas estivesse segmentado, elas foram tomando o espaço na Livraria como produtoras de conteúdo e auxiliando na atuação da Livraria no estado, como aconteceu com a professora Maria da Glória Bordini, por exemplo[10].

[10] Sobre Maria da Glória Bordini, conta José Otávio Bertaso: “A última pessoa que contratamos naquela operosa década de 60 foi Maria da Glória Bordini, que fora, por outros meses após sua formatura, auxiliar de ensino no curso de Letras da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, até ser expurgada pelo Ato Institucional nº5. Em 1969, período mais crítico e negro pós-golpe de 1964, havia se instalado na Faculdade de Filosofia da UFRGS um processo de perseguições que, na minha opinião, eram mais de ordem pessoal, eivadas de inveja e mesquinharia, do que propriamente ideológicas [...] Naquela época Maria da Glória Bordini era uma fiel cumpridora dos seus deveres escolares e traduziu sozinha a alentada obra de Samuel Taylor Coleridge *Biographia Literaria*, uma espécie de bíblia do romantismo inglês, da versão original do século XIX.” (1993, pp. 194-195). Além de auxiliar ativamente a Livraria, ela também foi responsável pela aproximação de Mario Quintana à Livraria, onde passou a produzir mais incisivamente após estar internado por problemas etílicos, isto na década de 1940/50. Posteriormente, no outono de 1975, Quintana, da janela da Livraria, então situada no Bairro Menino Deus, falou para Bordini e José Otávio “Que belo mapa da cidade” (1993, p. 198). Ali, naquele instante, rabiscou um dos seus principais poemas, *Mapa*.

No que tange os processos de modernização da Livraria do Globo, algumas peculiaridades não podem ser deixadas de lado, como resquícios daquilo que um dia fez parte do progresso da Livraria do Globo no circuito editorial:

Figura 1 Fragmento de matrizes utilizadas para impressão na Editora Globo e calculadora Americana

da marca Burroughs (década de 1950) usada nos escritórios da Livraria do Globo
Fonte: Memorial da Livraria do Globo situado na Rua das Andradas, 1416 - Porto Alegre/RS.

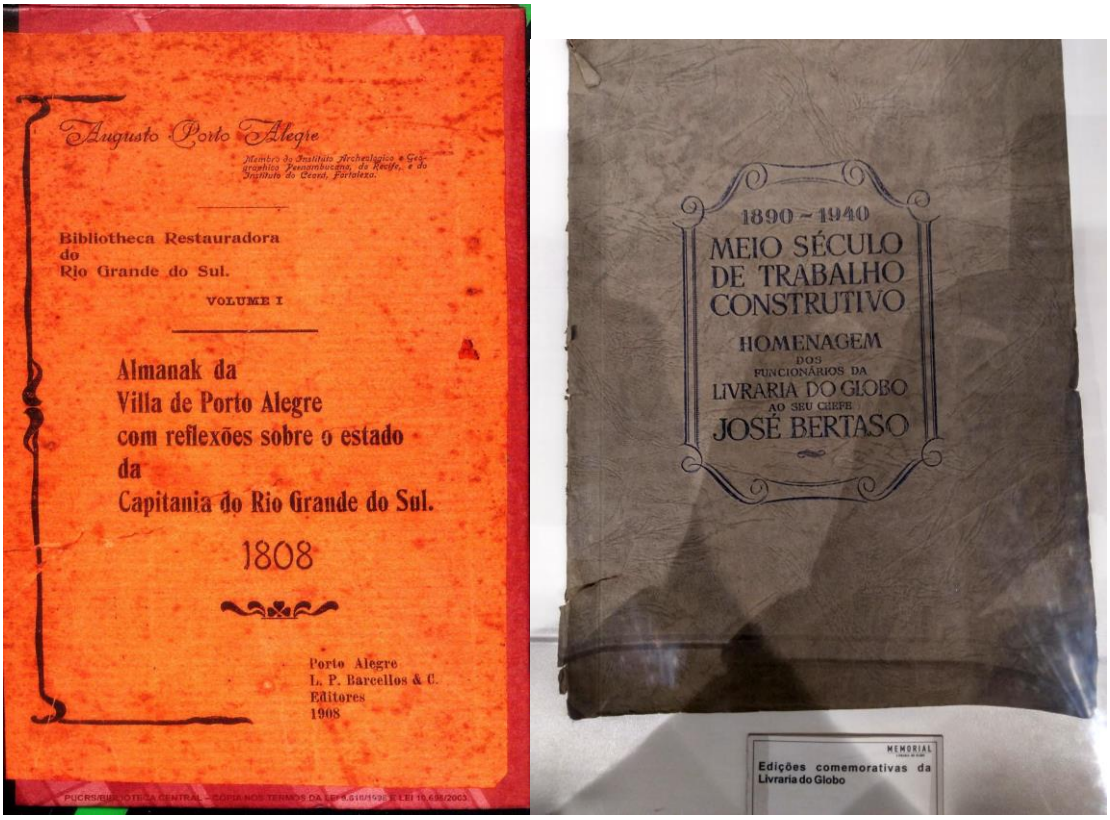


Figura 2 Edições comemorativas editadas pela Livraria do Globo

Fonte: Memorial da Livraria do Globo situado na Rua das Andradas, 1416 - Porto Alegre/RS.

Diante da projeção do Almanaque do Globo (1917-1933) para o público leitor, se pensou, a partir da modernização do impresso da própria Livraria do Globo[11] que a produção em larga escala, principalmente da seção de literatura, deveria se sobrepor aos outros produtos que eram vendidos nas livrarias. Com isso, com relação a Livraria do Globo, segundo o que consta no *Relatório da Diretoria (1883 - 1983)*, Barbosa Lessa dispõe ao leitor a área de atuação e circulação da livraria no Rio Grande do Sul, mostrando, assim, os resultados sobre o projeto que começou em 1883 com Laudelino P. Barcelos e Saturnino Alves Pinto:

[11] "A instalação da primeira linotipo em Porto Alegre, em 1909, representou assim o grande passo que que colocava as oficinas gráficas da Globo, em matéria de tecnologia, muito à frente de seus concorrentes. Houve tipógrafos, desses concorrentes, que pediam licença para ver de perto se a tal bruxaria funcionava mesmo, e saiam boquiabertos ante a confirmação de que a máquina trabalhava praticamente sozinha, como se tivesse um cérebro para compor as linhas de chumbo" (LESSA, 1983, p. 8).

Quadro 3 Ramificação da Livraria do Globo do Rio Grande do Sul.

Em Porto Alegre	Rua das Andradas, 1416 Av. Assis Brasil, 1999 Av. Getúlio Vargas, 1271[12] Av. Protásio Alves, 795 Rua 24 de outubro, 924 Av. Franklin Roosevelt, 1437
No Interior	Rua Marechal Floriano, 14 - Pelotas Rua Marechal Floriano, 295 - Rio Grande Rua Dr. Bozano, 1271 - Santa Maria Rua 15 de Janeiro, 481 - s/230-231 - Canoas Rua Joaquim Nabuco, 779 - Novo Hamburgo Av. Independência, 900 - São Leopoldo Av. Júlio de Castilhos, 1604 - Caxias do Sul Av. Presidente Vargas, 2809 – Uruguaiana

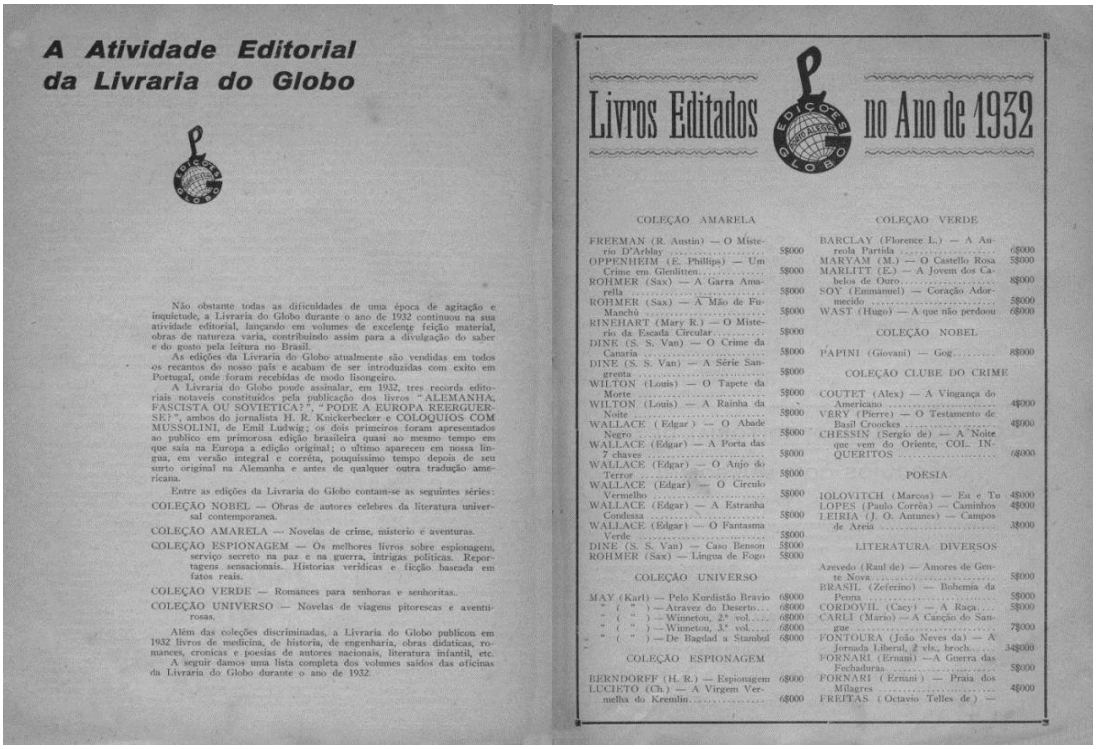
Fonte: Lessa (1983, p. 22).

A Livraria do Globo, principalmente com a produção do Almanaque do Globo, proporcionou ao leitor a cultura diante de suas páginas e, no próximo item, poderemos analisar de que forma esse processo de educação, na história do impresso e criação editorial, pôde vir a ser benéfico para a população gaúcha.

[12] *Não obstante a ramificação das atividades Globo em todo o país, o centro de decisão continua sendo sediado em Porto Alegre, com os gabinetes da Diretoria à Avenida Getúlio Vargas, 1271.

1.2 De Tipografia à casa Editorial: o surgimento da Editora Globo

A Livraria do Globo, imersa no rumo que as tipografias e casas editoriais estavam tomando no Rio Grande do Sul, iniciava o seu ramo de traduções essencialmente de autores franceses, escritores clássicos portugueses e alguns escritores brasileiros[13].



A Atividade Editorial da Livraria do Globo

Não obstante todas as dificuldades de uma época de agitação e inquietude, a Livraria do Globo durante o ano de 1932 continuou na sua atividade editorial, lançando em volumes de excelente feição material, obras de natureza varia, contribuindo assim para a divulgação do saber e do gosto pela leitura no Brasil.

As edições da Livraria do Globo atualmente são vendidas em todos os recantos do nosso país e acabam de ser introduzidas com exito em Portugal, onde foram recebidas de modo lisongeiro.

A Livraria do Globo pode assinalar, em 1932, tres records editoriais notaveis constituidos pela publicação dos livros "ALEMANHA, FASCISTA OU SOVIETICA?", "PODE A EUROPA REERGUER-SE?", ambos do jornalista H. R. Knickerbecker e COLOQUIOS COM MUSSOLINI, de Emil Ludwig; os dois primeiros foram apresentados ao publico em primorosa edição brasileira quasi ao mesmo tempo em que saia na Europa a edição original; o ultimo apparecen em nossa lingua, em versão integral e correcta, pouquissimo tempo depois de seu surto original na Alemanha e antes de qualquer outra tradução americana.

Entre as edições da Livraria do Globo contam-se as seguintes séries:

COLEÇÃO NOBEL — Obras de autores celebres da literatura universal contemporanea.

COLEÇÃO AMARELA — Novelas de crime, misterio e aventuras.

COLEÇÃO ESPIONAGEM — Os melhores livros sobre espionagem, serviço secreto na paz e na guerra, intrigas politicas. Reportagens sensacionais. Historias veridicas e ficção baseada em fatos reais.

COLEÇÃO VERDE — Romances para senhoras e senhoritas.

COLEÇÃO UNIVERSO — Novelas de viagens pitorescas e aventurosas.

Além das coleções discriminadas, a Livraria do Globo publicou em 1932 livros de medicina, de historia, de engenharia, obras didaticas, romances, cronicas e poesias de autores nacionais, literatura infantil, etc.

A seguir damos uma lista completa dos volumes saidos das oficinas da Livraria do Globo durante o ano de 1932.

Livros Editados no Ano de 1932

COLEÇÃO AMARELA

FREEMAN (R. Austin) — O Misterio D'Arblay ..... 5$000
OPPENHEIM (E. Phillips) — Um Crime em Glenlitten ..... 5$000
ROHMER (Sax) — A Garra Amarella ..... 5$000
ROHMER (Sax) — A Mão de Fu-Manchú ..... 5$000
RINEHART (Mary R.) — O Misterio da Escada Circular ..... 5$000
DINE (S. S. Van) — O Crime da Canaria ..... 5$000
DINE (S. S. Van) — A Série Sangrenta ..... 5$000
WILTON (Louis) — O Tapete da Morte ..... 5$000
WILTON (Louis) — A Rainha da Noite ..... 5$000
WALLACE (Edgar) — O Abade Negro ..... 5$000
WALLACE (Edgar) — A Porta das 7 chaves ..... 5$000
WALLACE (Edgar) — O Anjo do Terror ..... 5$000
WALLACE (Edgar) — O Circulo Vermelho ..... 5$000
WALLACE (Edgar) — A Estranha Condessa ..... 5$000
WALLACE (Edgar) — O Fantasma Verde ..... 5$000
DINE (S. S. Van) — Caso Benson 5$000
ROHMER (Sax) — Lingua de Fogo 5$000

COLEÇÃO UNIVERSO

MAY (Karl) — Pelo Kurdistão Bravio 6$000
" (") — Atravez do Deserto... 6$000
" (") — Winnetou, 2.º vol.... 6$000
" (") — Winnetou, 3.º vol.... 6$000
" (") — De Bagdad a Stambul 6$000

COLEÇÃO ESPIONAGEM

BERNDORFF (H. R.) — Espionagem 6$000
LUCIETO (Ch.) — A Virgem Vermelha do Kremlin ..... 6$000

COLEÇÃO VERDE

BARCLAY (Florence L.) — A Aureola Partida ..... 6$000
MARYAM (M.) — O Castello Rosa 5$000
MARLITT (E.) — A Jovem dos Cabellos de Ouro ..... 8$000
SOY (Emmanuel) — Coração Adormecido ..... 5$000
WAST (Hugo) — A que não perdoou 6$000

COLEÇÃO NOBEL

PAPINI (Giovani) — Gog ..... 8$000

COLEÇÃO CLUBE DO CRIME

COUTET (Alex) — A Vingança do Americano ..... 4$000
VERY (Pierre) — O Testamento de Basil Crockes ..... 4$000
CHESSIN (Sergio de) — A Noite que vem do Oriente, COL. INQUERITOS ..... 6$000

POESIA

IOLOVITCH (Marcos) — Eu e Tu 4$000
LOPES (Paulo Corrêa) — Caminhos 4$000
LEIRIA (J. O. Antunes) — Campos de Areia ..... 3$000

LITERATURA DIVERSOS

Azevedo (Raul de) — Amores de Gente Nova ..... 5$000
BRASIL (Zeferino) — Bohemia da Penna ..... 5$000
CORDOVIL (Cacy) — A Raça .... 5$000
CARLI (Mario) — A Canção do Sangue ..... 7$000
FONTOURA (João Neves da) — A Jornada Liberal, 2 vls., brech..... 34$000
FORNARI (Ernani) — A Guerra das Fechaduras ..... 5$000
FORNARI (Ernani) — Praia dos Milagres ..... 4$000
FREITAS (Octavio Telles de) —

Figura 3 Propaganda de livros comercializados pela Editora do Globo no Almanaque do Globo.

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS.

Através da pesquisa feita por Arriada e Tambara (2014), nota-se alguns pontos sobre a tradição local em meio às suas especificidades para a composição de um centro cultural e predominantemente focado no impresso que circulava na região Sul do estado do Rio Grande do Sul, mais propriamente na cidade de Pelotas que, em alguns casos, expandiram seu leque de produção para outros locais, como Rio Grande e Porto Alegre.

[13] Segundo Amorim, na obra *Em busca de um tempo perdido: edição da literatura traduzida pela editora globo (1930 - 1950)*, "poesias de Castro Alves, romances românticos de Macedo e Alencar, um pouco de Machado)" (1999, p. 22).

> Embora existisse um ambiente favorável à criação de diversos estabelecimentos industriais e comerciais - decorrência de uma modernidade em construção, onde progresso e civilidade se impunham (uma malha de transporte se organizava, um porto que aos poucos se adequava a novas funções) -, a estrutura social impregnada de relações de trabalho escravagista limitava em muito a estruturação de um parque gráfico voltado para edições de livros. Sendo assim, acabavam essas pequenas tipografias editando eventualmente, e em casos muito pontuais, algumas obras (ARRIADA; TAMBARA, 2014, p. 234).

Sabendo da importância da produção de obras para a localidade pela qual surgiria tal empresa, percebe-se o grande significado que as tipografias tiveram, após a metade do século XIX, em meio a este excesso de produções locais. A linotipo, consequentemente, além de potencializar, organizaria estas produções, promovendo a inserção produtiva praticamente toda voltada a produções locais, de autores da região, no âmbito literário, como também no acesso do leitor a informação. A Livraria do Globo não foi precursora no mercado editorial no Rio Grande do Sul, mas foi a primeira a impor uma linotipo no estado e a primeira grande tradutora de livros pós-1920, sobretudo pelo ingresso de Érico Veríssimo na seção de editora da livraria e com a colaboração de diversos literatos da época, como Mario Quintana.

> Carlos Reverbel, que foi secretário da Revista do Globo e da editora, conta da admiração de Brito Broca ao ver Mario Quintana traduzir Proust. [...] Excelente crítico literário, autor de *A Vida Literária no Brasil em 1900*, era um dos maiores especialistas em literatura francesa. Portanto, ao observar Mario Quintana traduzir Proust como se estivesse copiando um texto numa folha de papel almaço, ficou impressionado. Os longos períodos proustianos eram traduzidos por Quintana sem a menor hesitação (BERTASO, 1993, p. 97).

Na entrada dos anos 30 do século XX, Henrique Bertaso percebeu que poderia obter maior ajuda de Érico Veríssimo na seção editora da livraria, principalmente após o lançamento das primeiras edições da Revista do Globo[14], que teve inicialmente a

[14] A Revista do Globo, assim como a Livraria do Globo, está ligada a Porto Alegre e a todo o Estado. Circulou de 5 de janeiro de 1929 até 17 de fevereiro de 1967, contando 941 fascículos e dois números especiais: um sobre a Revolução de 30 e outro sobra a grande enchente de 1941, totalizando 943 fascículos. Geralmente com 80 ou 90 páginas, destinava-se ao público em geral, até mesmo às crianças; texto e imagem dividiam espaço, mas sempre com muita informação. Chegando aos sábados aos lares rio-grandenses, invariavelmente a cada quinze dias (de 10/01/31 a 28/02/31 foi semanal), durante 37 anos e dois meses, o periódico tornou-se importante veículo de cultura de massa, que divulgava, entre outros assuntos, a literatura e a arte em geral, ao lado de acontecimentos sociais e políticos, moda, humor, cinema e esportes.
Fonte: DELFOS/PUCRS. Acessado em: 05/03/18 às 18:50. Link disponível em: http://www.pucrs.br/delfos/?p=globo)

direção do próprio Érico na composição das seções desta revista. Segundo Otávio Bertaso, na obra *Globo da Rua da Praia*, Érico “tinha mais utilidade para a empresa se passasse a trabalhar na editora” (p. 21, 1993).

Logo, Henrique Bertaso convidou Érico Veríssimo para dar conta da Revista do Globo enquanto o próprio Érico, além de trabalhar agora na seção editora juntamente a Henrique Bertaso, passaria a receber um aumento, descobrindo, posteriormente, que o mesmo viria do próprio bolso de Henrique.

> A perspectiva que a seção editora da Livraria do Globo tinha diante de si era criar linhas editoriais inovadoras. No Brasil, muito pouco se traduzia, no campo da literatura, fora da língua francesa. A opção era introduzir autores contemporâneos de língua inglesa e até alemães e italianos - sem abandonar o gosto nacional pela cultura francesa. Para contrabalançar, além de autores regionalistas, dever-se-ia expandir as oportunidades de publicação a autores brasileiros de maneira geral (BERTASO, 1993, p. 21).

Segundo José Otávio Bertaso, o pensamento empreendedor de Henrique e Érico iria alcançando um grande espaço dentro da própria Livraria. Como resultado, em 6 anos foram publicados diversos livros pela Livraria do Globo com a ajuda de Estevão Cruz[15], entre eles:

Quadro 4 Publicações da Livraria do Globo entre os anos de 1930 e 1935.

Nome do Autor	Nome do Livro
Theodemiro Tostes	Bazar
Ernani Fornari	Guerra das Fechaduras
Zeferino Brasil	Boêmia da Serra
Paulo Corrêa Lopes	Caminhos
Telmo Vergara	Seu Paulo Convalesce
Dante de Laytano	Colecionadores de Emoções
Oswald de Andrade	Os Condenados
Cyro Martins	Campo Fora

[15] Segundo Bertaso na obra *A Globo da Rua da Praia*, Estevão cruz foi um colaborador da Livraria do Globo a fim de auxiliar na expansão de livros didáticos da Livraria. “Juntamente com obras de sua autoria, como *Compêndio de Filosofia*, *Teoria da Literatura*, *História da Literatura Brasileira*, entre outros títulos, Estevão Cruz organizou um programa de livros didáticos para os três níveis, abrangendo tanto as áreas humanísticas como as das ciências exatas” (1993, p. 23)

Darcy Azambuja	No Galpão
Vianna Moog	Testamento de uma Geração
Murilo Mendes e Jorge de Lima	Tempo e Eternidade
Reinaldo Moura	Ronda dos Anjos Sensuais
Athos Damasceno Ferreira	Poemas de Minha Cidade
Menotti Del Picchia	Kalum, Mistério do Sertão
Cecília Meirelles	A Festa das Letras
Câmara Cascudo	Vaqueiros e Cantadores
Rivadávia de Souza	Pé de Moleque
Ângelo Guido	O Reino das Mulheres sem lei
J. Simões Lopes Neto	Contos Gauchescos e Lendas do Sul
Souza Júnior	Enquanto a Morte não vem
Mário de Andrade	Namoros com a Medicina
Graciliano Ramos	A Terra dos Meninos Pelados
Álvares de Azevedo	Noites na Taverna
Mario Quintana	A Rua dos Cataventos
Dyonelio Machado	Os Ratos

Fonte: BERTASO (1993, p. 21).

Esse pensamento de produção editorial, porém, aconteceria nos anos anteriores a isso, sobretudo após o pedido de João Pinto da Silva para o então dono da Livraria do Globo, Laudelino P. Barcellos, de que houvesse a criação de um almanaque aos moldes da *Almanach Popular Brasileiro*, de Alberto Ferreira Rodrigues[16], como também o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do*

[16] A cidade de Pelotas foi um grande centro editorial, principalmente entre a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. Inicialmente a Livraria Americana, sobre a razão social se chamava “Carlos Pinto & Cia, sob os cuidados de José Pereira de Souza Pinto e seu cunhado Carlos Thomaz Pinto, em 1871. Em 1916 ela é adquirida pela Livraria Universal Echenique, inaugurada em 1887, onde é ampliado significativamente o seu catálogo.
”Dois grandes projetos editoriais da Livraria Universal Echenique foram a publicação do Almanaque Popular Brasileiro, editado de 1893 até 1907, totalizando 15 anos consecutivos sob a direção de Alberto Ferreira Rodrigues. E a revista Illustração Pelotense, revista literária com publicação quinzenal,

Sul[17].

Como primeiro grande empreendimento a ser lançado pela Livraria do Globo, o Almanaque do Globo teve inicialmente, entre os anos de 1917 e 1931, a direção de João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi para então, a partir do ano de 1932, passar a direção a Octavio L. Tavares. Após o ano de 1933, o Almanaque do Globo passou a ser lançado simplesmente como *Almanaque da Revista do Globo*, que continuou sendo produzido juntamente ao projeto Revista do Globo.

> Para uma editora obter sucesso, alguns cuidados são imprescindíveis: escolher obras de boa qualidade; no caso de tradução, assegurar a fidelidade e fluência do texto; realizar a melhor apresentação gráfica possível do livro; montar uma rede eficiente de comercialização. Para alcançar essas metas, não é preciso muito pessoal. Meu pai sempre dizia que, em tese, uma editora poderia funcionar, tranquilamente, com duas ou três pessoas, afora, os autores [...] Como a seção editora nascera dentro de um complexo industrial e comercial possuidor, além de uma montada loja de livros, de quatro filiais, sendo três no estado e uma no Rio de Janeiro, no início das suas atividades os livros seguiam para as lojas da empresa e, do Rio de Janeiro, eram distribuídos a todas as livrarias do país (BERTASO, 1993, p. 24).

Com o intuito de compor suas produções e de levar a literatura para o público em geral, a Livraria do Globo, além de traduzir diversas obras, também lançou muitos autores que, posteriormente, compuseram a seção de Literatura do Almanaque do Globo, revelando grandes autores rio-grandenses como Wamosy, Mario Quintana, Cyro Martins, Ovídio Alves, Sérgio Gouveia, Moysés Vellinho, Ernani Fornari, Alcides Maia, Athos Damasceno, Augusto Meyer e Dâmaso Rocha.

> Tínhamos como exemplo a Coleção Província, que reunia literatura e ensaios históricos, incluindo algumas biografias. Com exceção dos livros de Darcy Azambuja, Cyro Martins e Simões Lopes Netto, que no decorrer dos anos tiveram sucessivas edições, as tiragens dos demais títulos eram de 2 mil exemplares e em média levavam cinco anos para se esgotar quando vendidas em livrarias. Como a procura em livrarias era insignificante, a única maneira de vendermos os livros da Coleção Província era encadernar a coleção e oferecê-la pelo sistema porta a porta (BERTASO, 1993, p. 142).

Henrique Bertaso, Érico Veríssimo, João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi foram os pioneiros que buscaram almejar a produção de coleções e livros a fim de

---

que teve circulação de 1919 até 1926. Durante muitos anos a responsabilidade geral esteve nas mãos de Januário Coelho da Costa. ” (ARRIADA; TAMBARA, 2014, p. 248).

[17] Editado por Alfredo Ferreira Rodrigues, o almanaque durou de 1889 até 1917 e aplicava em suas páginas algo característico dos almanaques da época e daqueles que ainda iriam surgir: poesias, contos, charadas, notícias.

propor um aumento significativa na repercussão e progresso na literatura do e para o Rio Grande do Sul. Por mais que o José Bertaso questionasse muito as ideias de Henrique e Érico, a potencialidade e empenho que ambos sempre tiveram fizeram deles os editores mais importantes do século XX.

1.3 A conquista da Livraria no estado, no mercado e na produção editorial

Prioritariamente, como processo de expansão da Livraria do Globo no estado do Rio Grande do Sul, junto do processo de crescimento da livraria, os seus empreendimentos começam a se propagar por todo o estado do Rio Grande do Sul, principalmente pelas cidades onde o processo cultural e editorial possuía uma força ainda maior, como pode ser visto no quadro a seguir[18]:

Quadro 5 Construção Editorial do Almanaque do Globo (1917-1933).

Ano	**Número de Páginas**	**Número de Filiais**	**Cidades Filiadas**	**Diretores**
1917	384	2	Santa Maria e Cruz Alta	João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi
1918	352	2	Santa Maria e Cruz Alta	João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi
1919	342	3	Santa Maria, Cruz Alta e Uruguaiana	João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi
1920	336	3	Santa Maria, Cruz Alta e Uruguaiana	João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi
1921	352	4	Santa Maria, Cruz Alta, Uruguaiana e Pelotas	João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi

[18] Até o momento, não sabemos informar o porquê da diminuição de filiais ao longo dos anos, porém, de acordo com algumas produções da própria Livraria do Globo, em especial a obra *Letras da Província*, de Moysés Vellinho, percebemos que o mercado, para o ano de 1944, ano da publicação da obra, se estendia para as seguintes cidades: Santa Maria, Rio Grande, Pelotas e Rio de Janeiro.

1922	336	4	Santa Maria, Cruz Alta, Uruguaiana e Pelotas	João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi
1923	305	2	Santa Maria e Pelotas	João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi
1924	336	2	Santa Maria e Pelotas	João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi
1925	352	2	Santa Maria e Pelotas	João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi
1926	338	2	Santa Maria e Pelotas	João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi
1927	348	2	Santa Maria e Pelotas	João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi
1928	332	2	Santa Maria e Pelotas	João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi
1929	304	2	Santa Maria e Pelotas	João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi
1930	284	2	Santa Maria e Pelotas	João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi
1931	276	2	Santa Maria e Pelotas	João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi
1932	226[19]	2	Santa Maria e Pelotas	Octavio L. Tavares
1933	256	2	Não consta	Octavio L. Tavares

Fonte: Acervo do Centro de Documentação CEDOC/FAE/UFPel e Acervo Julio Petersen - PUCRS.

[19] A edição de número 16°, de 1932, não se encontra completa, faltando o índice final. A edição já não contava mais com o expediente final da Livraria.

A expansão demonstrada na tabela acima indica que o processo de transição entre essas cidades, a fim de potencializar a distribuição do Almanaque, se dá principalmente devido à produção que sempre houve nessas regiões, não só de Almanaques, como o *Almanach Popular Brasileiro* (1894 – 1908), em Pelotas, mas também o de promover ainda mais os próprios autores literários que ajudavam na construção do Almanaque do Globo, como Alceu de Freitas Wamosy, de Uruguaiana (RS). Diante da imensidão que se projetava frente as produções e edições da Livraria do Globo, Bertaso (1993) revela:

> Das conversas que tínhamos na editora sobre livros, a que mais me fascinava era a que dizia a respeito à vida útil desse produtor. Meu pai afirmava que, para uma editora ter sucesso, uma parte considerável de suas publicações deveria ter a previsão de permanecer no catálogo pelo menos dez anos. Em sua opinião, na avaliação de um original com vistas à publicação, o editor, além de se debruçar sobre a viabilidade comercial do tempo empreendimento, deveria igualmente se perguntar por quanto tempo p mesmo permaneceria no catálogo. Na sua maneira didática de falar, meu pai comentava que já havíamos lançado obras de grande sucesso comercial que vendiam rapidamente duas ou três edições, mas, com o transcorrer de um ou dois anos, por se tratar de livros-reportagens[20], envelheciam e consequentemente não mais interessavam aos leitores (BERTASO, 1993, p. 239).

Após 1930, com efetiva participação de Érico Veríssimo e Henrique Bertaso, a Editora Globo diversifica seus projetos, lançando por exemplo as coleções: *Biblioteca do Século*[21] e *Coleção Nobel*[22], para divulgar a literatura não tão somente francesa,

[20] José Otávio Bertaso continua explicando o que seriam os "livros-reportagens": "O livro de Pierre Van Paassen *Estes Dias Tumultuosos* (1939), que havíamos publicado um pouco antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, bem como os livros de Anton Zishka *A Guerra Secreta do Algodão*, *A Guerra Secreta do Petróleo* e *A Ciência Quebra Monopólios*. Também incluía na sua lista os livros de John Günther, que havíamos publicado no início da década de 40: *O Drama da Europa* e *O Drama da Ásia*. " (1993, p.239).

[21] Entre os anos de 1941 e 1954, a Biblioteca dos séculos foi uma aposta editorial de Érico Veríssimo e Henrique Bertaso, composta por uma coleção de autores notáveis da literatura mundial. Veira (2017) explica como funcionavam alguns pontos da coleção. "A curadoria da coleção ficou a cargo de Verissimo que, de forma cuidadosa, organizou uma lista com títulos e autores que almejava ver publicados pela Seção Editora. Entre eles estavam O vermelho e o negro, de Stendhal, os contos de Tchekhov, de Edgar Allan Poe e de Guy de Maupassant. Obras de William Shakespeare, Friedrich Nietzsche, Michel de Montaigne, Henrik Ibsen, Charles Dickens, Honoré de Balzac, Madame de Lafayette, Pierre Choderlos de Laclos" (2017, p. 47).

[22] Iniciada em 1933, a coleção Nobel, que teve uma produção até o ano de 1958, promoveu ao público uma coleção com autores como: Giovanni Papini, Honoré de Balzac, Alexander Pushkin, Gustave Flaubert, Franz Kafka, Voltaire, entre outros. Além disso, segundo Vieira (2017), ela escreve como era dividida a seção editora. "No trabalho na Seção Editora, os encaminhamentos e sugestões de vertente erudita cabiam a Veríssimo e os de viés popular, a Bertaso. Essa divisão de tarefas tinha como objetivo a racionalização de trabalhos e não refletia, de forma integral, os gostos e predileções de ambos. Como leitores, Henrique e Érico eram bastante ecléticos e possuíam interesses literários bem diversificados" (2017, p. 42).

como também anglo-saxônica, com o intuito de propor literatura a um público seleto que procura de fato um material destinado apenas a este segmento. Produziram, também, um dos principais feitos literários da empresa, como a Revista *Província de São Pedro*, possuindo no seu corpo de colaboradores o escritor e psicanalista Cyro Martins (1908-1995), e a direção do periódico ficou a cargo do ensaísta Moysés Vellinho (1902-1980).

Com o crescimento da Livraria do Globo, já no ano de 1931, Mansueto Bernardi transferiu-se para o Rio de Janeiro para dirigir a Casa da Moeda a pedido de Getúlio Vargas. Tal medida fez com que Henrique Bertaso, filho de José Bertaso, que substituiu Mansueto nas funções de chefe da seção Editora, provocasse mais uma inovação no processo administrativo da empresa. Um ano antes, Érico Veríssimo, que estava se mudando para Porto Alegre, começa a assumir a parte de traduções de textos e artigos estrangeiros, mas procurando desenvolver dentro da Revista do Globo um projeto ainda mais audacioso que iria promover a literatura em uma revista que era, no seu início, uma revista praticamente destinada ao entretenimento.

Dentre as mudanças que irão afetar a definição social do trabalho intelectual na conjuntura dos anos 30 e 40, a mais importante delas refere-se “[...] à possibilidade que encontram alguns escritores de dedicar-se à produção literária enquanto sua principal atividade profissional (MICELI, 1979, p. 121). A intenção de Érico Veríssimo, junto de Henrique Bertaso, era a de intensificar o processo literário da língua estrangeira, modernizando a editora e provocando uma cultura literária no público que consumia as publicações visto que os projetos eram encaminhados a este mesmo público, além de provocar no seu anseio literário, uma mudança que fosse além das publicações exigidas para com a Revista do Globo.

Com isso, coleções foram lançadas através do anúncio da Revista do Globo, com um apanhado de autores desconhecidos do país, da clássica literatura mundial, especializados em livros policiais, aventura e romance, destinados à cultura popular, e tornando-os conhecidos para o público. Inúmeros projetos surgiram, portanto, intensificando um papel literário no Rio Grande do Sul que foi deixado nos tempos do surgimento do Almanaque do Globo, por João da Silva Pinto e Mansueto Bernardi. Entre os mais importantes estão: *Coleção Amarela,* de forte apelo popular, tendo como principais autores Edgar Wallace e Agatha Christie; *Coleção Globo*, composta de obras literárias: romances de aventuras, amor, mistério e crime; *Coleção Universo*; *Coleção Catavento*, entre outros.

Bourdieu diz em sua obra *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação* que “as distâncias espaciais no papel equivalem a distâncias sociais” (1996, p. 18), tornando claro o questionamento tanto sobre o papel que a obra realmente possui naquilo que versa a política de distribuição da empresa quanto sobre o papel social que os próprios diretores buscam impor, fazendo com que possivelmente haja uma separação naquele leitor que pode ou não ter o direito de acesso à obra.

Logo, não tão somente a economia do estado ou até mesmo a política seria a questão mais visada nestas produções, mas segundo Pesavento (2000, p. 263) tendo em vista o alto índice de imigração ao Sul, os imigrantes, ao se estabelecerem no estado, buscavam se tornar não só pequenos proprietários de terra, mas também proprietários no comércio, em empórios, por exemplo, impulsionando categorias que estariam emergindo naquele tempo, com a entrada do século XX, como o lazer, oferecendo ao leitor não somente um produto novo, mas oportunizando o acesso do mesmo a partir da participação pública no envolvimento com a criação desses periódicos.

Não só a distribuição do Almanaque do Globo, mas também a da Livraria, aumentaria o seu leque de produção e melhorias na parte textual e gráfica. João Fahrion e Karl Ernst Zeuner foram os principais ilustradores contratados para alavancar a seção de design gráfico, coordenada pelo próprio alemão Zeuner, o qual contribuiu para o crescimento do design dentro do próprio Almanaque do Globo e dos projetos lançados pela Livraria do Globo.

Conforme anteriormente citado, José Bertaso pontuava que para uma editora ter sucesso, além de uma boa rede de comercialização, algumas questões eram fundamentais, como por exemplo: “escolher obras de boa qualidade; assegurar a fidelidade e fluência do texto; realizar a melhor apresentação gráfica possível do livro” (1993, p. 24).

A criação de jornais, folhetos e almanaques, por exemplo, facilitaram a comunicação entre o público leitor, seja ele de elite ou não, e o produtor de conteúdo, estabelecendo, portanto, um novo marco na história política, literária e cultural do Rio Grande do Sul, auxiliando de forma fundamental na possibilidade de uma educação não escolar. A relação entre público leitor e o mercado, que abrange o editor, estabelece essa relação e, conjuntamente partilha da construção histórica.

Por mais que José Otávio Bertaso tenha dado este relato em seu livro *Globo da Rua da Praia*, a livraria se expandiu intensamente não só o seu pessoal (devido

ao acréscimo de setores na livraria) mas, consequentemente, a quantidade de livros produzidos, traduzidos e vendidos. Além de quatro filiais, possuindo três no estado e uma no Rio de Janeiro, pós anos 30 do século XX, a expansão da livraria alcançaria todo o país, devido à filial do Rio de Janeiro acabar por distribuir a produção da Livraria do Globo para o restante Brasil.

No próximo capítulo, o leitor poderá compreender um pouco mais sobre esta história de expansão e espaço que compreende a produção de um mercado editorial, no âmbito dos almanaques. Fruto de um impresso que amplia uma diversidade de contextos da sociedade, os almanaques vão ditar um ritmo ao seu público, continuando e construindo histórias destes e de outros que o têm como práticas de leitura.

2 Uma contextualização historiográfica sobre os almanaques

Inicialmente, o almanaque se mostra uma porta para um apanhado de questões da vida. Portadores de informações sobre os sujeitos do mundo, as vivências das pessoas e as características que moldam a existência daqueles que compartilham da vida. Comumente, o almanaque passa a fazer parte desse partilhar e, como qualquer editora, o almanaque também precisa do seu colaborador.

> O almanaque, na sua forma simples, mais popular, se apresenta como um pequeno calendário ilustrado com imagens, figuras e signos. Mais que informar, ambiciona que o leitor penetre num universo diferenciado e denso para o qual, quanto mais tempo dedicamos, mais se nos oferece à análise. A palavra *calendarium* vem de *calendae*, o primeiro dos meses romanos, data do pagamento dos tributos ao Estado (PARK, 1999, p. 42).

O processo de modernização do impresso fez com que a proliferação de conteúdo permitisse cada vez mais a expansão do acesso à informação pelo e para o povo.

Assim como nos remete Park (2010), o processo do impresso no mundo se constituiu a partir de peculiaridades e singularidades que ao longo do tempo possibilitaram, através dos sujeitos transformadores de cultura na sociedade, o surgimento de impressos mais elaborados e completos para o seu tempo. Neste caso singular, entra em circulação um impresso não tão único assim mas cheio de pluralidades, como é o caso dos almanaques.

Historicamente situada no século XIX e progredindo ainda mais na primeira metade do século XX, a produção dos impressos no Brasil procurou ensinamentos na grande produção no mercado editorial francês e, consequentemente, a historicidade europeia de sucesso foi traduzida e representada cada vez mais no Brasil, sobretudo a partir de 1800 e com o surgimento dos almanaques em forma de folhetins, almanaques farmacêuticos e os almanaques literários.

Essa conjuntura de objetos de pesquisa criadas, que podem também ser utilizadas como fonte de pesquisa, se constituíram a partir do tempo vivido entre os seus leitores que ajudaram intrinsecamente na construção do estado social e coletivo de seus tempos. Segundo Park (1999), o atual modelo de calendário foi revigorado ainda na idade média, mas seu conteúdo já potencializava a discussão sobre o tempo, criação, universo e das coisas em si e para o mundo. Obviamente, sua construção

recorre muito ao que o almanaque mais importante da França continha.

O *Le Grand Calender*, para o ano de 1521, consistia em suas folhas “notícias astrológicas, o trabalho na terra, o zodíaco, a compleição humana vinculada às suas significações morais, [...] receitas de cozinha” (PARK, 1999, p. 47) logo, claramente já traduzia aspectos que estariam nos almanaques produzidos ao longo da história, como o Almanaque do Globo.

A modernização do conteúdo em um documento, sendo este um periódico, se constrói não só a partir do condutor do mercado editorial, mas também com o público construído a partir destas leituras que ajudam a girar a cultura da leitura. Com isso, segundo Cellard (2008), podemos reconhecer que a produção do documento é uma construção do passado que se faz muito presente nos tempos de agora:

> Por possibilitar alguns tipos de reconstrução, o documento escrito constitui, portanto, uma fonte extremamente preciosa para todo o pesquisador nas ciências sociais. [...] além disso, muito frequentemente, ele permanece como único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008, p. 295).

Segundo Park (1999) o almanaque, neste caso os almanaques farmacêuticos[23], “é um livro destinado a todos e que todos, mesmo os menos letrados ou analfabetos, podem ‘ler’” (1999, p. 9). É claro, na conjuntura da obra, na maneira pelo qual são produzidos os almanaques farmacêuticos e o Almanaque do Globo, existem algumas diferenças, mas o propósito acaba sendo unicamente o mesmo: O de informar, seja o público que for, sobre uma enormidade de situações que constituem a sociedade, seja ela do campo político, social e/ou estatístico. A proposta do almanaque é a de ser um material que contemple os mais diversos campos sociais.

Entre o final do século XIX e início do século XX, os periódicos começam a

[23] Historicamente, os almanaques obtiveram entre suas produções, características específicas que os caracterizavam em meio ao plano pelo qual estes eram destinados ao seu público. A sua formação, produção e editoração eram planejadas de acordo com o espaço social onde ele era construído inicialmente antes de se pensar em seu processo de circulação pelo estado de origem e, em alguns casos, pelo país. Dentre os almanaques vinculados a cidades, temos, segundo Park: *Almanaque para a Cidade da Bahia* (1812), editado pela Typographia Manoel Antônio da Silva Serva (1999, p. 68). Tratando dos almanaques farmacêuticos, originalmente, na França, os almanaques possuíam como recurso de divulgação medicamentos que não se caracterizavam em uma formação de um almanaque necessariamente de farmácia. Em Portugal, no século XIX, o *Apiol dos Drs. joret e Hommole* potencializou um discurso propriamente referente aos medicamentos e almanaques de farmácia. No Brasil, o *Pharol da Medicina* foi um precursor desde a sua criação, no ano de 1887, com uma tiragem de 1 mil exemplares, para os almanaques que surgiriam adiante, como: *Biotônico Fontoura e Bromil*.

possuir um novo caráter e uma nova forma de dialogar com o seu público. Não unicamente retido aos jornais, os almanaques auxiliam o cotidiano do próprio leitor, mostrando variações nas suas seções, amostragens históricas, críticas dentre outras questões diversas, como assuntos de utilidade pública.

> O critério de seções impermeáveis é fatal numa casa editora, porque quase tudo quanto se faz ou se resolve numa seção vai refletir-se nos trabalhos das outras. Quanto melhor for o entendimento entre os empregados da editora a respeito da tarefa dos outros, tanto maior cooperação haverá e menores serão os erros (UNWIN, 1952, p. 232).

Segundo Darnton (1990), na obra *O Beijo de Lamourette*, os periódicos constituíam, em suas produções, principalmente naquilo que se compreende na contextualização histórica francesa entre os séculos XVII e XVIII, traços de um manifesto popular para a fundamentação de suas seções.

Porém, Darnton ressalta que os periódicos "representam uma popularização da cultura das classes superiores, e não a própria cultura popular, porque eram escritos para o povo, e não pelo povo*"* (2010, p. 215), problematizando que a produção desses escritos claramente evidenciava, desde o Antigo Regime Francês, uma elitização das classes superiores e não uma popularização que fosse representada, necessariamente, para com o manifesto artístico popular.

De acordo com Arriada e Tambara (2014), em colaboração ao *Almanaque do Bicentenário de Pelotas*, a modernidade, ao mesmo tempo que tardia, manifesta uma série de tensões que são transmitidas na forma de ambiguidades e contradições, contribuindo para a construção do editor perante a sua produção massiva em sintonia com os acontecimentos históricos.

Acumulando ensinamentos históricos e aprendizados obtidos através das correntes sociais e culturais que fundamentam o elo entre uma livraria e o seu leitor, o Almanaque do Globo, junto aos seus homens de letras, puderam conversar, dialogar além de seus pares, proporcionando uma ligação cada vez mais forte e progressiva rumo ao progresso do Almanaque do Globo como um material que forma cidadãos instigados pela cultura da leitura e, consequentemente, estabelecendo um novo processo de educação não escolar.

> As livrarias Gundlach e Americana, sob responsabilidade editorial de Graciano Azambuja e Alfredo Ferreira Rodrigues, respectivamente,

> publicavam na época (idos de 1910) anuários, uma espécie de Almanaque. As boas relações estabelecidas entre João Pinto da Silva e a Livraria do Globo resultaram no primeiro empreendimento editorial da livraria, o *Almanaque do Globo* para 1916. Por sugestão de Barcellos, a capa do *Almanaque do Globo* trazia um globo terrestre com o dístico *Urbi et orbi* (AMORIM, 1999, p. 25).

Saindo dos modelos prioritários em que se estabelecem as artes e seus mecanismos de produção, o Almanaque do Globo, no seu contexto geral, é um entre tantos objetos impressos que podem possibilitar esse acesso do cidadão mais marginalizado aos próprios impressos que, anteriormente, não lhe eram acessíveis.

Logo, se percebe um almanaque, dentre uma grande produção anterior à sua primeira publicação, que retrata o cotidiano essencialmente destinado, também, ao público popular, literária e rural, compreendendo as suas memórias e a sua construção como plataforma de expansão cultural, propondo ao seu leitor novas e possíveis formas de diálogo entre o Almanaque do Globo e o seu público leitor.

Com isso, se estabelecia uma construção mútua que ultrapassa os regimes padronizados pelas instituições que, de certa forma, tentam impedir a construção de bens culturais e capacidade argumentativa e de busca por conhecimento para com este leitor.

Segundo Bordini (2006), a história se constrói através de suas subjetividades, fazendo com que a história esteja condicionada a uma construção coletiva, além da pessoal. Por conseguinte, demonstramos, nesta dissertação, indicativos que coloquem o Almanaque do Globo ancorado nos pressupostos da história cultural, formando este elo mencionado pela professora Bordini: a construção das subjetividades em meio as representações coletivas.

Para indicar o compromisso do Almanaque do Globo frente a sua produção e venda, a categorização, suas padronizações de diálogo e construções simbólicas irão mostrar a potencialidade dos anuários, a fim de contextualizar a possibilidade de pesquisa, estudo e apropriação cultural que a conjuntura dos discursos de almanaque[24], organizados pelos seus diretores, mantiveram anualmente a

[24] Ao longo desta dissertação, iremos arrolar ao tema discurso a fim de designar o mesmo ao papel das diversas maneiras pelas quais as falas de uma sociedade incorporam o tempo de vida e existência desses almanaques. A obra da Marlyse Meyer, *Do Almanak aos Almanaques*, foi, tão logo, utilizada para fundamentar esta terminologia tão cara acerca dos“discursos de almanaque”. Não há na obra uma explicação direta para com esta terminologia, mas tratamos de mencionar características do livro organizado pela autora a fim de destinar ao leitor o que nós gostaríamos que fosse compreendido, por ora. Na obra, que possui colaboração de diversos pensadores e pensadoras no que tange a história dos almanaques, Botrel, por exemplo, nos revela: “o caráter anual e único desse bem a tanta gente,

distribuição e concepção do material.

> Um cidadão de bom senso diria que, apenas de tudo, sabe-se o que é literatura e o que não é, assim como se distingue um produto cultural de outros que não o são. A questão, porém, não é tão simples. Na vida cotidiana, hoje é possível ler um romance policial como literatura de arte e ter na estante um peixe esculpido em madeira por um índio como objeto artístico. Entretanto, para que se chegasse a essas atitudes corriqueiras, muita discussão teórica e crítica rolou nas instâncias sociais que se ocupam dos bens simbólicos (BORDINI, 2006, p. 12).

A reflexão frente ao Almanaque do Globo, e a análise do documento, juntamente ao aporte teórico-metodológico utilizado na construção desta dissertação, protagonizam medidas claras e possíveis sobre a análise de um documento e o pensar sobre de que forma o historiador da educação, como leitor, alterna de papel como o produtor de conteúdo.

Para Chartier (2010), o objeto-fonte proposto pela representação da história na sociedade, sob perspectiva da História Cultural, propõe o saber a partir da maneira pela qual os atores sociais dão sentido às práticas sociais e que tipo de análise do enunciado são propostos, no cotidiano, por estes atores produtores e reprodutores de cultura.

Segundo Chartier (1990), a História Cultural busca elucidar as mais diversas práticas e costumes que surgem e se contextualizam na sociedade, permitindo que haja uma compreensão, através do que é lido, sobre aquilo que busca possivelmente justificar as condutas e escolhas dos indivíduos.

> A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler [...] As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos

torna o almanaque um objeto notável. Porque ele é ao mesmo tempo “guia” e “semiologia do tempo” (2001, p.17). Dotado de significados, o almanaque constitui um tempo particular a cada impresso produzido ao seu povo. Segundo a professora Jerusa Ferreira, o almanaque “comporta e nos traz sempre a ideia de uma grande modernidade” (2001, p. 20) e “pode-se apontar um movimento construtivo que cobre operações de inclusão e de exclusão, fornecendo-nos um grande texto sempre disponível” (2001, p. 20). Tão logo, o discurso do almanaque é um discurso plural, que não é segmentado por estar livre para adentrar qualquer pensamento, qualquer sujeito que busque a sua compreensão e o ter como prática de leitura. Por fim, para dar mais vazão ao termo “discurso de almanaque”, utilizamos a citação de Machado de Assis, em texto publicado na obra de Marlyse Meyer, para dar continuidade para com as nossas discussões: “Todos tinham almanaques. Nem só elas, mas também as matronas, e os velhos e os rapazes, juízes, sacerdotes, comerciantes, governadores, fâmulos; era moda de trazer o almanaque na algibeira” (2001, p. 27).

> discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p. 17).

Compreendemos que as representações sociais se relacionam fundamentalmente para com a criação do impresso e são estas relações, do público para o editor, que constroem os discursos de um escrito, as suas manifestações e os seus costumes.

A interação entre os sujeitos protagoniza uma cadeia que engloba, em seu contexto social e coletivo, subsídios para a formação e planejamento de um discurso ou uma categorização que acompanha a criação de um almanaque, oportunizando uma escolarização fora dos meios padronizados de ensino aos indivíduos.

A proporção tomada em meio aos impressos resultaram na criação e, no fomento, de uma série de produções no estado que dialogavam diretamente com os interesses políticos, principalmente na segunda metade do século XIX. Porém, entre o final do século XIX e o início do século XX a linguagem cultural tomou ainda mais forma, estabeleceu novos diálogos e elencou uma série de possibilidades na divulgação do material em todos os níveis de proporção literária proporcionando uma porta de entrada e busca por conhecimento.

Isso só foi possível por conta do potencial oferecido através desse fácil acesso à literatura provocado pelo editor e sua livraria ou tipografia ao leitor mais marginalizado. Sobre a questão da apropriação do documento, a partir de Chartier (2010):

> Daí se depreende o principal desafio que se apresenta à história cultural: como pensar a articulação entre os discursos e as práticas. O questionamento das velhas certezas adotou a forma de “giro linguístico”, que se baseia em duas ideias fundamentais: a de que a língua é um sistema de signos cujas relações produzem, por si mesmas, significados múltiplos e instáveis, fora de toda intenção ou de qualquer controle subjetivo; e a de que a “realidade” não é uma referência objetiva externa ao discurso, mas é sempre construída na e pela linguagem (CHARTIER, 2010, p. 48).

Quando se procura analisar o avanço das produções tipográficas e editoriais das casas que almejam propor uma produção ao público, encontram-se de imediato características claras de auxílio na memória coletiva e do papel histórico daquele material proposto.

O processo histórico se transforma em algo cada vez mais simples, sequencial, ao mesmo tempo em que a memória se transforma em um modo de constituir-se cada

vez mais progressiva. Isso é possibilitado com base na fundamentação de um raciocínio mais lógico sobre as produções e com auxílio mais que fundamental daquele que consome e reproduz o conteúdo de um determinado impresso.

A história se constitui, portanto, em uma tentativa que exerce sobre si uma construção de ações protagonizadas por um universo de sujeitos que possuem, em mãos, um emaranhado de histórias literárias e políticas que buscam oportunizar uma corrente passível de estudo, passível da compreensão erudita, e encaminhar os possíveis destinos destas fontes para o âmbito popular, assim como também o vasto público consumidor do mundo do livro e do impresso.

A cultura material do impresso se caracteriza por uma série de aprendizados, sejam eles no meio escolar ou não. A educação proposta por um impresso independe daquilo ali escrito pois, seja qual for o teor dos seus escritos, o ensino ali evidenciado já se transforma em um modelo de educação, escolar ou não escolar, erudito ou popular, para classes eminentes ou para classes subalternas.

O sentido dado a algo proposto ao estudo do sujeito na sociedade é caracterizado na forma pela qual ele é manifestado na sociedade e, aqui, naturalmente, tratamos da sociedade dada no período que abrange o seu contexto de tempo e de cultura.

Portanto, nesta dissertação busca-se estudar a manifestação cultural do objeto chamado almanaque. A sua especificidade não se baseia na cultura material escolar pois dificilmente ele era encaminhado para o ensino em escolas, mas precisa-se deixar claro o seu método de ensino através da prática de leitura fora do contexto escolar é o que fez do almanaque um impresso importante de aprendizagem sobre o mundo - ou ao menos sobre a localidade que ele era distribuído.

Enquanto material popular a fim de propagar, por um preço menor, um conjunto de informações e literaturas tidas na época para pessoas com mais alto recurso monetário, abrangendo deste modo uma ampla gama de leitores, tanto aquelas consideradas detentoras de um saber consolidado, como também camadas mais populares. O almanaque, em especial o Almanaque do Globo, procurou basear-se em uma educação ampliada, que dialogasse em diversos meio socioculturais, por meio de um material de fácil acesso que oportunizou a divulgação não só da Livraria do Globo, mas, essencialmente, de cultura.

Comumente, a produção deste trabalho realizado pelo editor condiz na relação fidedigna ao pensamento do sujeito frente às suas relações sociais. A produção do

impresso funciona, de certa forma, em um modelo de repetição em que o leitor transmite para seus pares, em meio às suas leituras, todo o conhecimento e obtenção de valores culturais relevados pela produção desse editor que, antes de mais nada, também um dia fora leitor.

A riqueza proposta por um almanaque, na sua visão geral, principalmente aqueles que se propagaram pelo Brasil no final do século XIX e início do século XX, possibilitam uma análise criteriosa e detalhada acerca não só do seu conteúdo, mas da maneira pela qual se deu esta construção, através dos seus editores e no diálogo que estes estiveram estabelecendo frente aos seus leitores, seja no âmbito urbano ou rural, proporcionando uma possibilidade de educação cada vez mais tida como não escolar.

2.1 O almanaque na cultura do Rio Grande do Sul e seus principais discursos

Quando se pensa na construção e no processo de encadeamento que se deu para a formação do mercado editorial no Rio Grande do Sul, é preciso revisitar boa parte da historiografia que motivou a criação de um mercado promissor que se expandiu no Rio Grande do Sul no século XX.

Os impressos, entre eles os almanaques, chegavam no Brasil através de um contrabando marítimo, e sua modernização se deu diante do desenvolvimento constante que o país enfrentava, do aumento populacional, da urbanização, da migração rural-urbano e da estruturação do território nacional, sobretudo, neste caso, estadual.

O Rio Grande do Sul, em grande parte naquilo que tange às modernizações na segunda metade do século XIX, precisava corresponder à produção nacional e mundial. Essa maneira de corresponder ao que se imaginava na produção viria essencialmente de uma literatura francesa e portuguesa, agraciada por seu público no país e usada como atrativo na expansão de livrarias, casas tipográficas, dentre outras. Segundo o professor Eduardo Arriada, no texto *Livrarias e Editoras no Rio Grande do Sul: o campo editorial do livro didático*, publicado na 35ª ANPED:

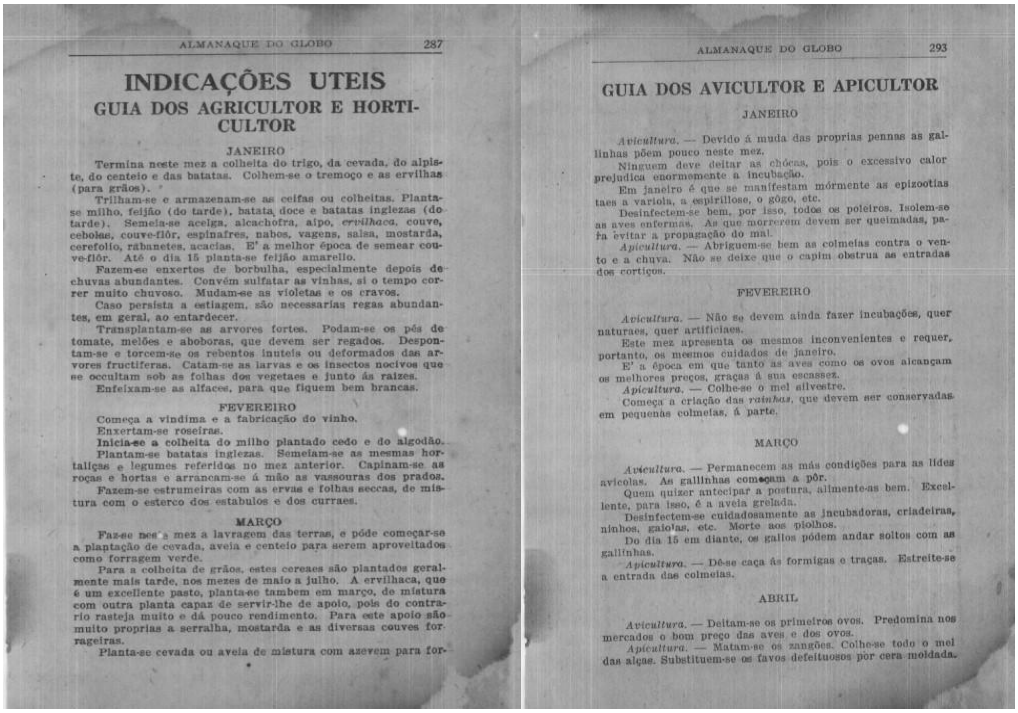
> No século XIX, a forte influência da França fazia-se presente nas elites brasileiras. Grande parte da circulação, distribuição e edição de livros e revistas no país, cabia aos franceses. O comércio livreiro ainda era incipiente, e apenas nas grandes cidades florescia a venda, circulação e publicação de livros. Nessa época, livraria tinha um significado mais amplo do que o atual, não apenas vendiam livros, como ao mesmo tempo era local onde se

> comercializavam outros produtos. Livraria nesse século significava um local em que além dos livros, vendiam-se diversos outros produtos: artigos de papelaria, tintas, porcelana, chás, tecidos, cadernos, etc (ARRIADA, 2012, p. 2).

A matéria-prima era entendida como proposta inicial para a expansão da economia no estado gaúcho e, para tanto, houve extrema subordinação dos trabalhadores em meio ao pensamento sobre a imersão destes no progresso constante da produção de massa em contrapartida de um interesse exacerbado frente a burguesia que doutrinava na segunda metade do século XIX. Para entendermos a formação deste mercado, precisamos atravessar uma historiografia formada por diversas mãos, diversos trabalhos que remetem a diversas realidades.

No Rio Grande do Sul que se modernizava, o processo de expansão da economia se deu muito devido à vinda de imigrantes para o Brasil no século XIX. Segundo Pesavento, “os imigrantes puderam apenas sobreviver às custas de uma agricultura de subsistência, praticamente sem auxílio” (1982, p. 47).

Mostramos estes fatos pois alguns almanaques destinavam seus espaços para tratar de assuntos do campo, como o Almanaque do Globo.



ALMANAQUE DO GLOBO 287

INDICAÇÕES UTEIS

GUIA DOS AGRICULTOR E HORTICULTOR

JANEIRO

Termina neste mez a colheita do trigo, da cevada, do alpiste, do centeio e das batatas. Colhem-se o tremoço e as ervilhas (para grãos).

Trilham-se e armazenam-se as ceifas ou colheitas. Planta-se milho, feijão (do tarde), batata doce e batatas inglezas (do tarde). Semeia-se aceiga, alcachofra, aipo, *ervilhaca*, couve, cebolas, couve-flôr, espinafres, nabos, vagens, salsa, mostarda, cerefolio, rabanetes, acacias. E' a melhor época de semear couve-flôr. Até o dia 15 planta-se feijão amarello.

Fazem-se enxertos de borbulha, especialmente depois de chuvas abundantes. Convém sulfatar as vinhas, si o tempo correr muito chuvoso. Mudam-se as violetas e os cravos.

Caso persista a estiagem, são necessarias regas abundantes, em geral, ao entardecer.

Transplantam-se as arvores fortes. Podam-se os pés de tomate, melões e aboboras, que devem ser regados. Despontam-se e torcem-se os rebentos inuteis ou deformados das arvores fructiferas. Catam-se as larvas e os insectos nocivos que se occultam sob as folhas dos vegetaes e junto ás raizes.

Enfeixam-se as alfaces, para que fiquem bem brancas.

FEVEREIRO

Começa a vindima e a fabricação do vinho.

Enxertam-se roseiras.

Inicia-se a colheita do milho plantado cedo e do algodão.

Plantam-se batatas inglezas. Semeiam-se as mesmas hortaliças e legumes referidos no mez anterior. Capinam-se as roças e hortas e arrancam-se á mão as vassouras dos prados.

Fazem-se estrumeiras com as ervas e folhas seccas, de mistura com o esterco dos estabulos e dos curraes.

MARÇO

Faz-se nes mez a lavragem das terras, e póde começar-se a plantação de cevada, aveia e centeio para serem aproveitados como forragem verde.

Para a colheita de grãos, estes cereaes são plantados geralmente mais tarde, nos mezes de maio a julho. A ervilhaca, que é um excellente pasto, planta-se tambem em março, de mistura com outra planta capaz de servir-lhe de apoio, pois do contrario rasteja muito e dá pouco rendimento. Para este apoio são muito proprias a serralha, mostarda e as diversas couves forrageiras.

Planta-se cevada ou aveia de mistura com azevem para for-

ALMANAQUE DO GLOBO 293

GUIA DOS AVICULTOR E APICULTOR

JANEIRO

Avicultura. — Devido á muda das proprias pennas as gallinhas põem pouco neste mez.

Ninguem deve deitar as chôcas, pois o excessivo calor prejudica enormemente a incubação.

Em janeiro é que se manifestam mórmente as epizootias taes a variola, a espirillose, o gógo, etc.

Desinfectem-se bem, por isso, todos os poleiros. Isolem-se as aves enfermas. As que morrerem devem ser queimadas, para evitar a propagação do mal.

Apicultura. — Abriguem-se bem as colmeias contra o vento e a chuva. Não se deixe que o capim obstrua as entradas dos cortiços.

FEVEREIRO

Avicultura. — Não se devem ainda fazer incubações, quer naturaes, quer artificiaes.

Este mez apresenta os mesmos inconvenientes e requer, portanto, os mesmos cuidados de janeiro.

E' a época em que tanto as aves como os ovos alcançam os melhores preços, graças á sua escassez.

Apicultura. — Colhe-se o mel silvestre.

Começa a criação das *rainhas*, que devem ser conservadas em pequenas colmeias, á parte.

MARÇO

Aviçultura. — Permanecem as más condições para as lides avicolas. As gallinhas começam a pôr.

Quem quizer antecipar a postura, alimente-as bem. Excellente, para isso, é a aveia grelada.

Desinfectem-se cuidadosamente as incubadoras, criadeiras, ninhos, gaiolas, etc. Morte aos piolhos.

Do dia 15 em diante, os gallos podem andar soltos com as gallinhas.

Apicultura. — Dê-se caça ás formigas e traças. Estreite-se a entrada das colmeias.

ABRIL

Aviçultura. — Deitam-se os primeiros ovos. Predomina nos mercados o bom preço das aves e dos ovos.

Apicultura. — Matam-se os zangões. Colhe-se todo o mel das alças. Substituem-se os favos defeituosos por cera moldada.

Figura 4 A educação para o Campo no Almanaque do Globo (1926).

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS.

O abastecimento do mercado rio-grandense, no século XIX, concentrou-se, principalmente em Porto Alegre e no Sul do estado, em cidades como Rio Grande e Pelotas. Assim como os processos de modernização na indústria colonial, outras indústrias começaram a ter o seu espaço conquistado, aproveitando o escoamento de economia alimentícia para outros locais do Rio Grande do Sul. Neste caso, a política foi um dos principais meios de escoamento de informação para outros lugares do estado.

> O Rio Grande falava, não só pelo clarim de seus cavalarianos, mas também pela palavra de seus oradores. A política da Província era dominada pelos dois grandes partidos, Conservador e Liberal, compreendendo este último duas alas: radicais e progressistas que, mais tarde, unidas constituíram o Partido Liberal Histórico. Seu principal órgão de imprensa era A Reforma, jornal que obteve grande repercussão (FILHO, 1978, p. 134).

A expansão de informações no estado era demasiadamente fortalecida pelas expansões de território e de espaço por quem possuía mais posse de dinheiro. “Em 1871 o presidente Figueira de Melo criou o Ateneu rio-grandense, com internato, externato e a Escola Normal para formação de professores” (FILHO, 1978, p. 138), fazendo jus ao crescimento da Província e ao incentivo de criação em cultura e educação para o estado.

> Ao mesmo tempo que na política o Rio Grande tomava lugar de destaque, ganhava igual terreno no setor da cultura. Possuía, três bibliotecas: Rio Grande, Porto Alegre e Pelotas. Em 1885 publicavam-se 56 jornais. O Partenon Literário agremiava um grupo distinto de poetas, escritores e homens de ciência. Eram figuras de relevo: Apolinário Porto Alegre, Amália Figueiroa, Lobo da Costa, Damasceno Vieira, Carlos Ferreira, Araújo Porto Alegre, Arthur Rocha, Eudoro Berlinck; cientistas Araújo Ribeiro, Ferreira de Abreu e os Profs. hilário Ribeiro, Fernando Gomes e Bibiano de Almeida (FILHO, 1978, p. 138).

Temos, como exemplo, diversos almanaques que são direcionados para seus públicos, mas a ideia era que fossem plurais, diversificados e que trouxessem diversas realidades para os seus leitores. O mercado editorial, por conseguinte, foi demonstrando também o seu avanço na maneira de traduzir em suas páginas, os relatos e manifestações de seu tempo. Neste processo de expansão de sentidos, os espaços que abrigam estes impressos tornar-se-iam muito importantes.

O circuito editorial, no contexto historiográfico, demonstra avanços significativos não tão somente ao modelo de produção ou no avanço na modernização das máquinas. A produção obtida e transmitida pelo editor possibilita a lembrança de um trabalho artesanal, repleto de subjetividade e troca de conhecimentos através de tudo aquilo que o editor pensa no momento de produzir o seu livro, o seu texto, o seu impresso.

Compreende-se, portanto, ancorado pela definição proposta por Nóvoa (1996), que os textos, podendo aqui utilizar-se da denominação *Almanaques,* "encontram-se no centro das novas perspectivas historiográficas [...] mas sobretudo à forma como elas construíram e reconstruíram as vidas dos indivíduos e as realidades sociais" (NÓVOA, 1996, p. 38).

Ao mesmo tempo em que deve ser necessária a compreensão dos livros, manuais, textos e demais representações historiográficas a fim de possibilitar as investigações no ramo da História da Educação, vale ressaltar a compreensão da origem da natureza do significado que estas compreensões históricas carregam consigo.

Quando se procura analisar o avanço das produções tipográficas e editoriais das casas que almejam propor uma produção ao público, encontram-se de imediato características claras de auxílio na memória coletiva e do papel histórico daquele material proposto. O processo histórico se transforma em algo cada vez mais simples, sequencial, ao mesmo tempo em que a memória se transforma em um modo de

constituir-se cada vez mais progressiva e com base na fundamentação concreta de um raciocínio mais lógico sobre as produções.

Obviamente, se tratando das principais características abordadas pelos almanaques do Rio Grande do Sul, temos uma enormidade de aspectos que poderiam ser elencados aqui, como: política, assuntos domésticos, aspectos da cultura local, regional e nacional, literatura, moda, medicina, campo, dentre outros.

No processo que tange a criação de uma editora e o processo de construção de um documento como o almanaque, ou até mesmo uma linha editorial, precisamos compreender de que forma se consolida uma indústria gráfica. Segundo Arriada e Tambara (2014), os jornais e periódicos, no século XIX, já eram um prenúncio de não tão somente uma circulação de uma cultura escrita e proliferação do mercado editorial daquela casa tipográfica, mas também ajudaram na propagação da própria casa editorial.

No que remete ao estilo de produção destas casas tipográficas, sabe-se que a sua diretoria era constituída muitas vezes por homens letrados da sociedade, que costumeiramente faziam parte de um sistema político que fazia com que estes periódicos produzidos obtivessem, em suas páginas, um direcionamento naturalmente político e de acordo com as origens daquele editor.

> Nesse contexto histórico, embora existisse um ambiente favorável à criação de diversos estabelecimentos industriais e comerciais - decorrência de uma modernidade em construção, onde progresso e civilidade se impunham (uma malha de transporte se organizava, um porto que aos poucos se adequava a novas funções) -, a estrutura social impregnada de relações de trabalho escravagista limitava em muito a estruturação de um parque gráfico voltado para edições de livros (ARRIADA; TAMBARA, 2014, p. 234).

A indústria gráfica no estado crescia e estava claro que a sua ideia partiria cada vez mais de uma construção cotidiana, somado ao crescimento industrial em algumas cidades. Segundo Torresini (1999), nas primeiras décadas do século XX, Rio Grande e Pelotas se destacaram nos centros de indústrias de grande porte e em Porto Alegre, gradativamente, fazendo com que, logo em seguida, esta construção industrial nas cidades do estado pudesse ajudar com o surgimento, crescimento e divulgação do mercado editorial dentro do Rio Grande do Sul.

Algumas destas pessoas responsáveis pelo crescimento do mercado editorial eram, também, conhecedores do próprio processo industrial e empresarial do mercado livreiro, como, por exemplo, Eduard e Heinrich da firma E. & H. Laemmert.

Segundo Torresini, a Laemmert “possuía um importante setor gráfico e em fins da década de 1850, já tinha produzido 250 livros. Na década de 1860, quase 400 títulos e em 1874, mais de 500” (1999, p. 29).

Hallewell, na sua obra *O Livro no Brasil* (1985), destaca que os dois “sócios eram personalidades muito diferentes que, em virtude de faro literário e viabilidade comercial que constitui o negócio editorial, completaram-se admiravelmente” (1985, p. 162), deixando claro que muitas destas casas editoriais possuem os mesmos aspectos sociais, sobretudo aquele encontrado em Laudelino Barcellos, José Bertaso, Mansueto Bernardi e João Pinto da Silva.

Podemos evidenciar o número expressivo de almanaques, alguns sendo editados por longos anos, outros efemeramente. Quanto à tiragem, diversos atingiram números relativamente altos. Abaixo, a título ilustrativo dessa riqueza, reproduzimos algumas capas dos principais almanaques do século XIX e do século XX, compreendendo-os entre os anos de 1857 até 1928:

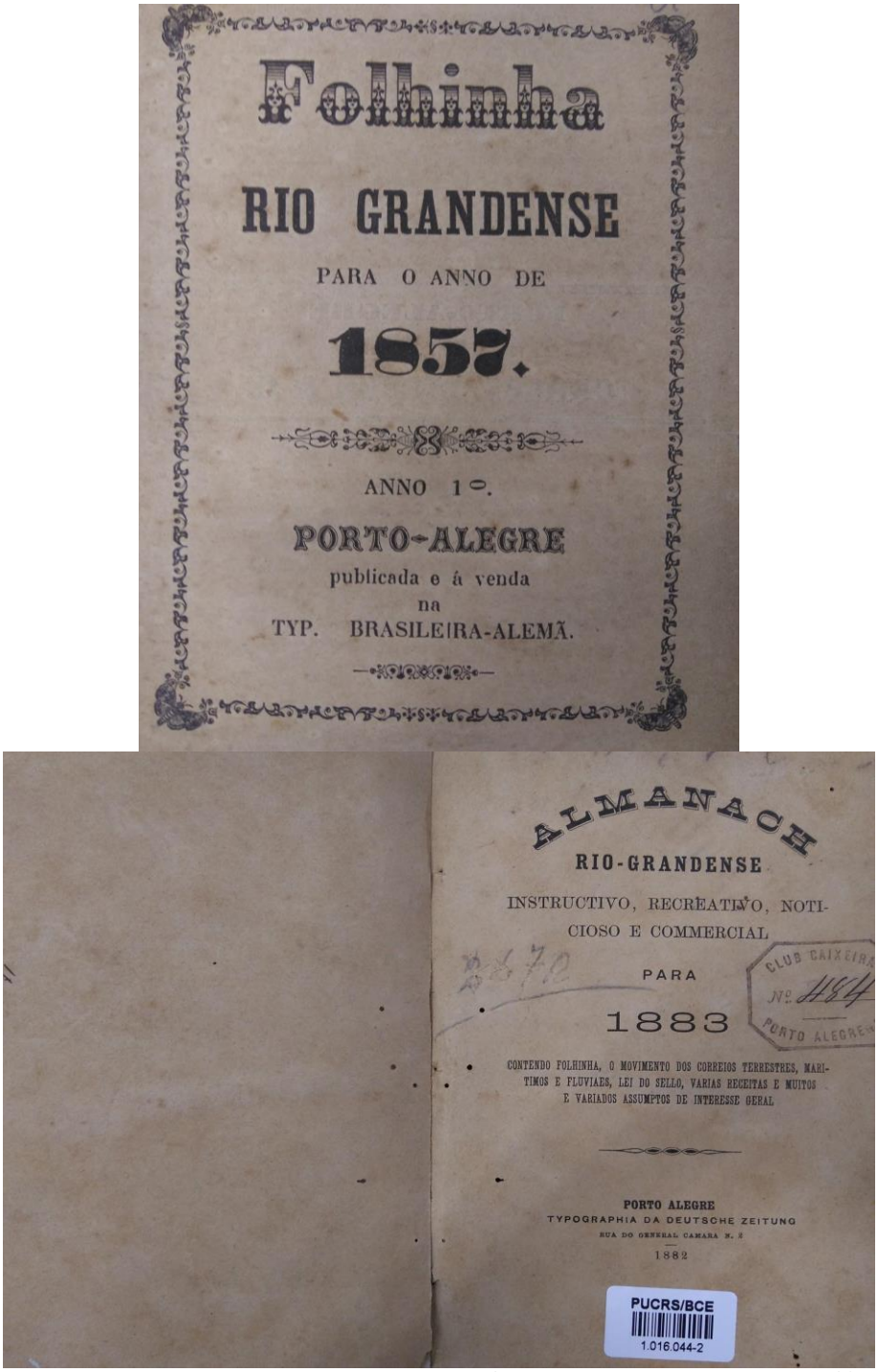


Figura 5 Folhinha Rio Grandense Anno 1º[25] e Almanach Rio Grandense[26].

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS.

[25] Editado no ano de 1857, na cidade de Porto Alegre, pela Typografia Brasileira Alemã.
[26] Editado no ano de 1883, na cidade de Porto Alegre, pela Typografia da Deutsche Zeitung.

Figura 6 Annuario da Província do RGS[27]; Almanach da Família[28] e Almanak Recreativo Sul Rio-Grandense[29].

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS.

[27] Editado no ano de 1885, na cidade de Porto Alegre, pela Gundlach & Cia.
[28] Editado no ano de 1899, na cidade de Pelotas, e impresso a vapor pela fábrica do Peitoral de Cambará.
[29] Editado no ano de 1900, na cidade de Bagé, pela Typografia d'A Popular.

Figura 7 Almanach de Pelotas[30]; Almanach do Correio do Povo[31] Almanach Porto Alegre[32] e Almanack do Commercio do RGS[33].

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS.

[30] Editado no ano de 1913, na cidade de Pelotas, pelas Officinas Graphicas do Diário Popular.
[31] Editado no ano de 1916, na cidade de Porto Alegre.
[32] Editado no ano de 1920, na cidade de Porto Alegre, pela Livraria do Globo.
[33] Editado no ano de 1921, na cidade de Porto Alegre. Edição da Revista de Agricultura, Indústria e Commercio "O Progresso".

Figura 8 Annuario Estatistico do Estado do RGS[34]; Almanach da Estrella do Sul[35]; Almanaque da Brigada Militar[36] e Mercurio Almanaque Commercial[37].

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS.

As produções frente ao que era gerado nas casas tipográficas e editoras entre o século XIX e o século XX trouxeram inovações para as construções não somente

[34] Editado no ano de 1923, na cidade de Porto Alegre, pelas Oficinas Graphicas d'A Federação.
[35] Editado no ano de 1924, na cidade de Porto Alegre, pelo Centro de Boa Imprensa do Rio Grande do Sul.
[36] Editado no ano de 1925, na cidade de Porto Alegre, pela Livraria Americana.
[37] Editado no ano de 1928, na cidade de Porto Alegre, pela Livraria do Globo.

de outros impressos, mas também para a construção dos próprios indivíduos nas suas relações e os seus trabalhos desenvolvidos em seus meios.

As práticas de leituras pensadas para um impresso como os almanaques torna o seu sentido ainda mais importante quando colocada ao lado da existência daqueles que o compartilham. Os dizeres eram ditados por diversos sujeitos e a construção do ser social passava essencialmente pelo que era escrito, lido e absorvido.

2.2 O discurso de almanaque e as práticas de leitura do impresso na construção de uma escrita

Um impresso é um documento que possui uma enormidade de discursos em que, por mais que haja uma padronização na sua produção fazendo cada órgão responsável possuir a sua singularidade, a sua composição depende unicamente da propagação dos discursos na sociedade. São estes discursos, dentro de um determinado grupo social, que irão potencializar a sua proliferação para outras correntes da cultura, fazendo com que a linguagem se desenvolva e seja apropriada por todo e qualquer leitor.

Estes discursos estabelecem uma categorização a ser estudada dentre tantas potencialidades de pesquisa, sobretudo quando o objeto se torna fonte e vice-versa. A relação entre as diversas formas de se estudar um documento é marcada pela construção que o leitor desenvolve a partir delas e, com o passar do tempo, outros estilos de leitura e apropriação vão se tornando cada vez mais claros.

> Em se tratando da escrita/produção, o historiador lança as perguntas sobre quem fala e de onde fala, ao enfocar o texto propriamente dito, o que se fala e como se fala e na análise da recepção, a questão jogada pelo historiador será discutir para quem fala (PESAVENTO, 2004, p. 70).

Aqui, a escrita se destina de forma que busque atingir seus leitores, independente da classe que eles constituem. A produção é absorvida e a escrita então é representada para os sujeitos a partir de suas subjetividades.

> Passa-se a entender que escrita e leitura são indivisíveis e estão contidas no texto, este plano intermediário entre produção e recepção que articula, permite a comunicação e veicula representações. Há, pois, uma tríade a considerar na análise, composta por escrita, texto e leitura (PESAVENTO, 2004, p. 70).

Sabe-se que a história do impresso, aqui situada no contexto rio-grandense, possui como principais contextos as articulações políticas e literárias, mas existem ricas articulações que precisam ser abordadas também, como: serviços gerais, protagonismo da mulher, violência doméstica, anúncios, fotografias, dentre tantos outros.

Os almanaques são, e em especial o Almanaque do Globo, uma espécie de extensão da vida dos que o leem, fazendo com que ele se desenvolva, a partir do olhar de quem o produz, em uma prática definitivamente cotidiana.

> Sobre a profissão do editor [...]. Os conhecimentos necessários não se podem adquirir nem num ano, e muitas vezes não é senão depois duma larga experiência de dez ou quinze anos que o editor chega a compreender com profunda mágoa quanto tem ainda que aprender. Só aquele que nunca esteve perfeitamente à altura da sua função tem a certeza de que sabe tudo quanto se pode saber a respeito dela (UNWIN, 1952, p. 255).

Em 1952, Unwin delimita no capítulo XI a profissão do editor de livros. Precedente a isto, ele explica como funciona todo processo de produção de um livro, desde produção inicial, passando pela venda e a recepção.

Por mais que dedicássemos o nosso tempo a pensar sobre o processo na produção do próprio Almanaque do Globo, precisamos compreender que o seu início passa obrigatoriamente pelas ações do indivíduo na sociedade, do leitor em seu tempo e das manifestações linguísticas e culturais, principalmente quando o período histórico que o estado passava, indicando um alto crescimento na indústria do entretenimento.

Tendo na sua formação editorial dois importantes indivíduos como Mansueto Bernardi e João Pinto da Silva, que contribuíram, respectivamente, para a história política e literária do estado do Rio Grande do Sul, o Almanaque do Globo proporcionou a abertura de um pensamento amplo no âmbito da editoração, direção e cultura dentro da própria Livraria do Globo com o lançamento deste almanaque, por mais que a Livraria já editasse livros no ano de lançamento do anuário, em 1917.

Gradativamente, a produção editorial da Livraria cresceu e muito desse crescimento se deve ao trabalho de Henrique Bertaso e Érico Veríssimo, na década de 1930, à frente de coleções de baixo ou alto custo e também na produção da Revista do Globo.

No que tange a relação deste impresso e suas práticas não escolares, sob o olhar da História Cultural, Chartier, no livro *A História ou a Leitura do Tempo*, relata que a cultura popular e a cultura letrada "mobilizaram apaixonadamente a história cultural" (2010, p. 45). Nesse sentido, a história cultural ajuda o leitor a enxergar um documento como algo que completa a si diante da relação estabelecida com o autor.

Nesse sentido, o Almanaque do Globo busca provocar em seus leitores uma renovação e intuito pelo aprendizado longe da materialidade escolar, pautado principalmente na formação literária e da prática de leitura no contexto sociocultural.

Além disso, acerca da interdisciplinaridade, como proposta do almanaque constituir em si um apanhado de linguagens, a História Cultural caminha em conjunto com as outras ciências, principalmente quando pautada no âmbito da representação histórica do passado. A constituição de uma doutrina se faz diante da sua conjuntura, de acordo com os traços de historicidade rememorados no presente momento da atribuição cultural. Segundo Chartier (2010):

> Não se trata de reivindicar a memória contra a história, à maneira de alguns escritores do século XIX, e sim mostrar que o testemunho da memória é o fiador da existência de um passado que foi e não é mais. O discurso histórico encontra ali a certificação imediata e evidente da referencialidade de seu objeto (CHARTIER, 2010, p. 23).

Por mais que houvessem diversos apoiadores, colaboradores e escritores que a Livraria do Globo, sobretudo através do Almanaque do Globo, obteve e lançou em todos os seus anos de pleno funcionamento[38], a produção do seu primeiro grande empreendimento foi um marco para a Livraria, atraindo leitores, escritores e potenciais parceiros para novos anseios da Livraria.

A representação e expressão através das linguagens que se manifestam a partir dos projetos e diálogos da Livraria do Globo com seu público leitor, utilizando aqui uma passagem da Pesavento, mostram que "as relações que se estabelecem entre o discurso e o real - ou da representação com o seu referente – vemos que elas podem se dar por aproximação com as figuras da literatura" (2004, p. 71).

A leitura de um impresso torna a cultura popular letrada, mas isso não justifica que a sua cultura popular não seja virtuosa. A linguagem propagada dentro da sua

[38] Por exemplo, "Moyses Vellinho, Augusto Meyer, Carlos Dante de Morais, Mario Quintana e Dyonelio Machado" (VERÍSSIMO, 1972, p. 20).

gênese se transfere para os diálogos da linguagem em um modo geral.

Com isso, busca-se arrolar com que a literatura, principalmente a seção destinada a este segmento no Almanaque do Globo, pudesse protagonizar com que este leitor não erudito, que não tivesse na sua ambição diária do seu contexto social o hábito de ler, pudesse então alcançar este conceito essencialmente cultural e pertencente sim, ao seu meio.

Compreendendo 17 edições, sabe-se que um estudo aprofundado se faz difícil quando não tomamos consciência de que é preciso oxigenar uma pesquisa e saber delimitar os nossos meios de abordagem metodológica e científica. Portanto, podemos encaminhar a dissertação para o último capítulo, onde o cerne será a análise frente ao objeto de estudo, o Almanaque do Globo.

Procura-se abordar no próximo capítulo a construção do Almanaque do Globo a partir de tudo que já foi relatado nesta dissertação, das relações estabelecidas pela Livraria do Globo e como a relação dos editores do almanaque, com o próprio público, possibilitou a construção dos discursos, de uma padronização de acordo com os contextos sociais vivenciados e como se tornaram cada vez mais firmes as seções ali abordadas.

3 A história impressa do Almanaque do Globo: seus editoriais, suas literaturas e seus guias para a educação do campo

Antes de iniciar as análises e discussões para com o que se observou entre as 17 edições do Almanaque do Globo, descobriu-se a continuidade do número de edições do Almanaque, porém, com um novo nome.

Encontrou-se, portanto, o número 18, de 1934, e o número 24, do ano de 1940. A estrutura destes novos periódicos permanecia a mesma da 17º edição, mas com alternância nas capas. A seguir, as capas dos respectivos almanaques[39]:

Figura 9 Capa do Almanaque do Globo para o ano de 1933 (à esquerda) e 1934 (à direita).

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS.

O Almanaque do Globo surgiu em 1917 para continuar a extensa história dos almanaques impressos no país, sobretudo no Rio Grande do Sul, contemplando cada vez mais a ideia de que se tenha um impresso capaz de distribuir conteúdo ao público, a partir dos aspectos culturais e sociais absorvidos pelos diretores através das suas

[39] Por mais que o foco desta dissertação seja anunciar ao leitor os principais pontos do Almanaque do Globo, compreendendo a sua produção entre o primeiro ano de publicação, 1917, e o último, 1933, acredita-se na importância de mencionar essa continuidade na produção, possibilitando assim com que sejam destinadas, a qualquer pesquisador, ainda mais subsídios dentro do universo das produções da Livraria do Globo.

vivências na sociedade. Quanto aos estudos sobre os mais diversos detalhes que o almanaque propôs, cabe, assim, mostrar as mais variadas formas de um almanaque que propague cultura impressa buscando articulação com as mais variadas frentes do ensino a partir da sua formação de cultura escrita.

Em meados de 1916, através da Livraria do Globo, Mansueto Bernardi[40] e João Pinto da Silva[41] deram seguimento aos trabalhos iniciados pelos sócios criadores da Livraria do Globo, Laudelino Barcellos e Saturnino Alves Pinto. A seguir, apresentamos as 17 edições do Almanaque do Globo:

[40] Mansueto Bernardi (1888 - 1966), natural de Treveso, na Itália, segundo Érico Veríssimo, foi um "poeta e prosador [...] Ele próprio era autor de livros como *Terra Convalescente*, e a sua quase paixão mística por São Francisco de Assis (o santo, não a cidade) o levaria a reunir um dia num volume os seus ternos *Poemas Franciscanos* (1927). Homem inteligente e de boa vontade, tinha uma personalidade catártica, recebia bem - embora sem exageros de cordialidade - todos os escritores que o procuravam, tanto os velhos como os novos. Esguio de figura, tinha uma dessas faces angulosas, de lábios finos e olhos esquivos, que a gente encontra em museus da Europa" (1973, p.6).

[41] João Pinto da Silva, Jaguarense de nascença (1889 - 1950), nas palavras de Carlos Henrique Baumgarten, foi um "jornalista, poeta, crítico literário e diplomata" (2013, p.5). João Pinto da Silva foi escritor de diversas obras importantes, das quais Baumgarten destaca na apresentação que escreve para a 3° edição da obra *História Literária do Rio Grande do Sul*, de Silva: "São publicações suas: *Estalacties*, 1910; *Vultos do meu caminho*, 1° série, 1918, com segunda edição em 1926; *Vultos do meu caminho*, 2º série, 1919, com segunda edição em 1926; *Bolhas de Espuma*, 1920; *Fisionomia de novos*, 1922; *História Literária do Rio Grande do Sul*, 1924, com segunda edição, revista e ampliada, em 1930; *A Província de São Pedro*, 1930" (2013, p. 6).

Figura 10 Almanaque do Globo (1917 - 1922).

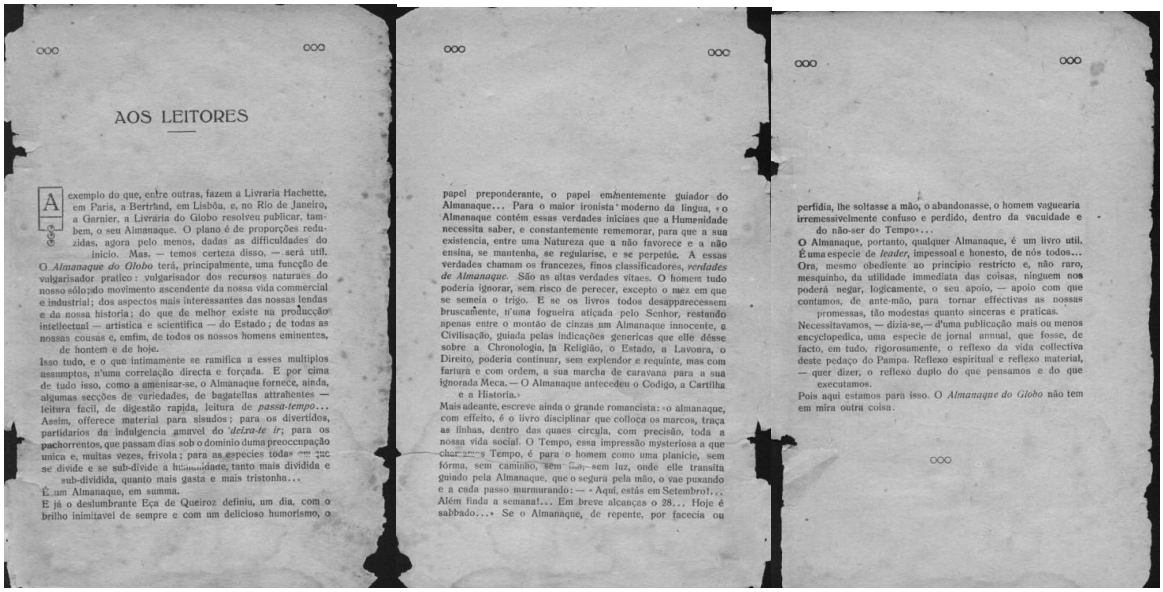
Fonte: Acervo do Centro de Documentação CEDOC/FAE/UFPel.

Figura 11 Almanaque do Globo (1923 - 1933) [42].

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS.

[42] A folha de rosto utilizada para ilustração foi retirada diretamente do acervo do Julio Petersen, na Biblioteca Central Irmão José Otão. A capa do Almanaque utilizada na página 93, figura 22, foi retirada do acervo do Centro de Documentação (CEDOC) da Universidade Federal de Pelotas.

A primeira edição do Almanaque do Globo, publicada em 1917 foi o almanaque com maior numeração de páginas: 384 páginas. Detalhe interessante é que na carta de abertura do almanaque podemos perceber, no editorial escrito pelos diretores do Almanaque do Globo, os anseios da diretoria do Almanaque do Globo e da própria Livraria para com o seu primeiro grande empreendimento.



AOS LEITORES

A exemplo do que, entre outras, fazem a Livraria Hachette, em Paris, a Bertrand, em Lisbôa, e, no Rio de Janeiro, a Garnier, a Livraria do Globo resolveu publicar, tambem, o seu Almanaque. O plano é de proporções reduzidas, agora pelo menos, dadas as difficuldades do inicio. Mas, — temos certeza disso, — será util. O *Almanaque do Globo* terá, principalmente, uma funcção de vulgarisador pratico; vulgarisador dos recursos naturaes do nosso sólo; do movimento ascendente da nossa vida commercial e industrial; dos aspectos mais interessantes das nossas lendas e da nossa historia; do que de melhor existe na producção intellectual — artistica e scientifica — do Estado; de todas as nossas cousas e, emfim, de todos os nossos homens eminentes, de hontem e de hoje.

Isso tudo, e o que intimamente se ramifica a esses multiplos assumptos, n'uma correlação directa e forçada. E por cima de tudo isso, como a amenisar-se, o Almanaque fornece, ainda, algumas secções de variedades, de bagatellas attrahentes — leitura facil, de digestão rapida, leitura de *passa-tempo*... Assim, offerece material para sisudos; para os divertidos, partidarios da indulgencia amavel do *deixa-te ir*; para os pachorrentos, que passam dias sob o dominio duma preoccupação unica e, muitas vezes, frivola; para as especies todas em que se divide e se sub-divide a humanidade, tanto mais dividida e sub-dividida, quanto mais gasta e mais tristonha...

É um Almanaque, em summa.

E já o deslumbrante Eça de Queiroz definiu, um dia, com o brilho inimitavel de sempre e com um delicioso humorismo, o papel preponderante, o papel eminentemente guiador do Almanaque... Para o maior ironista moderno da lingua, «o Almanaque contém essas verdades iniciaes que a Humanidade necessita saber, e constantemente rememorar, para que a sua existencia, entre uma Natureza que a não favorece e a não ensina, se mantenha, se regularise, e se perpetúe. A essas verdades chamam os francezes, finos classificadores, *verdades de Almanaque*. São as altas verdades vitaes. O homem tudo poderia ignorar, sem risco de perecer, excepto o mez em que se semeia o trigo. E se os livros todos desapparecessem bruscamente, n'uma fogueira atiçada pelo Senhor, restando apenas entre o montão de cinzas um Almanaque innocente, a Civilisação, guiada pelas indicações genericas que elle désse sobre a Chronologia, a Religião, o Estado, a Lavoura, o Direito, poderia continuar, sem explendor e requinte, mas com fartura e com ordem, a sua marcha de caravana para a sua ignorada Meca. — O Almanaque antecedeu o Codigo, a Cartilha e a Historia.»

Mais adeante, escreve ainda o grande romancista: «o almanaque, com effeito, é o livro disciplinar que colloca os marcos, traça as linhas, dentro das quaes circula, com precisão, toda a nossa vida social. O Tempo, essa impressão mysteriosa a que chamamos Tempo, é para o homem como uma planicie, sem fórma, sem caminho, sem fim, sem luz, onde elle transita guiado pela Almanaque, que o segura pela mão, o vae puxando e a cada passo murmurando: — «Aqui, estás em Setembro!... Além finda a semana!... Em breve alcançaa o 28... Hoje é sabbado...» Se o Almanaque, de repente, por facecia ou perfidia, lhe soltasse a mão, o abandonasse, o homem vaguearia irremessivelmente confuso e perdido, dentro da vacuidade e do não-ser do Tempo»...

O Almanaque, portanto, qualquer Almanaque, é um livro util. É uma especie de *leader*, impessoal e honesto, de nós todos... Ora, mesmo obediente ao principio restricto e, não raro, mesquinho, da utilidade immediata das coisas, ninguem nos poderá negar, logicamente, o seu apoio, — apoio com que contamos, de ante-mão, para tornar effectivas as nossas promessas, tão modestas quanto sinceras e praticas.

Necessitavamos, — dizia-se, — d'uma publicação mais ou menos encyclopedica, uma especie de jornal annual, que fosse, de facto, em tudo, rigorosamente, o reflexo da vida collectiva deste podaço do Pampa. Reflexo espiritual e reflexo material, — quer dizer, o reflexo duplo do que pensamos e do que executamos.

Pois aqui estamos para isso. O *Almanaque do Globo* não tem em mira outra coisa.

Figura 12 Editorial da 1º edição do Almanaque do Globo.

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS.

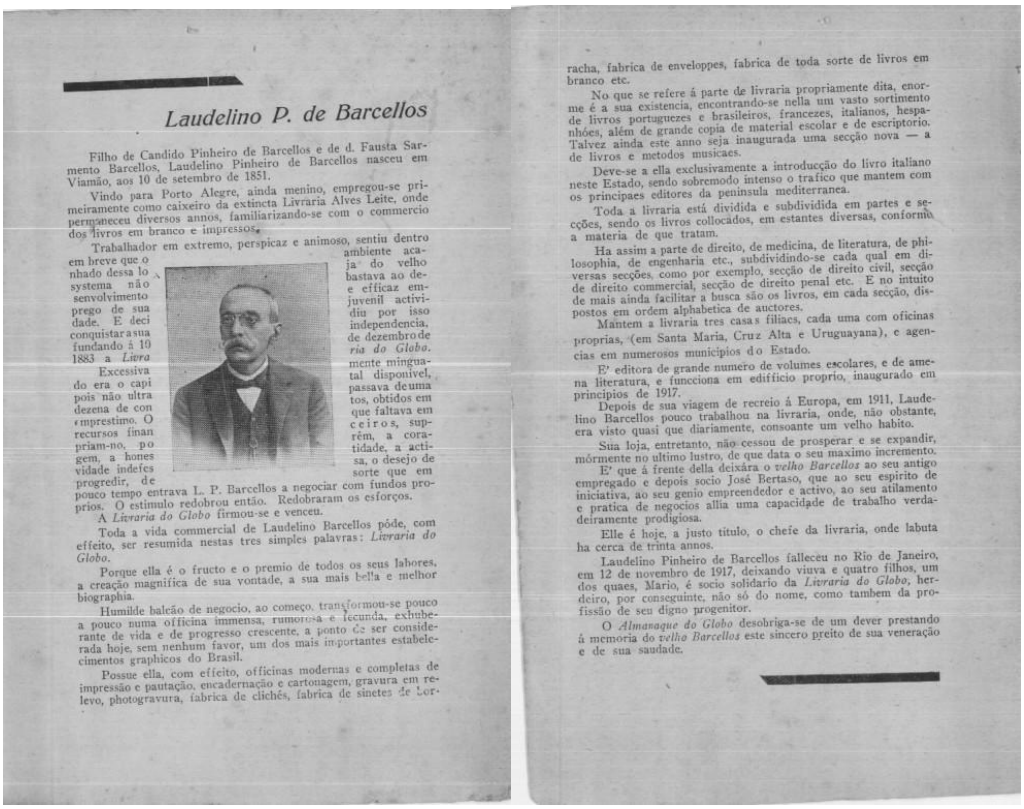
Neste editorial, somos apresentados a três importantes livrarias: Livraria Hachette, de Paris, Bertrand, de Lisboa e a Garnier, do Rio de Janeiro. Percebemos o intuito dos diretores de colocar a Livraria do Globo no mesmo patamar das três conceituadas livrarias, evidenciando suas grandes ambições ao pensar seus impressos no mercado, ocupando seu espaço e distribuindo para além do globo. Ademais, se institui logo nas primeiras linhas mais sobre os anseios do Almanaque do Globo para os seus leitores.

> O Almanaque do Globo terá, principalmente, uma funcção de vulgarisador pratico; vulgarisador dos recursos naturaes do nosso sólo; do movimento ascendente da nossa vida commercial e industrial; dos aspectos mais interessantes das nossas lendas e da nossa história; do que de melhor existe na producção intellectual - artística e scientifica - do Estado; de todas as nossas cousas e, emfim, de todos os nossos homens eminentes, de hontem e de hoje (ALMANAQUE DO GLOBO, 1917, p. 1).

A projeção do Almanaque do Globo para o público era a de dimensionar ao leitor, a partir da organização editorial, extensões da vida no próprio impresso. As atividades organizadas pelos produtores do campo ou pelos trabalhadores urbanos estavam presentes nas páginas das 17 edições, com um enfoque maior até a 15ª edição. As mudanças editoriais trouxeram alterações no design e no conteúdo, mas sem deixar de lado as nuances sociais que os almanaques tinham de tão importante.

Com isso, comecei a enxergar na leitura deste objeto de análise diversas ideias representativas no almanaque, a fim de pluralizar a relação do discurso dos diretores com o público, como: um almanaque que possa mostrar o cotidiano, erudições e informações úteis a partir das representatividade históricas do seu tempo e possibilidades do leitor em absorver o conteúdo proposto em meio a uma base de informação importante.

São diversas questões, porém, a sua ideia parte da construção e reprodução, década após década, século após século, daqueles produtores de cultura. Com isso, para a edição de 1919, o editorial destina duas páginas para falar sobre Laudelino Barcellos, criador da Livraria do Globo, falecido em 12 de novembro de 1917, no Rio de Janeiro:



Laudelino P. de Barcellos

Filho de Candido Pinheiro de Barcellos e de d. Fausta Sarmento Barcellos, Laudelino Pinheiro de Barcellos nasceu em Viamão, aos 10 de setembro de 1851.

Vindo para Porto Alegre, ainda menino, empregou-se primeiramente como caixeiro da extincta Livraria Alves Leite, onde permaneceu diversos annos, familiarizando-se com o commercio dos livros em branco e impressos.

Trabalhador em extremo, perspicaz e animoso, sentiu dentro em breve que o ambiente acanhado dessa loja do velho systema não bastava ao desenvolvimento e efficaz emprego de sua juvenil actividade. E decidiu por isso conquistar a sua independencia, fundando á 19 de dezembro de 1883 a *Livraria do Globo*. Excessivamente minguado era o capital disponivel, pois não ultrapassava de uma dezena de contos, obtidos em emprestimo. O que faltava em recursos financeiros, supriam-no, porêm, a coragem, a honestidade, a actividade indefessa, o desejo de progredir, de sorte que em pouco tempo entrava L. P. Barcellos a negociar com fundos proprios. O estimulo redobrou então. Redobraram os esforços.

A *Livraria do Globo* firmou-se e venceu.

Toda a vida commercial de Laudelino Barcellos póde, com effeito, ser resumida nestas tres simples palavras: *Livraria do Globo*.

Porque ella é o fructo e o premio de todos os seus labores, a creação magnifica de sua vontade, a sua mais bella e melhor biographia.

Humilde balcão de negocio, ao começo, transformou-se pouco a pouco numa officina immensa, rumorosa e fecunda, exhuberante de vida e de progresso crescente, a ponto de ser considerada hoje, sem nenhum favor, um dos mais importantes estabelecimentos graphicos do Brasil.

Possue ella, com effeito, officinas modernas e completas de impressão e pautação, encadernação e cartonagem, gravura em relevo, photogravura, fabrica de clichés, fabrica de sinetes de borracha, fabrica de enveloppes, fabrica de toda sorte de livros em branco etc.

No que se refere á parte de livraria propriamente dita, enorme é a sua existencia, encontrando-se nella um vasto sortimento de livros portuguezes e brasileiros, francezes, italianos, hespanhóes, além de grande copia de material escolar e de escriptorio. Talvez ainda este anno seja inaugurada uma secção nova — a de livros e metodos musicaes.

Deve-se a ella exclusivamente a introducção do livro italiano neste Estado, sendo sobremodo intenso o trafico que mantem com os principaes editores da peninsula mediterranea.

Toda a livraria está dividida e subdividida em partes e secções, sendo os livros collocados, em estantes diversas, conforme a materia de que tratam.

Ha assim a parte de direito, de medicina, de literatura, de philosophia, de engenharia etc., subdividindo-se cada qual em diversas secções, como por exemplo, secção de direito civil, secção de direito commercial, secção de direito penal etc. E no intuito de mais ainda facilitar a busca são os livros, em cada secção, dispostos em ordem alphabetica de auctores.

Mantem a livraria tres casas filiaes, cada uma com oficinas proprias, (em Santa Maria, Cruz Alta e Uruguayana), e agencias em numerosos municipios do Estado.

E' editora de grande numero de volumes escolares, e de amena literatura, e funcciona em edificio proprio, inaugurado em principios de 1917.

Depois de sua viagem de recreio á Europa, em 1911, Laudelino Barcellos pouco trabalhou na livraria, onde, não obstante, era visto quasi que diariamente, consoante um velho habito.

Sua loja, entretanto, não cessou de prosperar e se expandir, mórmente no ultimo lustro, de que data o seu maximo incremento.

E' que á frente della deixára o *velho Barcellos* ao seu antigo empregado e depois socio José Bertaso, que ao seu espirito de iniciativa, ao seu genio empreendedor e activo, ao seu atilamento e pratica de negocios allia uma capacidade de trabalho verdadeiramente prodigiosa.

Elle é hoje, a justo titulo, o chefe da livraria, onde labuta ha cerca de trinta annos.

Laudelino Pinheiro de Barcellos falleceu no Rio de Janeiro, em 12 de novembro de 1917, deixando viuva e quatro filhos, um dos quaes, Mario, é socio solidario da *Livraria do Globo*, herdeiro, por conseguinte, não só do nome, como tambem da profissão de seu digno progenitor.

O *Almanaque do Globo* desobriga-se de um dever prestando á memoria do *velho Barcellos* este sincero preito de sua veneração e de sua saudade.

Figura 13 Homenagem do Almanaque do Globo a Laudelino Barcellos (1919).

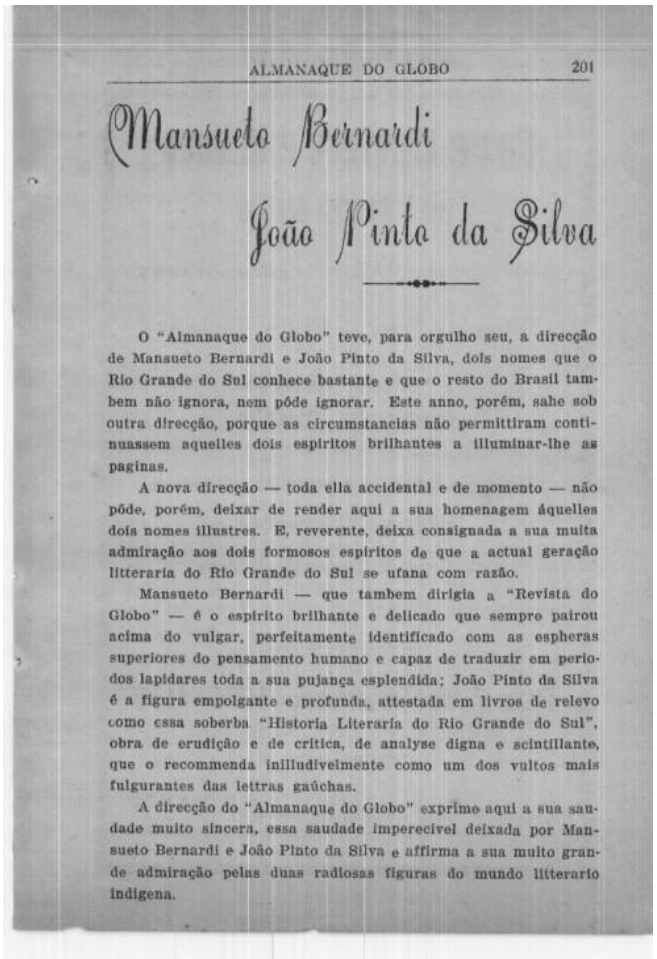
Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS.

O almanaque é um periódico que cobre e recupera práticas e saberes dos mais antigos aos mais imediatos (FERREIRA, 2001, p. 20), caracterizando-o como documento histórico dentro dos estudos sobre a nova história cultural. A presença de Laudelino na Livraria foi importante para que se houvesse um crescimento da Livraria como espaço a vir ser ocupado com o objetivo de fornecer apropriação de cultura e conhecimento. Abaixo, podemos ver algumas palavras deste editorial que mostra a importância de Laudelino para a história da Globo:

> Vindo para Porto Alegre, ainda menino, empregou-se primeiramente como caixeiro da extincta Livraria Alves Leite, onde permaneceu diversos annos, familiarizando-se com o commercio dos livros em branco e impressos. Trabalhador em extremo, perspicaz e animoso, sentiu dentro em breve que o ambiente acanhado dessa loja do velho systema não bastava ao desenvolvimento e efficaz emprego de sua juvenil actividade. E decidiu por isso conquistar a sua independência, fundando á 19 de dezembro de 1883 a Livraria do Globo. Excessivamente minguado era o capital disponível, pois não ultrapassava de uma dezena de contos, obtidos em emprestimo. O que faltava em recursos financeiros, supriam-no, porêm, a coragem, a honestidade, a actividade indefessa, o desejo de progredir, de sorte que em pouco tempo entrava L.P Barcellos a negociar com fundos proprios. O

> estimulo redobrou então. Redobraram os esforços. A Livraria do Globo firmou-se e venceu (ALMANAQUE DO GLOBO, 1919, p. 1).

É importante ressaltar também a maneira pela qual Mansueto Bernardi e João Pinto da Silva, principais idealizadores que assumiram o editorial do Almanaque, pensaram e montaram as seções que apresentaram desde uma abordagem histórica em relação ao contexto político e social da época até o design das capas.



ALMANAQUE DO GLOBO 201

Mansueto Bernardi

João Pinto da Silva

O "Almanaque do Globo" teve, para orgulho seu, a direcção de Mansueto Bernardi e João Pinto da Silva, dois nomes que o Rio Grande do Sul conhece bastante e que o resto do Brasil tambem não ignora, nem póde ignorar. Este anno, porém, sahe sob outra direcção, porque as circumstancias não permittiram continuassem aquelles dois espiritos brilhantes a illuminar-lhe as paginas.

A nova direcção — toda ella accidental e de momento — não póde, porém, deixar de render aqui a sua homenagem áquelles dois nomes illustres. E, reverente, deixa consignada a sua muita admiração aos dois formosos espiritos de que a actual geração litteraria do Rio Grande do Sul se ufana com razão.

Mansueto Bernardi — que tambem dirigia a "Revista do Globo" — é o espirito brilhante e delicado que sempre pairou acima do vulgar, perfeitamente identificado com as espheras superiores do pensamento humano e capaz de traduzir em periodos lapidares toda a sua pujança esplendida; João Pinto da Silva é a figura empolgante e profunda, attestada em livros de relevo como essa soberba "Historia Literaria do Rio Grande do Sul", obra de erudição e de critica, de analyse digna e scintillante, que o recommenda inilludivelmente como um dos vultos mais fulgurantes das lettras gaúchas.

A direcção do "Almanaque do Globo" exprime aqui a sua saudade muito sincera, essa saudade imperecivel deixada por Mansueto Bernardi e João Pinto da Silva e affirma a sua muito grande admiração pelas duas radiosas figuras do mundo litterario indigena.

Figura 14 Menção a troca de diretoria do Almanaque à J.P. da Silva e Mansueto Bernardi (1932).

Fonte: Acervo Digital do Almanaque do Globo - Biblioteca Irmão José Otão - PUCRS.

O trabalho na Globo foi sendo realizado por diversas mãos ao mesmo tempo que a procura por criações e inovações frente aos seus editoriais, muito provavelmente, tenham sido pensadas de maneiras singulares. Na imagem acima, Mansueto Bernardi e João Pinto da Silva são homenageados após deixarem a direção do Almanaque do Globo.

> O Almanaque do globo teve, para orgulho seu, a direção de Mansueto Bernardi e João Pinto da Silva, dois nomes que o Rio Grande do sul conhece bastante e que o resto do Brasil também não ignora, nem póde ignorar. Este anno, porém, sob outra direcção, porque as circumstancias não permittiram continuassem aquelles dois espiritos brilhantes a illuminar-lhe as páginas [...] Mansueto Bernardi - que também dirigia a "Revista do Globo" - é o espirito brilhante e delicado que sempre pairou acima do vulgar, perfeitamente identificado com as espheras superiores do pensamento humano e capaz de traduzir em periodos lapidares toda a sua pujança esplendida; João Pinto da SIlva é a figura empolgante e profunda, attestada em livros de relevo como essa soberba "história Literaria do Rio Grande do Sul", obra de erudição e de crítica, de analyse digna e scintillante, que o recommenda inilludivelmente como um dos vultos mais fulgurantes das lettras gaúchas (ALMANAQUE DO GLOBO, 1932, p. 201).

Por mais que conste, até a edição de número 15, de 1931, os nomes de Mansueto Bernardi e João Pinto da Silva, segundo a 17ª do Almanaque do Globo de 1933 é mencionado que ambos os diretores originais deixaram a Livraria do Globo em 1930, para se mudarem ao Rio de Janeiro.

A 16ª edição do ano de 1932 já passou a contar com uma nova direção, mas foi na 17ª edição, de 1933, que o Almanaque do Globo passou a contar com uma nova roupagem, mas respeitando ainda algumas diretrizes que estavam introduzidas nas 16 edições passadas. A edição de 1933, a 17ª, contava com a direção de Octavio Tavares, assim como a de 1932, iniciando uma nova era nas produções da Globo.

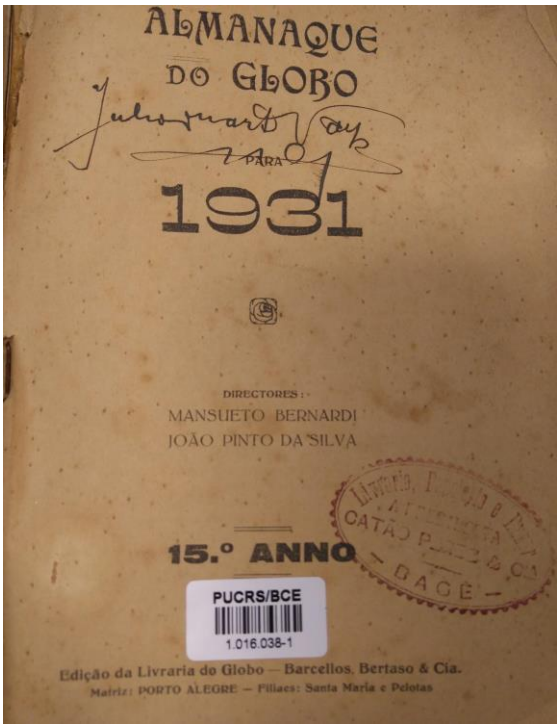


Figura 15 Direção de Octavio Tavares do Almanaque do Globo para o ano de 1931.

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS.

Na transição de um almanaque para o outro pode-se observar que há uma modernização no estilo de fonte utilizada no Almanaque do Globo de 1931, por exemplo. Com a mudança, a 16ª edição do Almanaque do revela também a comercialização na cidade de Bagé através dos seus carimbos, mesmo que não haja, de acordo com as filiais que a Livraria do Globo divulgava pelo impresso, uma amostra de que existia uma filial da Globo por lá.

Sabe-se que existiam redes de comercialização na cidade, assim como foi lembrada nesta dissertação através do relato de Otávio Bertaso na obra *A Globo da rua da praia*, porém, é seguro supor que a sua comercialização fosse compreendida, na época, a um número bem maior de cidades.

Como já foi dito anteriormente, não sabemos o número exato de páginas de acordo com as edições do Almanaque do Globo encontradas para a sua 16ª edição do ano de 1932, assim como trouxemos outros relatos sobre o referente ano abaixo do quadro citado no capítulo 3, mas podemos concluir que a edição de 1931 possui 276 páginas, 37 anunciantes, destacando algumas livrarias como a Livraria Selbach, na página 60, e a Livraria Americana, na página 138.

Cabe destacar, também, a título informativo, uma extensa matéria intitulada *As façanhas do "Graf Zeppelin"*, que conta a história da ligação comercial do dirigível realizada da Europa para a América do Sul. A matéria pode ser contemplada da página 105 à página 118 com diversas fotos e ilustrações do veículo e personalidades que fizeram parte da sua história.

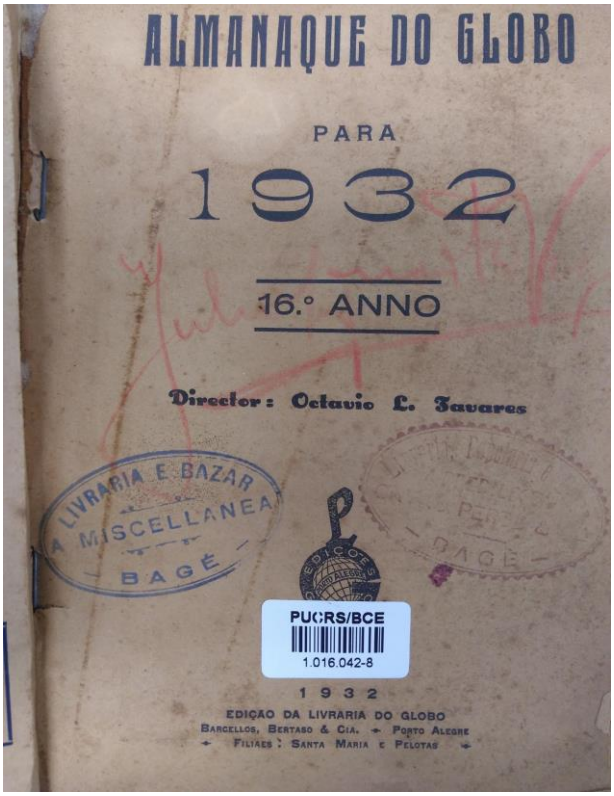


Figura 16 Direção do Almanaque do Globo para o ano de 1932.

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS.

Na edição 17, as páginas já se mostravam com um papel mais firme, a encadernação mudou, aumentando o almanaque de tamanho e a numeração de páginas que passou a ter 256. Outro detalhe interessante é a utilização de ilustrações em meio às matérias, fotos e uma menor quantidade de anunciantes. No editorial do ano de 1933 um pouco destas mudanças são relatadas ao leitor.

> Com este volume entra o Almanaque do Globo em seu décimo-setimo ano de existencia, aparecido em 1917, obedeceu ele desde os primeiros dias a orientação dos ilustres Mansueto Bernardi e João Pinto da Silva, que foram seus diretores até 1930, época em que, transferindo residencia para o Rio de Janeiro, solicitaram ambos demissão do cargo. A Livraria do Globo tem o prazer de, com esta edição, apresentar ao publico o Almanaque do Globo em sua nova Fase: Agora sensivelmente desenvolvido em suas multiplas secções, aumentando o numero de gravuras que ilustram o texto, - tudo de maneira a corresponder ao honroso acolhimento que os leitores brasileiros

> lhe teem sempre dispensado. Esta casa editora faz votos para que tal acolhimento continue a se verificar, afim de que este anuario, marchando num progresso crescente e constante, possa ser sempre uma publicação digna da nossa terra e da nossa cultura (ALMANAQUE DO GLOBO, 1933, p. 5).

Acreditamos que por se tratar de “uma nova fase”, a edição de 1933 já inicie os padrões a serem seguidos pelas outras duas edições, de 1934 e 1940, encontradas durante esta pesquisa. Ao conter novas mudanças nos almanaques, sobretudo em relação às ilustrações, os diretores da nova fase utilizaram muito do progresso que a Livraria, enquanto editora, estava obtendo. Algumas das matérias adquirem caráter mais social, introduzindo lampejos do que vinha sendo a produção da Revista do Globo, coordenada por Érico Veríssimo e Henrique Bertaso a partir do ano de 1929.

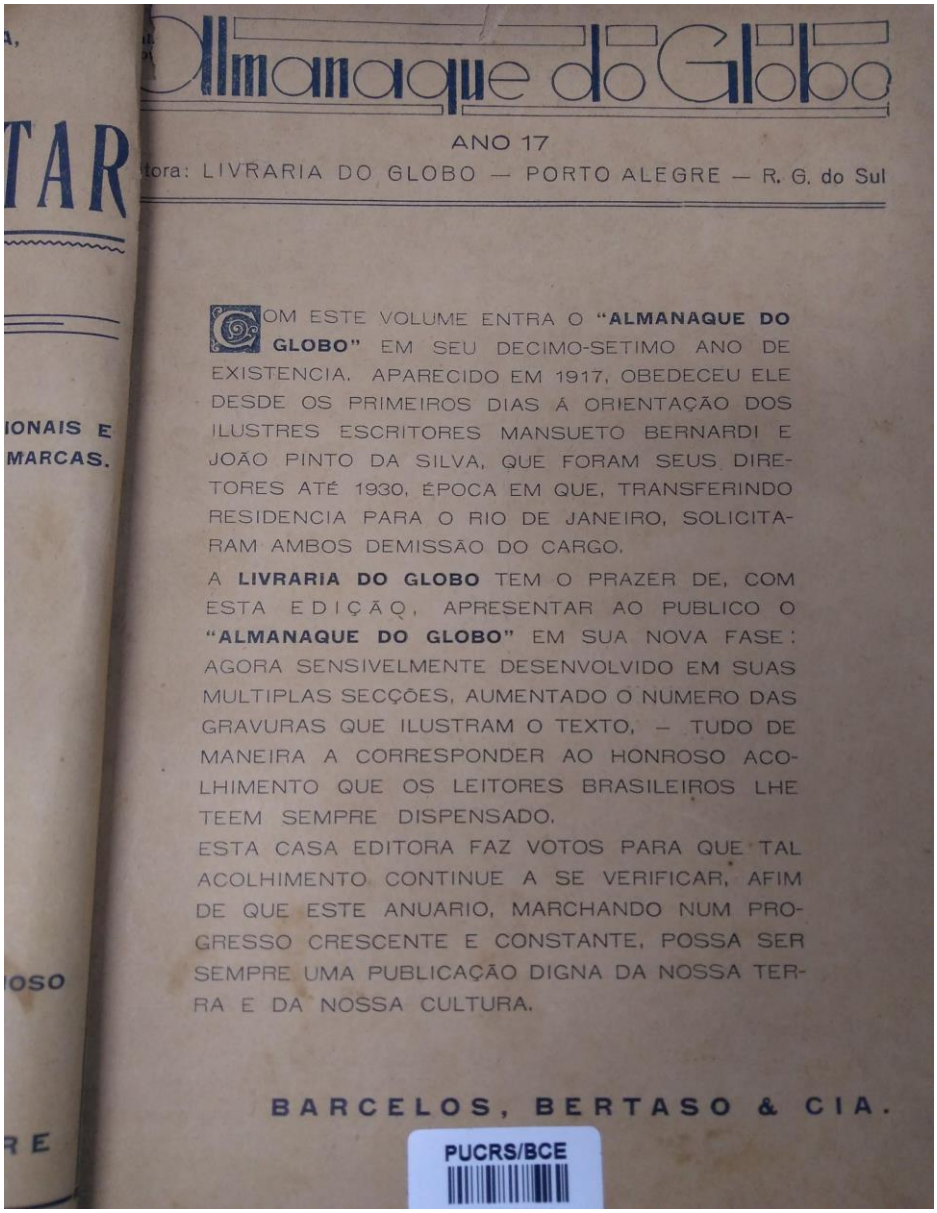
Figura 17 As ilustrações nas matérias do Almanaque do Globo para o ano de 1933.

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS

Nas imagens acima, páginas 60, 167 e 195, respectivamente, pode-se perceber a utilização das ilustrações no meio das matérias e assim se segue ao longo de praticamente toda a 17ª edição. Costume este não tão utilizado nas 16 edições anteriores, e que faz a análise deter-se em algumas noções acerca do que é visto nesta edição como, por exemplo, a melhora na qualidade do papel, a maior utilização de imagens em meio a matérias e a proximidade do impresso com outros impressos em formato, por exemplo, de revista da época.

Pensa-se que a utilização das imagens em meio às matérias em demasia, no Almanaque do Globo, trouxe um avanço neste novo mercado, evidenciando seus principais ilustradores e um grande armazenamento da Livraria para com fotografias específicas para cada matéria escrita.

A seguir inserimos uma imagem do editorial, retirada da edição de 1933, que consta no acervo de Julio Petersen, na Biblioteca Central da PUCRS.



Almanaque do Globo

ANO 17

...tora: LIVRARIA DO GLOBO — PORTO ALEGRE — R. G. do Sul

COM ESTE VOLUME ENTRA O **"ALMANAQUE DO GLOBO"** EM SEU DECIMO-SETIMO ANO DE EXISTENCIA. APARECIDO EM 1917, OBEDECEU ELE DESDE OS PRIMEIROS DIAS Á ORIENTAÇÃO DOS ILUSTRES ESCRITORES MANSUETO BERNARDI E JOÃO PINTO DA SILVA, QUE FORAM SEUS DIRETORES ATÉ 1930, ÉPOCA EM QUE, TRANSFERINDO RESIDENCIA PARA O RIO DE JANEIRO, SOLICITARAM AMBOS DEMISSÃO DO CARGO.

A **LIVRARIA DO GLOBO** TEM O PRAZER DE, COM ESTA EDIÇÃO, APRESENTAR AO PUBLICO O **"ALMANAQUE DO GLOBO"** EM SUA NOVA FASE: AGORA SENSIVELMENTE DESENVOLVIDO EM SUAS MULTIPLAS SECÇÕES, AUMENTADO O NUMERO DAS GRAVURAS QUE ILUSTRAM O TEXTO, — TUDO DE MANEIRA A CORRESPONDER AO HONROSO ACOLHIMENTO QUE OS LEITORES BRASILEIROS LHE TEEM SEMPRE DISPENSADO.

ESTA CASA EDITORA FAZ VOTOS PARA QUE TAL ACOLHIMENTO CONTINUE A SE VERIFICAR, AFIM DE QUE ESTE ANUARIO, MARCHANDO NUM PROGRESSO CRESCENTE E CONSTANTE, POSSA SER SEMPRE UMA PUBLICAÇÃO DIGNA DA NOSSA TERRA E DA NOSSA CULTURA.

BARCELOS, BERTASO & CIA.

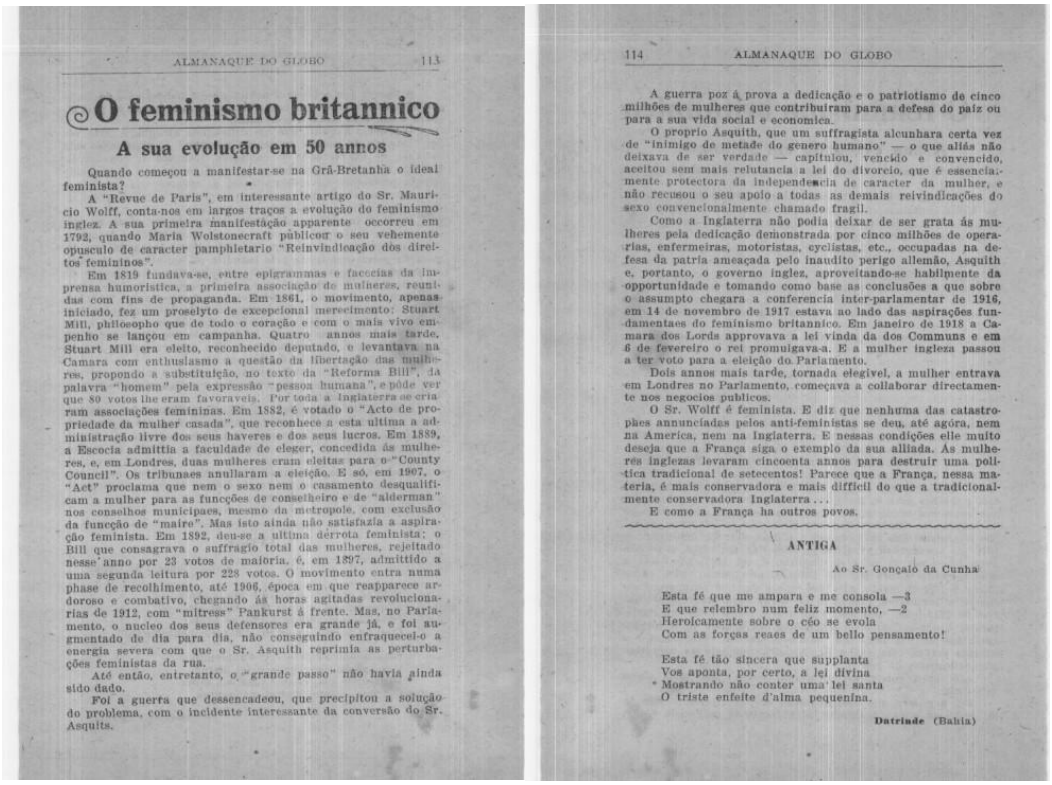
PUCRS/BCE

Figura 18 Editorial do Almanaque do Globo para o ano de 1933.

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS.

O Almanaque do Globo procurou ser um marco no seu tempo atingindo um público que nutrisse uma história não só de um produto da Livraria, mas de um

impresso que ajudava a movimentar o mercado editorial. Trazia em suas páginas a possibilidade de discutir temas pouco discutidos em almanaques na primeira metade do século XX, como o analfabetismo e o feminismo. Em vistas disso, tratamos de falar, brevemente, sobre a imagem abaixo. As imagens sobre o *Analfabetismo* do Almanaque do Globo de 1925, apesar de trazer apenas dados, são ótimos indícios de pesquisas futuras.



ALMANAQUE DO GLOBO 113

O feminismo britannico

A sua evolução em 50 annos

Quando começou a manifestar-se na Grã-Bretanha o ideal feminista?

A "Revue de Paris", em interessante artigo do Sr. Mauricio Wolff, conta-nos em largos traços a evolução do feminismo inglez. A sua primeira manifestação apparente occorreu em 1792, quando Maria Wolstonecraft publicou o seu vehemente opusculo de caracter pamphletario "Reinvindicação dos direitos femininos".

Em 1819 fundava-se, entre epigrammas e facecias da imprensa humoristica, a primeira associação de mulheres, reunidas com fins de propaganda. Em 1861, o movimento, apenas iniciado, fez um proselyto de excepcional merecimento: Stuart Mill, philosopho que de todo o coração e com o mais vivo empenho se lançou em campanha. Quatro annos mais tarde, Stuart Mill era eleito, reconhecido deputado, e levantava na Camara com enthusiasmo a questão da libertação das mulheres, propondo a substituição, no texto da "Reforma Bill", da palavra "homem" pela expressão "pessoa humana", e pôde ver que 80 votos lhe eram favoraveis. Por toda a Inglaterra se criaram associações femininas. Em 1882, é votado o "Acto de propriedade da mulher casada", que reconhece a esta ultima a administração livre dos seus haveres e dos seus lucros. Em 1889, a Escocia admittia a faculdade de eleger, concedida ás mulheres, e, em Londres, duas mulheres eram eleitas para o "County Council". Os tribunaes anullaram a eleição. E só, em 1907, o "Act" proclama que nem o sexo nem o casamento desqualificam a mulher para as funcções de conselheiro e de "alderman" nos conselhos municipaes, mesmo da metropole, com exclusão da funcção de "maire". Mas isto ainda não satisfazia a aspiração feminista. Em 1892, deu-se a ultima derrota feminista: o Bill que consagrava o suffragio total das mulheres, rejeitado nesse anno por 23 votos de maioria, é, em 1897, admittido a uma segunda leitura por 228 votos. O movimento entra numa phase de recolhimento, até 1906, época em que reapparece ardoroso e combativo, chegando ás horas agitadas revolucionarias de 1912, com "mitress" Pankurst á frente. Mas, no Parlamento, o nucleo dos seus defensores era grande já, e foi augmentado de dia para dia, não conseguindo enfraquecel-o a energia severa com que o Sr. Asquith reprimia as perturbações feministas da rua.

Até então, entretanto, o "grande passo" não havia ainda sido dado.

Foi a guerra que desencadeou, que precipitou a solução do problema, com o incidente interessante da conversão do Sr. Asquith.

114 ALMANAQUE DO GLOBO

A guerra poz á prova a dedicação e o patriotismo de cinco milhões de mulheres que contribuiram para a defesa do paiz ou para a sua vida social e economica.

O proprio Asquith, que um suffragista alcunhara certa vez de "inimigo de metade do genero humano" — o que aliás não deixava de ser verdade — capitulou, vencido e convencido, aceitou sem mais relutancia a lei do divorcio, que é essencialmente protectora da independencia de caracter da mulher, e não recusou o seu apoio a todas as demais reivindicações do sexo convencionalmente chamado fragil.

Como a Inglaterra não podia deixar de ser grata ás mulheres pela dedicação demonstrada por cinco milhões de operarias, enfermeiras, motoristas, cyclistas, etc., occupadas na defesa da patria ameaçada pelo inaudito perigo allemão, Asquith e, portanto, o governo inglez, aproveitando-se habilmente da opportunidade e tomando como base as conclusões a que sobre o assumpto chegara a conferencia inter-parlamentar de 1916, em 14 de novembro de 1917 estava ao lado das aspirações fundamentaes do feminismo britannico. Em janeiro de 1918 a Camara dos Lords approvava a lei vinda da dos Communs e em 6 de fevereiro o rei promulgava-a. E a mulher ingleza passou a ter voto para a eleição do Parlamento.

Dois annos mais tarde, tornada elegivel, a mulher entrava em Londres no Parlamento, começava a collaborar directamente nos negocios publicos.

O Sr. Wolff é feminista. E diz que nenhuma das catastrophes annunciadas pelos anti-feministas se deu, até agóra, nem na America, nem na Inglaterra. E nessas condições elle muito deseja que a França siga o exemplo da sua alliada. Ás mulheres inglezas levaram cincoenta annos para destruir uma politica tradicional de setecentos! Parece que a França, nessa materia, é mais conservadora e mais difficil do que a tradicionalmente conservadora Inglaterra ...

E como a França ha outros povos.

ANTIGA

Ao Sr. Gonçalo da Cunha

Esta fé que me ampara e me consola —3
E que relembro num feliz momento, —2
Heroicamente sobre o céo se evola
Com as forças reaes de um bello pensamento!

Esta fé tão sincera que supplanta
Vos aponta, por certo, a lei divina
Mostrando não conter uma lei santa
O triste enfeite d'alma pequenina.

Datriade (Bahia)

Figura 19 Matéria sobre o Feminismo Britânico (1925).

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS.

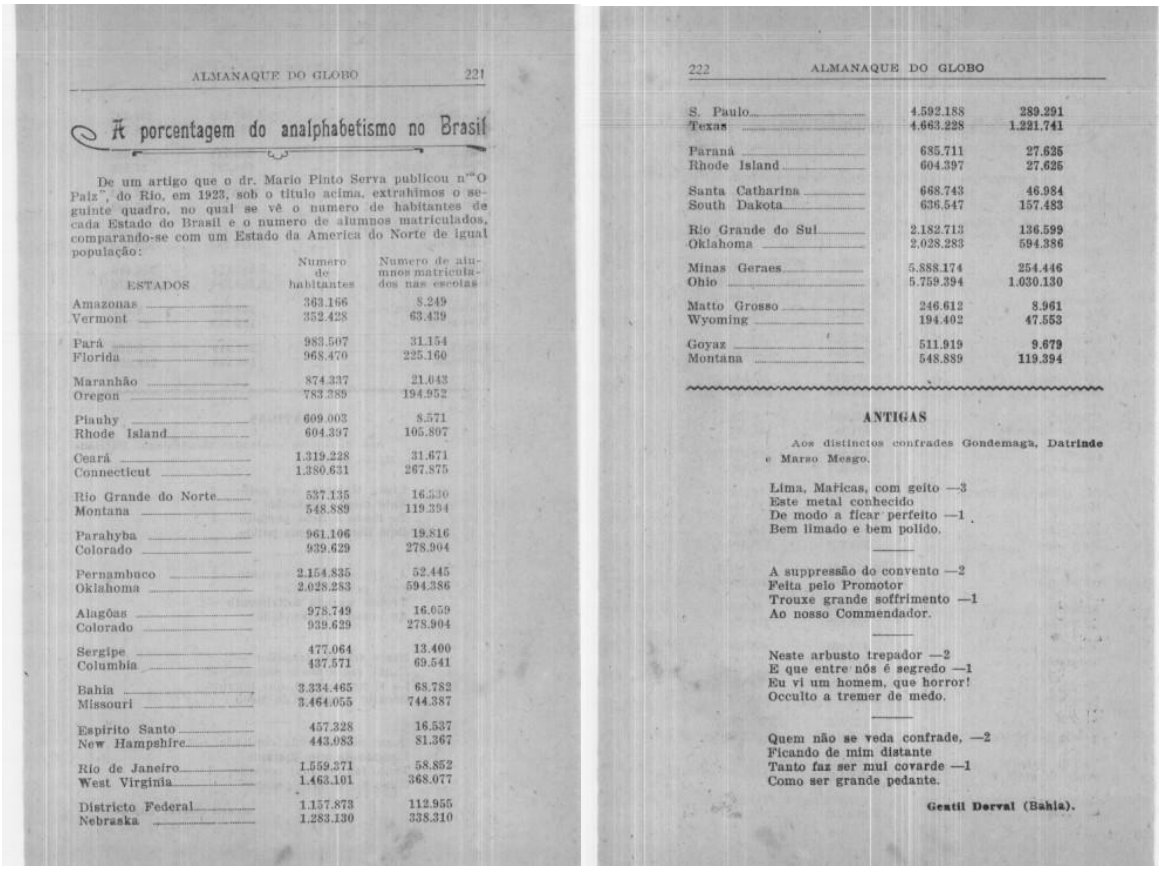
Em 1925, assim como em outras edições do Almanaque do Globo, a direção tomaria a frente de discussões diversas, ambientadas sobretudo diariamente no universo do leitor. Por mais que muitas destas matérias não se situem na vizinhança ou nos arredores do seu nicho mercadológico, aflorava ali a perspectiva de levar ao público o conhecimento de assuntos extremamente importantes, retratando outros olhares sobre as vivências, as inquietações e os anseios, principalmente, neste caso, da ocupação do espaço feminino em um mundo notoriamente orquestrado pela posição — e imposição — masculina.

> A "Revne de Paris", em interessante artigo do Sr. Mauricio Wolff, conta-nos em largos traços a evolução do feminismo inglez. A sua primeira manifestação

> apparente occorreu em 1792, quando Maria Wolstonecraft publicou o seu vehemente opusculo de caracter plamphietario "Reinvindicação dos direitos femininos". Em 1819 fundava-se a primeira associação de mulheres, reunidas com fins de propaganda. Em 1861, o movimento, apenas iniciado, fez um proselyto de excepcional merecimento: Stuart Mill, philosopho que de todo o coração e com o mais vivo empenho se lançou em campanha. Quatro annos mais tarde, Stuart Mill era eleito, reconhecido deputado, e levantava na Camara com enthusiasmo a questão da libertação das mulheres, propondo a substituição, no texto da "Reforma Bill", da palavra "homem" pela expressão "pessoa humana". Em 1882 é votado o "Acto de propriedade da mulher casada", que reconhece a esta última a administração livre dos seus haveres e dos seus lucros (ALMANAQUE DO GLOBO, 1925, p. 113).

Diante da citação acima, percebemos que há um encaminhamento das reformas a favor das feministas, principalmente em uma Inglaterra que enfrentava retrocessos na segunda metade do século XIX. Se sabe, historicamente, que o movimento sufragista se tendeu a impulsionar o seu núcleo na entrada do século XX, em que mulheres e colaboradores reivindicaram com mais veemência as suas vontades, direitos e posições dentro do universo social.

A primeira metade do século XX passaria a ser extremamente importante para a história do feminismo no mundo, e coube ao Almanaque do Globo trazer este relato ao Rio Grande do Sul e posicionar-se em um mundo ainda limitante para as mulheres.



ALMANAQUE DO GLOBO 221

A porcentagem do analphabetismo no Brasil

De um artigo que o dr. Mario Pinto Serva publicou n'"O Paiz", do Rio, em 1923, sob o titulo acima, extrahimos o seguinte quadro, no qual se vê o numero de habitantes de cada Estado do Brasil e o numero de alumnos matriculados, comparando-se com um Estado da America do Norte de igual população:

ESTADOS	Numero de habitantes	Numero de alumnos matriculados nas escolas
Amazonas	363.166	8.249
Vermont	352.428	63.439
Pará	983.507	31.154
Florida	968.470	225.160
Maranhão	874.337	21.043
Oregon	783.389	194.952
Piauhy	609.003	8.571
Rhode Island	604.397	105.807
Ceará	1.319.228	31.671
Connecticut	1.380.631	267.875
Rio Grande do Norte	537.135	16.530
Montana	548.889	119.394
Parahyba	961.106	19.816
Colorado	939.629	278.904
Pernambuco	2.154.835	52.445
Oklahoma	2.028.283	594.386
Alagôas	978.749	16.659
Colorado	939.629	278.904
Sergipe	477.064	13.400
Columbia	437.571	69.541
Bahia	3.334.465	68.782
Missouri	3.464.055	744.387
Espirito Santo	457.328	16.537
New Hampshire	443.083	81.367
Rio de Janeiro	1.559.371	58.852
West Virginia	1.463.101	368.077
Districto Federal	1.157.873	112.955
Nebraska	1.283.130	338.310

222 ALMANAQUE DO GLOBO

S. Paulo	4.592.188	289.291
Texas	4.663.228	1.221.741
Paraná	685.711	27.625
Rhode Island	604.397	27.625
Santa Catharina	668.743	46.984
South Dakota	636.547	157.483
Rio Grande do Sul	2.182.713	136.599
Oklahoma	2.028.283	594.386
Minas Geraes	5.888.174	254.446
Ohio	5.759.394	1.030.130
Matto Grosso	246.612	8.961
Wyoming	194.402	47.553
Goyaz	511.919	9.679
Montana	548.889	119.394

ANTIGAS

Aos distinctos confrades Gondemaga, Datrinde e Marso Mesgo.

Lima, Maricas, com geito —3
Este metal conhecido
De modo a ficar perfeito —1
Bem limado e bem polido.

A suppressão do convento —2
Feita pelo Promotor
Trouxe grande soffrimento —1
Ao nosso Commendador.

Neste arbusto trepador —2
E que entre nós é segredo —1
Eu vi um homem, que horror!
Occulto a tremer de medo.

Quem não se veda confrade, —2
Ficando de mim distante
Tanto faz ser mui covarde —1
Como ser grande pedante.

Gentil Derval (Bahia).

Figura 20 Matéria sobre o Analfabetismo (1925).

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS.

A Livraria do Globo, como editora, fortaleceria a cultura industrial e acabaria se tornando uma grande difusora de projetos artísticos e literários devido à grande diversidade de produtos que a Livraria possuía.

A construção da Livraria do Globo não se daria tão somente ao potencial crescimento de seus dois incentivadores, mas também de uma construção coletiva de diversos nomes que trabalharam, ao longo dos anos, para o crescimento da que viria a ser uma das maiores e principais livrarias do país. Mansueto Bernardi, a família Bertaso, João Pinto da Silva, dentre tantos outros, ajudaram principalmente na criação do primeiro grande empreendimento da Livraria, o Almanaque do Globo, para o ano de 1917.

A produção do Almanaque do Globo de 1917 teve uma tiragem com papéis mais econômicos, frágeis, e suas primeiras edições custavam 1$500, sendo que algumas produções, traduções da livraria, custavam por volta de 5$000 a 8$000. Ao final de cada Almanaque do Globo (1917-1933), produzida e distribuída pela Editora

Globo, através da Livraria do Globo, de Porto Alegre, o leitor pôde acompanhar o expediente que apresentava.

Dentre especificações sobre a nova e posterior obra a ser lançada pela Editora, o Almanaque do Globo, através do seu expediente, publicava convites para que os próprios leitores enviassem fotos históricas sobre determinado assunto, assim como os comunicados às participações em concursos de charadistas.

A seguir, arrolamos os quadros das principais edições do Almanaque do Globo que são resultados de uma verificação no índice da matéria e dos anunciantes a fim de perceber as principais mudanças ao longo dos anos. Escolheu-se as edições de 1917, 1919, 1925 e 1932 por apresentarem mudanças mais evidentes na composição do Almanaque, seja na modificação do design da capa, seja na estrutura do índice:

Quadro 6 Construção do Sumário do Almanaque do Globo de 1917.

Seções	**Páginas**
Carta aos Leitores	P. 3
Repartição das festividades do vigente ano e as localidades onde ocorrem as principais celebrações	P. 7
Fases Lunares	P. 14
Calendários e Folhas para Anotações	P. 16 - 43
Guia do Contribuinte – Estadual, federal, municipal	P. 44 - 61
Sistema métrico decimal	P. 62 - 68
Tabela de Juros	P. 69 - 71
Câmbio	P. 72 - 81
Conversão – Léguas, quadras, braças, palmos, quadras, braças, alqueire	P. 82 - 88
Comparação entre as conversões	P. 89
Espaço geográfico das cidades do Rio Grande do Sul (RS)	P. 90 - 93
Principais rios do Brasil	P. 95

Parte Literária	P. 97 - 361
Indicações úteis	P. 362
Expediente	P. 372

Fonte: Acervo do Centro de Documentação CEDOC/FAE/UFPel.

Na 1ª edição, publicada em 1917, com 384 páginas, destacam-se principalmente as seções destinadas ao próprio leitor, como as constatações sobre o novo código civil brasileiro, de 1917, e ao cidadão rural, em que é visível o auxílio que se tem por meio do Almanaque ao procurar ajudar esse morador da zona rural a compreender melhor os cuidados com a terra e com o gado.

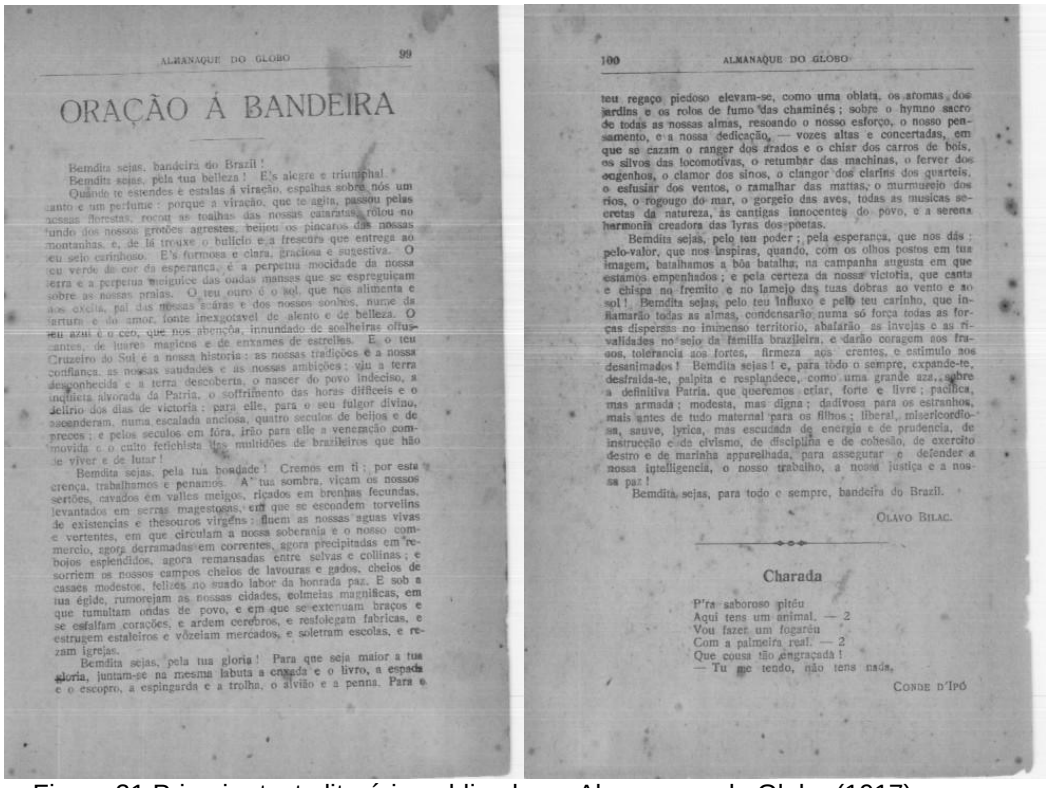
Para auxílio do leitor, o Almanaque do Globo trabalhou com guias em 16 das 17 edições analisadas. Durante as 16 edições, o Almanaque do Globo passou a contar com os seguintes guias: guia do contribuinte estadual; guia do contribuinte federal e guia do contribuinte municipal. Para a edição de 1918, o Almanaque passa a contar com dois novos guias: guia do agricultor, horticultor e do jardineiro; guia do avicultor e do apicultor. As duas últimas categorias se encontram na letra G do Índice alfabético da matéria da edição 2. Na 17º edição, na página 210, ele passa a se chamar, por exemplo, *Conselhos Práticos aos Horticultores*.

Por mais que esta primeira edição ainda não conte com uma separação de matéria através do seu índice, consegui analisar e perceber que tal separação é feita em três momentos, como podemos observar previamente no quadro da edição construído acima. O almanaque, da página 3 à página 96, trata sobre diversos assuntos convenientes ao leitor[43]; a página 97 à página 361 contempla diversas produções de autores rio-grandenses, brasileiros e estrangeiros, e termina com as indicações úteis[44] e o expediente.

Cabe ressaltar aqui que a parte literária do Almanaque do Globo publicou como texto de abertura desta seção um escrito de Olavo Bilac, intitulado *Oração á Bandeira*, na página 97. Abaixo, a primeira publicação literária do Almanaque do Globo.

[43] Compreende-se aqui: Guias, calendários, datas festivas, tabelas de juros, conversões, sistema métrica, dentre outros.

[44] Guias sobre a vida de Porto Alegre - onde ir, onde consumir - e outras questões importantes que envolve o ramo da navegação, a tabela de passagens da companhia Lloyde Brazileiro e notícias sobre o Tesouro do Estado (dias de pagamento).



ALMANAQUE DO GLOBO 99

ORAÇÃO Á BANDEIRA

Bemdita sejas, bandeira do Brazil!

Bemdita sejas, pela tua belleza! E's alegre e triumphal.

Quando te estendes e estalas á viração, espalhas sobre nós um canto e um perfume: porque a viração, que te agita, passou pelas nossas florestas, roçou as toalhas das nossas cataratas, rolou no fundo dos nossos grandes agrestes, beijou os píncaros das nossas montanhas, e, de lá trouxe o bulicio e a frescura que entrega ao teu selo carinhoso. E's formosa e clara, graciosa e sugestiva. O teu verde de cor da esperança, é a perpetua mocidade da nossa terra e a perpetua meiguice das ondas mansas que se espreguiçam sobre as nossas praias. O teu ouro é o sol, que nos alimenta e aos exclue, pai das nossas searas e dos nossos sonhos, nume da fartura e do amor, fonte inexgotavel de alento e de belleza. O teu azul é o ceo, que nos abençoa, innundado de scelheiras offuscantes, de lustres magicos e de enxames de estrellas. E, o teu Cruzeiro do Sul é a nossa historia: as nossas tradições e a nossa confiança, as nossas saudades e as nossas ambições: viu a terra desconhecida e a terra descoberta, o nascer do povo indeciso, a inglicia alvorada da Patria, o soffrimento das horas difficeis e o delirio dos dias de victoria: para elle, para o seu fulgor divino, ascenderam, numa escalada anciosa, quatro seculos de beijos e de preces; e pelos seculos em fóra, irão para elle a veneração commovida e o culto fetichista das multidões de brazileiros que hão de viver e de lutar!

Bemdita sejas, pela tua bondade! Cremos em ti; por esta crença, trabalhamos e penamos. A' tua sombra, vicam os nossos sertões, cavados em valles meigos, ricados em brenhas fecundas, levantados em serras magestosas, em que se escondem torveliins de existencias e thesouros virgens; fluem as nossas aguas vivas e vertentes, em que circulam a nossa soberania e o nosso commercio, agora derramadas em correntes, agora precipitadas em rebojos esplendidos, agora remansadas entre selvas e collinas; e sorriem os nossos campos cheios de lavouras e gados, cheios de casaes modestos, felizes no suado labor da honrada paz. E sob a tua égide, rumorejam as nossas cidades, colmeias magnificas, em que tumultam ondas de povo, e em que se extenuam braços e se esfalfam corações, e ardem cerebros, e resfolegam fabricas, e estrugem estaleiros e vozeiam mercados, e soletram escolas, e rezam igrejas.

Bemdita sejas, pela tua gloria! Para que seja maior a tua gloria, juntam-se na mesma labuta a enxada e o livro, a espada e o escopro, a espingarda e a trolha, o alvião e a penna. Para o

100 ALMANAQUE DO GLOBO

teu regaço piedoso elevam-se, como uma oblata, os aromas dos jardins e os rolos de fumo das chaminés; sobre o hymno sacro de todas as nossas almas, resoando o nosso esforço, o nosso pensamento, e a nossa dedicação, — vozes altas e concertadas, em que se cazam o ranger dos fradas e o chiar dos carros de bois, os silvos das locomotivas, o retumbar das machinas, o ferver dos engenhos, o clamor dos sinos, o clangor dos clarins dos quarteis, o esfusiar dos ventos, o ramalhar das mattas, o murmurejo dos rios, o rogougo do mar, o gorgeio das aves, todas as musicas secretas da natureza, as cantigas innocentes do povo, e a serena harmonia creadora das lyras dos poetas.

Bemdita sejas, pelo teu poder; pela esperança, que nos dás; pelo valor, que nos inspiras, quando, com os olhos postos em tua imagem, batalhamos a bôa batalha, na campanha augusta em que estamos empenhados; e pela certeza da nossa victoria, que canta e chispa no fremito e no lamejo das tuas dobras ao vento e ao sol! Bemdita sejas, pelo teu influxo e pelo teu carinho, que inflamarão todas as almas, condensarão numa só força todas as forças dispersas no immenso territorio, abafarão as invejas e as rivalidades no seio da familia brazileira, e darão coragem aos fracos, tolerancia aos fortes, firmeza aos crentes, e estimulo aos desanimados! Bemdita sejas! e, para todo o sempre, expande-te, desfralda-te, palpita e resplandece, como uma grande aza, sobre a definitiva Patria, que queremos criar, forte e livre; pacifica, mas armada; modesta, mas digna; dadivosa para os estranhos, mais antes de tudo maternal para os filhos; liberal, misericordiosa, suave, lyrica, mas escudada de energia e de prudencia, de instrucção e de civismo, de disciplina e de coheslo, de exercito destro e de marinha apparelhada, para assegurar e defender a nossa intelligencia, o nosso trabalho, a nossa justiça e a nossa paz!

Bemdita sejas, para todo e sempre, bandeira do Brazil.

OLAVO BILAC.

Charada

P'ra saboroso pitéu
Aqui tens um animal. — 2
Vou fazer um fogaréu
Com a palmeira real. — 2
Que cousa tão engraçada!
— Tu me tendo, não tens nada.

CONDE D'IPÓ

Figura 21 Primeiro texto literário publicado no Almanaque do Globo (1917).

Fonte: Acervo do Centro de Documentação CEDOC/FAE/UFPel.

Um Rio Grande do Sul, ainda amparado sob a literatura regionalista, circunstâncias do país e do estado, como a Guerra dos Farrapos, compunha os temas as principais obras produzidas.

Segundo Zilberman (1992), “não se trata propriamente da ficção histórica, já que a revolução aparece não como o passado distante que é objeto da reflexão crítica dos escritores, mas a atualidade viva na mente deles” (1992, p. 109). Seja a que for a sua posição, o leitor tem, ao ler, a capacidade de atribuir para si e projetar o que queira projetar diante do texto.

Diante disso, coube à direção do Almanaque manter vivos acontecimentos tão “recentes” aos olhos e à mente do leitor, dentre tantas outras publicações do Almanaque do Globo que ainda serão citadas aqui.

As razões sociais conduziram boa parte da construção deste almanaque, como viria a ser para com a construção da literatura no Rio Grande do Sul. Na década de 1930, por exemplo, autores como Érico Veríssimo, Dyonélio Machado, Reynaldo

Moura, Athos Damasceno Ferreira, Telmo Vergada, segundo Zilberman, ajudaram a alargar o espectro regionalista no estado.

> [...] Incluindo temas inéditos, como a exposição e crítica ao processo de modernização da sociedade, técnicas renovadoras, como o monólogo interior, e personagens até então desconhecidas, como mulheres que protagonizam o drama de sua libertação. Nem os assuntos, nem as estratégias narrativas ou os atores citados são exclusivos da chamada ficção urbana. Esta, contudo, introduziu-os na literatura, e com tal competência, que se converteram em marcas transferidas à ficção em geral, retornando em relatos de ambiência rural, em romances de fundo histórico, enfim, em gêneros da prosa que, no princípio, não as traziam (ZILBERMAN, 1992, p. 132).

O Almanaque do Globo passou a contar, na primeira edição, com 102 textos, um número extremamente expressivo, que mostra a direção do Globo bebendo a fundo na fonte da literatura global. Na edição de 1919, por exemplo, o Almanaque contou com a colaboração de 106 textos[45], dos quais alguns não sabemos informar os nomes, assim como na edição de 1917 e nas outras 15 edições do Almanaque do Globo por serem textos escritos pela própria Direção do Globo. Caso este, dentre as publicações dos próprios diretores, que foram aumentando consideravelmente.

Acredita-se, portanto, que esta manutenção seja por conta da enormidade de produtores de literatura presentes no estado, fazendo com que o espaço fosse sendo oportunizado para diversas mãos.

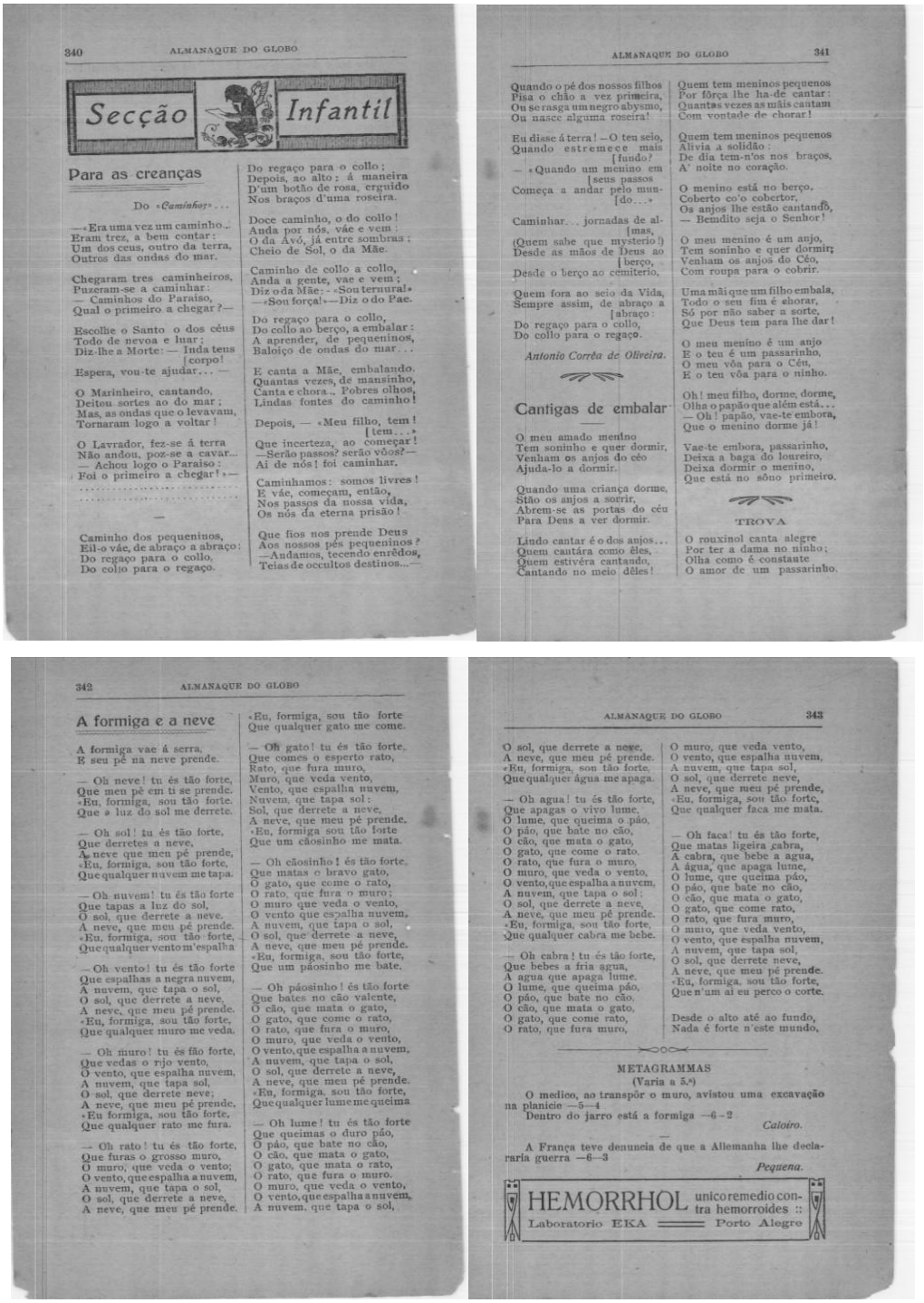
Outro destaque seria o direcionamento religioso que o Almanaque propõe nesta edição de 1917, com críticas às pessoas que se consideram ateístas e produções literárias que retratam a imagem de Deus para a sociedade. Entretanto, os anúncios podem ser vistos, ao mesmo tempo, como “pecaminosos”, já que o costume cultural ao consumo da bebida e o fumo são apresentados, com frequência, nas páginas da edição de 1917 do Almanaque do Globo.

Outra característica importante do Almanaque do Globo é, com a ajuda de Assis Brasil, instituir nas suas páginas guias que pudessem auxiliar o homem do campo, como guias para fazendeiros e agricultores. Tema, este, que vem sendo trabalhado nesta dissertação minuciosamente.

---

[45] Entre os 106 textos publicados, contados pelo pesquisador através do índice do Almanaque do Globo para o ano de 1919, existem algumas categorias que passaram a ocupar esta seção e contar com diversos colaboradores desconhecidos, leitores do almanaque que passaram a participar do mesmo: seção enigmas; charadistas; novíssimas; enigmas; logogriphos e metagrammas.

Ainda cabe ressaltar que, para a edição de 1917, o Almanaque do Globo trazia uma seção para crianças, que compunha a sua seção literária. A seção foi organizada pela direção do Globo e publicada em 4 páginas, da 340 à página 343, como mostraremos nas imagens abaixo:



340 ALMANAQUE DO GLOBO

Secção Infantil

Para as creanças

Do «Caminho»...

—«Era uma vez um caminho...
Eram trez, a bem contar:
Um dos ceus, outro da terra,
Outros das ondas do mar.

Chegaram tres caminheiros,
Puzeram-se a caminhar:
— Caminhos do Paraiso,
Qual o primeiro a chegar?—

Escolhe o Santo o dos céus
Todo de nevoa e luar;
Diz-lhe a Morte: — Inda teus
[corpo!
Espera, vou-te ajudar... —

O Marinheiro, cantando,
Deitou sortes ao do mar;
Mas, as ondas que o levavam,
Tornaram logo a voltar!

O Lavrador, fez-se á terra
Não andou, poz-se a cavar...
— Achou logo o Paraiso:
Foi o primeiro a chegar!»—
.....
.....

—

Caminho dos pequeninos,
Eil-o vae, de abraço a abraço:
Do regaço para o collo,
Do collo para o regaço.

Do regaço para o collo;
Depois, ao alto; á maneira
D'um botão de rosa, erguido
Nos braços d'uma roseira.

Doce caminho, o do collo!
Anda por nós, vae e vem:
O da Avó, já entre sombras;
Cheio de Sol, o da Mãe.

Caminho de collo a collo,
Anda a gente, vae e vem;
Diz o da Mãe: - «Sou ternura!»
—«Sou força!»—Diz o do Pae.

Do regaço para o collo,
Do collo ao berço, a embalar:
A aprender, de pequeninos,
Baloiço de ondas do mar...

E canta a Mãe, embalando.
Quantas vezes, de mansinho,
Canta e chora... Pobres olhos,
Lindas fontes do caminho!

Depois, — «Meu filho, tem!
[tem...»
Que incerteza, ao começar!
—Serão passos? serão vôos?—
Ai de nós! foi caminhar.

Caminhamos: somos livres!
E vae, começam, então,
Nos passos da nossa vida,
Os nós da eterna prisão!

Que fios nos prende Deus
Aos nossos pés pequeninos?
—Andamos, tecendo enrêdos,
Teias de occultos destinos...—

ALMANAQUE DO GLOBO 341

Quando o pé dos nossos filhos
Pisa o chão a vez primeira,
Ou se rasga um negro abysmo,
Ou nasce alguma roseira!

Eu disse á terra! — O teu seio,
Quando estremece mais
[fundo?
— «Quando um menino em
[seus passos
Começa a andar pelo mun-
[do...»

Caminhar... jornadas de al-
[mas,
(Quem sabe que mysterio!)
Desde as mãos de Deus ao
[berço,
Desde o berço ao cemiterio.

Quem fora ao seio da Vida,
Sempre assim, de abraço a
[abraço:
Do regaço para o collo,
Do collo para o regaço.

Antonio Corrêa de Oliveira.

Cantigas de embalar

O meu amado menino
Tem soninho e quer dormir,
Venham os anjos do céo
Ajuda-lo a dormir.

Quando uma criança dorme,
Stão os anjos a sorrir,
Abrem-se as portas do céu
Para Deus a ver dormir.

Lindo cantar é o dos anjos...
Quem cantára como êles,
Quem estivéra cantando,
Cantando no meio dêles!

Quem tem meninos pequenos
Por fôrça lhe ha-de cantar:
Quantas vezes as mães cantam
Com vontade de chorar!

Quem tem meninos pequenos
Alivia a solidão:
De dia tem-n'os nos braços,
A' noite no coração.

O menino está no berço,
Coberto co'o cobertor,
Os anjos lhe estão cantando,
— Bemdito seja o Senhor!

O meu menino é um anjo,
Tem soninho e quer dormir;
Venham os anjos do Céo,
Com roupa para o cobrir.

Uma mãi que um filho embala,
Todo o seu fim é chorar,
Só por não saber a sorte,
Que Deus tem para lhe dar!

O meu menino é um anjo
E o teu é um passarinho,
O meu vôa para o Céu,
E o teu vôa para o ninho.

Oh! meu filho, dorme, dorme,
Olha o papão que além está...
— Oh! papão, vae-te embora,
Que o menino dorme já!

Vae-te embora, passarinho,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir o menino,
Que está no sôno primeiro.

TROVA

O rouxinol canta alegre
Por ter a dama no ninho;
Olha como é constante
O amor de um passarinho.

342 ALMANAQUE DO GLOBO

A formiga e a neve

A formiga vae á serra,
E seu pé na neve prende.

— Oh neve! tu és tão forte,
Que meu pé em ti se prende.
«Eu, formiga, sou tão forte.
Que » luz do sol me derrete.

— Oh sol! tu és tão forte,
Que derretes a neve,
A neve que meu pé prende,
«Eu, formiga, sou tão forte,
Que qualquer nuvem me tapa.

— Oh nuvem! tu és tão forte
Que tapas a luz do sol,
O sol, que derrete a neve.
A neve, que meu pé prende.
«Eu, formiga, sou tão forte,
Que qualquer vento m'espalha

— Oh vento! tu és tão forte
Que espalhas a negra nuvem,
A nuvem, que tapa o sol,
O sol, que derrete a neve,
A neve, que meu pé prende.
«Eu, formiga, sou tão forte,
Que qualquer muro me veda.

— Oh muro! tu és tão forte,
Que vedas o rijo vento,
O vento, que espalha nuvem,
A nuvem, que tapa sol,
O sol, que derrete neve;
A neve, que meu pé prende,
«Eu formiga, sou tão forte,
Que qualquer rato me fura.

— Oh rato! tu és tão forte,
Que furas o grosso muro,
O muro, que veda o vento;
O vento, que espalha a nuvem,
A nuvem, que tapa o sol,
O sol, que derrete a neve,
A neve, que meu pé prende.

«Eu, formiga, sou tão forte
Que qualquer gato me come.

— Oh gato! tu és tão forte,
Que comes o esperto rato,
Rato, que fura muro,
Muro, que veda vento,
Vento, que espalha nuvem,
Nuvem, que tapa sol:
Sol, que derrete a neve,
A neve, que meu pé prende.
«Eu, formiga sou tão forte
Que um cãosinho me mata.

— Oh cãosinho! és tão forte,
Que matas o bravo gato,
O gato, que come o rato,
O rato, que fura o muro;
O muro que veda o vento,
O vento que espalha nuvem,
A nuvem, que tapa o sol,
O sol, que derrete a neve,
A neve, que meu pé prende.
«Eu, formiga, sou tão forte,
Que um páosinho me bate.

— Oh páosinho! és tão forte
Que bates no cão valente,
O cão, que mata o gato,
O gato, que come o rato,
O rato, que fura o muro,
O muro, que veda o vento,
O vento, que espalha a nuvem,
A nuvem, que tapa o sol,
O sol, que derrete a neve,
A neve, que meu pé prende.
«Eu, formiga, sou tão forte,
Que qualquer lume me queima

— Oh lume! tu és tão forte
Que queimas o duro páo,
O páo, que bate no cão,
O cão, que mata o gato,
O gato, que mata o rato,
O rato, que fura o muro.
O muro, que veda o vento,
O vento, que espalha a nuvem,
A nuvem, que tapa o sol,

ALMANAQUE DO GLOBO 343

O sol, que derrete a neve,
A neve, que meu pé prende.
«Eu, formiga, sou tão forte,
Que qualquer água me apaga.

— Oh agua! tu és tão forte,
Que apagas o vivo lume,
O lume, que queima o páo,
O páo, que bate no cão,
O cão, que mata o gato,
O gato, que come o rato,
O rato, que fura o muro,
O muro, que veda o vento,
O vento, que espalha a nuvem,
A nuvem, que tapa o sol:
O sol, que derrete a neve,
A neve, que meu pé prende.
«Eu, formiga, sou tão forte,
Que qualquer cabra me bebe.

— Oh cabra! tu és tão forte,
Que bebes a fria agua,
A agua que apaga lume.
O lume, que queima páo,
O páo, que bate no cão,
O cão, que mata o gato,
O gato, que come rato,
O rato, que fura muro,
O muro, que veda vento,
O vento, que espalha nuvem,
A nuvem, que tapa sol,
O sol, que derrete neve,
A neve, que meu pé prende.
«Eu, formiga, sou tão forte,
Que n'um ai eu perco o corte.

Desde o alto até ao fundo,
Nada é forte n'este mundo.

METAGRAMMAS
(Varia a 5.ª)

O medico, ao transpôr o muro, avistou uma excavação na planicie —5—4
Dentro do jarro está a formiga —6—2

Caloiro.

A França teve denuncia de que a Allemanha lhe declararia guerra —6—3

Pequena.

HEMORRHOL unico remedio contra hemorroides :: Laboratorio EKA Porto Alegre

Figura 22 Seção Infantil (1917).

Fonte: Acervo do Centro de Documentação CEDOC/FAE/UFPel.

Quadro 7 Construção do Sumário do Almanaque do Globo de 1919.

Seções	**Páginas**
Laudelino P. de Barcellos	P. 1
Anno vulgar; computo ecclesiastico; Têmporas	P. 3
Bênçãos matrimoniais	P. 4
Feriados nacionais e dos estados	P. 5
Começo e duração das estações	P. 7
Eclipses e fases lunares	P. 8 – 9
Trânsito da lua e dos planetas pelo meridiano de Porto Alegre	P. 10 - 15
Calendários; Calendário Perpétuo	P. 16 - 21
Meses e Memorandos	P. 22 - 45
Guia do Contribuinte – Estadual, federal, municipal	P. 46 - 65
Parte Literária, Histórica, Recreativa	P. 66 - 313
Galeria de Farroupilhas ilustres	P. 72 - 78
Para as Donas de Casa	P. 307
Indicações Úteis	P. 315
Expediente; Seção Charadista	P. 325 - 334
Índice da Matéria	P. 335
Índice de Anunciantes	P. 339

Fonte: Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense (Pelotas/RS).

Com relação à edição de 1919, a parte literária, que contemplava alguns literatos do Rio Grande do Sul, anteriormente, procurava alcançar autores consagrados para a literatura do Brasil, Portugal e França. Esta nova edição de 1919

muda a forma de organizar o seu sumário, separando por *Índice de Matéria* e *Índice de Anunciantes*, com mais de 200 anunciantes, colocados alguns sozinhos em páginas inteira, outros dividindo seu espaço com outros 2, no máximo 3 anunciantes.

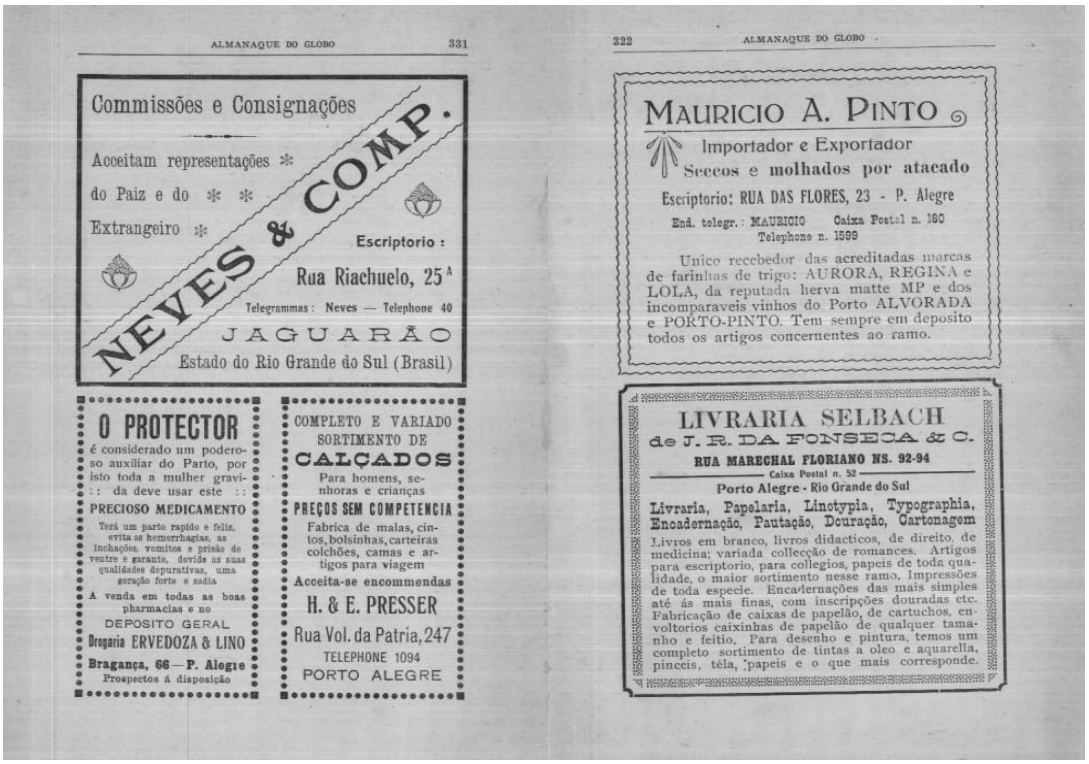


Figura 23 Anunciantes no Almanaque do Globo para o ano de 1919.

Fonte: Acervo do Centro de Documentação CEDOC/FAE/UFPel

Por se tratar de um material teoricamente barato, como dito anteriormente, o Almanaque do Globo abraçaria o mercado emergente de compra de suas páginas para divulgação de estabelecimentos. É importante ressaltar que algumas livrarias participavam deste comércio de divulgação, como a Livraria Selbach, fundada em 1888 por João Mayer Junior.

Na edição de 1919, a fim de contemplar outros autores de menor escalão da cultura literária do estado, o Almanaque passa a nomear sua seção *Literatura* como *Parte Literária, histórica, Recreativa, etc.*

Fazendo com que mais do que textos literários, charadas, poemas e ditos populares fizessem parte do almanaque, Mansueto Bernardi passou a registrar e resgatar principais personalidades da cultura literária do estado do Rio Grande do Sul, assim para com a Política, com setores destinados a personagens ilustres da política do RS, e temas mais caseiros, como manuais caseiros, receitas de refeições, etc., a

fim de compor a parte recreativa do discurso proposto.

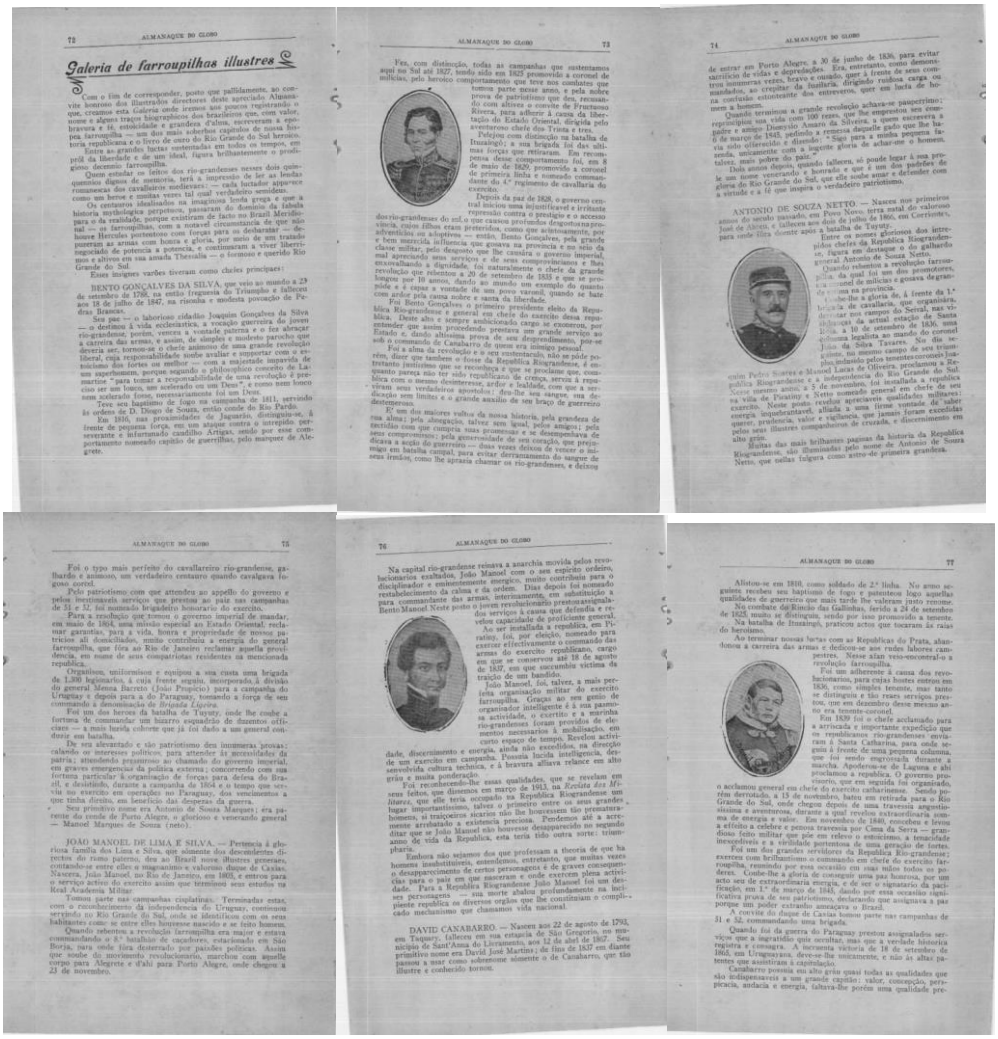


Figura 24 Galeria de Farroupilhas Ilustres (1919).

Fonte: Acervo do Centro de Documentação CEDOC/FAE/UFPel.

A matéria acima, *Galeria de Farroupilhas illustres*, com textos e ilustrações de Souza Docca, constitui-se de 6 páginas (72-77), trazendo a história de alguns expoentes para a cultura política do estado, como Bento Gonçalves, Antônio de Souza Netto, João Manoel de Silva e Lima e David Canabarro.

A parte literária, iniciada na página 66, conta com um texto de entrada chamado *Pátria!*, de João do Rio. Percebe-se que toda a seção destinada para a literatura inicia com alguma menção à bandeira, à pátria ou, assim como na edição do ano de 1923, para o Centenário da Independência. Estes textos foram escritos por literatos importantes da história do RS, como Félix Pacheco, Augusto Meyer e Mansueto Bernardi.

Estas matérias tinham a tendência de conduzir o leitor à representatividade da bandeira e do país, no nacionalismo, da identidade e preocupação com o moldar social frente a bandeira da nação.

Nota-se também a importância da representação de personalidades da cultura literária, como Alcindo Guanabara na página 133, além de textos sobre o carvão mineral no Rio Grande do Sul, da página 119 à 127, escritos por Borges de Medeiros.

A fim de trazer o leitor para mais perto do Almanaque, o artigo sobre Alcindo revela que irá transcrever, para o leitor, a forma pela qual a produção do Almanaque do Globo pode ser apresentada: “pela emoção e pela fórma, são verdadeiras obras de Arte” (1919, p. 133). Segundo Le Goff (1992), podemos compreender um pouco mais sobre a construção do almanaque de 1919 com diversas adesões de organização e material a ser destinado para o público leitor:

> Ilustrado com signos, figuras, imagens, o almanaque dirige-se aos analfabetos e a quem lê pouco. Reúne e oferece um saber para todos: astronômico, com os eclipses e as fases da Lua; religioso e social, com as festas e especialmente as festas dos santos que dão lugar aos aniversários do seio das famílias; científico e técnico, com conselhos sobre os trabalhos agrícolas, a medicina, a higiene; histórico com as cronologias, os grandes personagens, os acontecimentos históricos ou anedóticos; utilitário, com a indicação das feiras, das chegadas e partidas dos correios; literário, com anedotas, fábulas, contos; e, finalmente, astrológico (LE GOFF, 1992, p. 527).

O Almanaque do Globo, no seu todo, envolve um complexo de dizeres que deixam a critério do leitor a sua própria construção acerca do conhecimento. Independente do posicionamento social e/ou político, o almanaque se propunha de uma maneira com que o leitor pudesse fazer a sua leitura e sua compreensão a partir do que era destinado a ele. Diante disto, torna-se pertinente a citação de Meyer (2001):

> O lazer no almanaque é o jogo, o passatempo, a carta enigmática. Há sobretudo, a piada, a anedota. A cada página é o riso ou o sorriso que nos espera e nos espreita como que a dizer: o tempo passa, a morte vem, mas, antes, vamos nos divertir! (MEYER, 2001, p. 129).

De acordo com o Almanaque do Globo de 1920, por exemplo, podemos perceber tal avanço no que tange à modernização do almanaque, como organização de matérias e interação com o público, que se mantém, através dos concursos de charadas.

> Desde a presente edição, a "Secção Charadistica" do Almanaque do Globo fica sob a chefia do illustre escriptor Emilio de Souza Docca, assiduo e brihlante collaborador desde annuario. A' sua indiscutivel competencia em assumptos que se prendem á nossa história, o tenente Douza Docca, de há muito, allia um conhecimento vasto e profundo da chamada Arte de Edipo, na qual tem obtido os mais animadores successos, como autor e como decifrador eximio que é. Entregando-lhe a direcção da "Secção Charadistica" do Almanaque, temos a certeza de que, assim, não soffrerá solução de continuidade o fulor que a ella sempre soube dar o seu talentoso fundador e primeiro director, o mallogrado Dr. Ramiro Marques de Avila (ALMANAQUE DO GLOBO, 1920, p. 328).

O Almanaque do Globo passou a compor em sua 9° edição, de 1925, uma nova forma de organização. Agora dividido em 4 partes, em ordem alfabética, ele passou a contar com: Parte Literária e recreativa, Indicações úteis, Ilustrações e Anunciantes.

Contendo 352 páginas, esta seria a primeira edição com uma nova capa, ambientando no Globo a modernização de um Rio Grande emergente na indústria cultural, ambiciosamente ancorado na projeção da editora do globo na indústria mercadológica. Uma árvore sobre livros com seus galhos adentrando aos impressos é a ideia de que a Livraria do Globo, através do seu empreendimento, procurava passar ao leitor: que, assim como os galhos, a sua matéria fosse consumida e compartilhada com o seu convívio social, cultural e político.

A atenção ao cuidado do saber do seu leitor aumenta com a seção *Indicações úteis,* abrindo espaço para outros cantos, como: administração dos correios do RS; Consulados; os guias já citados acima; impostos sobre aguardente, álcool, heranças, legados e gado exportado e abatido; Taxa judiciária; imposto territorial; Taxa escolar; taxa adicional de 1 1/2% sobre a exportação de Porto Alegre a Pelotas - Taxa profissional; estabelecimentos públicos, repartições, bancários e de instrução; Horário da estrada de Ferro da Tristeza e Horário de trens da Viação Férrea do RS - Santa Maria a Porto Alegre.

Quadro 8 Construção do sumário do Almanaque do Globo de 1925[46].

Seções	Páginas
Índice Literário e informações gerais	P. 3 - 274
Expediente Charadístico	P. 275
Índice das Ilustrações	P. 64 - 72 - 123 - 228 - 89 - 212 - 257 - 225 - 70 - 189 - 218 - 249 - 174 - 189 - 88 - 223 - 197 - 119 - 156 - 258 - 279 - 112 - 126
Índice das Indicações úteis	P. 283 - 342
Índice dos Anunciantes	P. 351 e 352 do Índice

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS.

Talvez não consigamos dimensionar, de fato, a importância deste Almanaque para a comunidade. Em meio à identidade que se projetou a partir do almanaque, os modelos sociais moldaram-se a partir de um anuário que estabelecia um modelo circular e curioso frente às representações retratadas destes próprios sujeitos criadores de subjetividades.

[46] A edição para o ano de 1925 consta com, além da mudança da capa, um Índice separado em 4 partes como é demonstrado no quarto acima.

Por mais que o seu olhar estivesse representado no almanaque, o expediente da edição de 1925 deixa de lado a exposição sobre informações da Livraria e passa a redimensionar a sua exclusividade apenas aos concursos de charadistas.

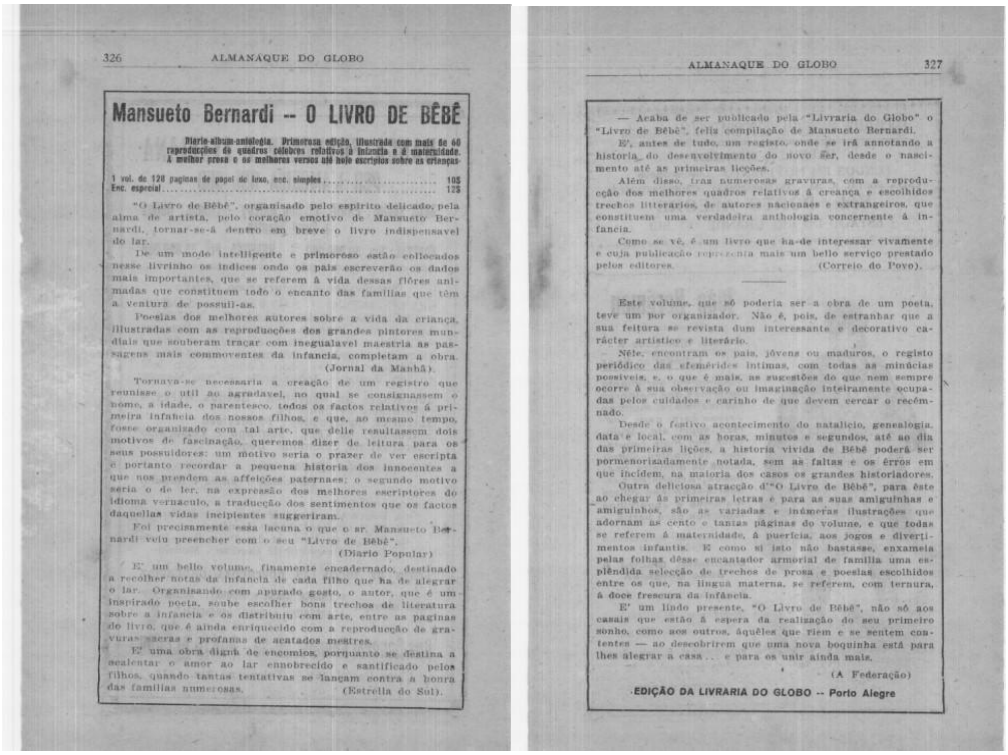
> Ainda outra vez, não só pela falta de tempo ou esquecimento das pessoas a quem me dirigi, convidando-as para juizes do torneio charadistico, como tambem pela difficuldade na escolha desses juizes, ficámos privados do imprescindivel julhamento das producções insertas no Almanaque passado. Pelo motivo acima, resolvemos, d'ora avante, á maneira do que se faz no "Luzo-Brasileiro", que todo decifrador, cuja lista de soluções for completa, deverá tambem mandar o seu parecer sobre o melhor trabalho charadistico publicado neste Almanaque. Esperamos, pois, dos nossos collegas, o maior esforço para attingirmos dest'arte ao desejado fim (ALMANAQUE DO GLOBO, 1925, p. 275).

A ser seguido o modelo utilizado em outros almanaques que atribuem em seus impressos os mesmos concursos, o Almanaque do Globo pede que os seus participantes enviem relatos sobre os trabalhos ali apresentados, estabelecendo assim uma de tantas interações realizadas pelo impresso.

Acerca dos discursos de almanaque, referentes ao tempo político compreendido em 1925, a 9ª edição do Almanaque do Globo abrange desde *As glorias do Brasil - O elogio do exército (Discurso do Dr. Fernando Osorio)*, na página 149, até matérias como *A porcentagem do Analfabetismo no Brasil* (página 221), ambos os textos de *Annita Netto* (vide página 273), e *Fragmentos de Philosophia* (página 65) e a matéria sobre *O Dictador José Gaspar Rodrigues* (página 74), escritos por Ruy Barbosa.

Não há muitos indícios de jornais da época fazendo propaganda dentro do Almanaque do Globo, porém, em alguns casos, contamos com críticas literárias vinculadas a alguns jornais. Um destes casos é a participação de inúmeros jornais em meio à obra impressa pela Globo, como *O Livro de Bebê*[47], de Mansueto Bernardi, distribuído para diversas regiões do estado. Abaixo seguem as imagens das críticas sobre a obras que aparecem nas páginas 326 e 327 da edição de número 9 do Almanaque do Globo.

[47] De acordo com o subtítulo da obra: “Diario-album-antologia. Primorosa edição, illustrada com mais de 60 reproducções de quadros, célebres relativos a infancia e á maternidade. A melhor prosa e os melhores versos até hoje escriptos sobre as crianças” (ALMANAQUE DO GLOBO, 1925, p. 325). A obra de Mansueto Bernardi ainda apresentava nas informações acerca do impresso: 1 vol. de 128 páginas de papel de luxo, encadernação simples (10$) e em encadernação especial (12$)



326 ALMANAQUE DO GLOBO

Mansueto Bernardi -- O LIVRO DE BÊBÊ

Diario-album-anthologia. Primeirosa edição, illustrada com mais de 60 reproducções de quadros colleccionados relativos á infancia e á maternidade. A melhor prosa e os melhores versos até hoje escriptos sobre as creanças.

1 vol. de 128 paginas de papel de luxo, enc. simples ..... 10$
Enc. especial ..... 12$

"O Livro de Bêbê", organisado pelo espirito delicado, pela alma de artista, pelo coração emotivo de Mansueto Bernardi, tornar-se-á dentro em breve o livro indispensavel do lar.

De um modo intelligente e primoroso estão collocados nesse livrinho os indices onde os pais escreverão os dados mais importantes, que se referem á vida dessas flôres animadas que constituem todo o encanto das familias que têm a ventura de possuil-as.

Poesias dos melhores autores sobre a vida da criança, illustradas com as reproducções dos grandes pintores mundiaes que souberam tracar com inegualavel maestria as passagens mais commoventes da infancia, completam a obra.

(Jornal da Manhã).

Tornava-se necessaria a creação de um registro que reunisse o util ao agradavel, no qual se consignassem o nome, a idade, o parentesco, todos os factos relativos á primeira infancia dos nossos filhos, e que, ao mesmo tempo, fosse organisado com tal arte, que delle resultassem dois motivos de fascinação, queremos dizer de leitura para os seus possuidores: um motivo seria o prazer de ver escripta e portanto recordar a pequena historia dos innocentes a que nos prendem as affeições paternaes; o segundo motivo seria o de ler, na expressão dos melhores escriptores do idioma vernaculo, a traducção dos sentimentos que os factos daquellas vidas incipientes suggeriram.

Foi precisamente essa lacuna o que o sr. Mansueto Bernardi veiu preencher com o seu "Livro de Bêbê".

(Diario Popular)

E' um bello volume, finamente encadernado, destinado a recolher notas da infancia de cada filho que ha de alegrar o lar. Organisando com apurado gosto, o autor, que é um inspirado poeta, soube escolher bons trechos de literatura sobre a infancia e os distribuiu com arte, entre as paginas do livro, que é ainda enriquecido com a reproducção de gravuras sacras e profanas de acatados mestres.

E' uma obra digna de encomios, porquanto se destina a acalentar o amor ao lar ennobrecido e santificado pelos filhos, quando tantas tentativas se lançam contra a honra das familias numerosas.

(Estrella do Sul).

ALMANAQUE DO GLOBO 327

— Acaba de ser publicado pela "Livraria do Globo" o "Livro de Bêbê", feliz compilação de Mansueto Bernardi.

E', antes de tudo, um registo, onde se irá annotando a historia do desenvolvimento do novo ser, desde o nascimento até as primeiras lições.

Além disso, traz numerosas gravuras, com a reproducção dos melhores quadros relativos á creança e escolhidos trechos litterarios, de autores nacionaes e extrangeiros, que constituem uma verdadeira anthologia concernente á infancia.

Como se vê, é um livro que ha-de interessar vivamente e cuja publicação representa mais um bello serviço prestado pelos editores.

(Correio do Povo).

Este volume, que só poderia ser a obra de um poeta, teve um por organisador. Não é, pois, de estranhar que a sua feitura se revista dum interessante e decorativo caracter artistico e literario.

Nêle, encontram os pais, jóvens ou maduros, o registo periódico das efemérides intimas, com todas as minúcias possiveis, e, o que é mais, as sugestões do que nem sempre ocorre á sua observação ou imaginação inteiramente ocupadas pelos cuidados e carinho de que devem cercar o recémnado.

Desde o festivo acontecimento do natalicio, genealogia, data e local, com as horas, minutos e segundos, até ao dia das primeiras lições, a historia vivida de Bêbê poderá ser pormenorisadamente notada, sem as faltas e os êrros em que incidem, na maioria dos casos os grandes historiadores.

Outra deliciosa atracção d'"O Livro de Bêbê", para êste ao chegar ás primeiras letras e para as suas amiguinhas e amiguinhos, são as variadas e inúmeras illustrações que adornam as cento e tantas páginas do volume, e que todas se referem á maternidade, á puericia, aos jogos e divertimentos infantis. E como si isto não bastasse, enxameia pelas folhas dêsse encantador armorial de familia uma esplêndida selecção de trechos de prosa e poesias escolhidos entre os que, na lingua materna, se referem, com ternura, á doce frescura da infancia.

E' um lindo presente, "O Livro de Bêbê", não só aos casais que estão á espera da realisação do seu primeiro sonho, como aos outros, áquêles que riem e se sentem contentes — ao descobrirem que uma nova boquinha está para lhes alegrar a casa... e para os unir ainda mais.

(A Federação)

EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO -- Porto Alegre

Figura 25 Críticas ao Livro de Bebê, de Mansueto Bernardi (1925).

Fonte: Acervo Digital do Almanaque do Globo - Biblioteca Irmão José Otão - PUCRS.

Participam como jornais a dissertar sobre a obra de Mansueto: *jornal da Manhã*, *Diário Popular*, *Estrella do Sul*, *Correio do Povo* e jornal *A Federação*[48]. Abaixo, inserimos a citação crítica do jornal Diário Popular, de Pelotas, e do jornal Estrella de Sul, de Alegrete, para exemplo e maior clareza do leitor.

> Tornava-se necessaria a creação de um registro que reunisse o util ao agradavel, no qual se consignassem o nome, a idade, o parentesco, todos os factos relativos á primeira infancia dos nossos filhos, e que, ao mesmo tempo, fosse organizado com tal arte, que delle resultassem dois motivos de fascinação, queremos dizer de leitura para os seus possuidores: um motivo seria o prazer de ver escripta e portanto recordar a pequena história dos innocentes a que nos prendem as affeições paternaes: o segundo motivo seria o de ler, na expressão dos melhores escriptores do idioma vernaculo, a traducção dos sentimentos que os factos daquellas vidas incipientes suggeriram. Foi precisamente essa lacuna que o Sr. Mansueto Bernardi veio preencher com o seu "Livro do Bebê" (ALMANAQUE DO GLOBO, 1925, p. 326).

> E´ um bello volume, finamente encadernado, destinado a recolher notas da infancia de cada filho que há de alegrar o lar. Organisando com apurado gosto, o autor, que é um inspirado poeta, soube escolher bons trechos de

[48] Percebemos que os jornais que colaboram com a divulgação de seus pareceres sobre obra de Mansueto são jornais impressos em regiões com uma expansão modernizadora acerca da indústria e da cultura: Pelotas, por duas vezes, Alegrete e Porto Alegre, por duas vezes, respectivamente. Ademais, todos os 4 respondem ao Órgão Oficial da República Rio-grandense. Era de comum que estes jornais circulassem fatos sobre os direitos e deveres dos indivíduos, doutrinas a serem seguidas e defesa ao governo.

> literatura sobre a infancia eos distribuiu com arte, entre as páginas do livro, que é ainda enriquecido com a reproducção de gravuras sacras e ´profanas de acatados mestres. E' uma obra digna de encomios, porquanto se destina a acalentar o amor ao lar ennobrecido e santificado pelos filhos, quando tantas tentativas se lançam contra a honra das familias numerosas (ALMANAQUE DO GLOBO, 1925, p. 326).

Em ambos os casos, por mais que se trate de uma crítica positiva perante a obra de Mansueto, dadas as devidas circunstâncias do tempo e dos costumes impregnados na primeira metade do século XX, mais especificamente falando, não se pode deixar de lado a capacidade de mensurar e tomar nota de termos que faziam parte do cotidiano e dos métodos culturais que estão em ambas as críticas. Com isso, tornamos claro que as palavras *affeições paternaes, gravuras sacras e profanas, santificado* e *contra a honra* são reflexos de um tempo em que impressos tratam de relatar o presente como constatação de costumes e de evidenciar uma naturalidade na realidade imposta pelo cristianismo, pelo patriarcado e por valores religiosos.

Quadro 9 Construção do Sumário do Almanaque do Globo de 1932.

Seções	**Páginas**
Anno vulgar; computo ecclesiastico; Têmporas; Bênçãos matrimoniais; Feriados nacionais e dos estados; Começo e duração das estações; Eclipses e fases lunares e calendários	P. 3 - 36
Guia do Apicultor e Avicultor	P. 208 - 210
Parte Literária, Histórica, Recreativa	P. 37 - 200
João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi	P. 201
Indicações Úteis	P. 202 - 207
Guia Religioso	P. 211 - 214
Indicador Público: Repartições e estabelecimentos civis e militares estaduais	P. 215 - 226

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS.

A Livraria continuaria a sua divulgação das figuras representativas do Estado, seja no campo da cultura ou da política, em 1932, na 16° edição do Almanaque do Globo, a primeira a contar com o nome de Octavio Tavares na capa como novo diretor do Almanaque do Globo.

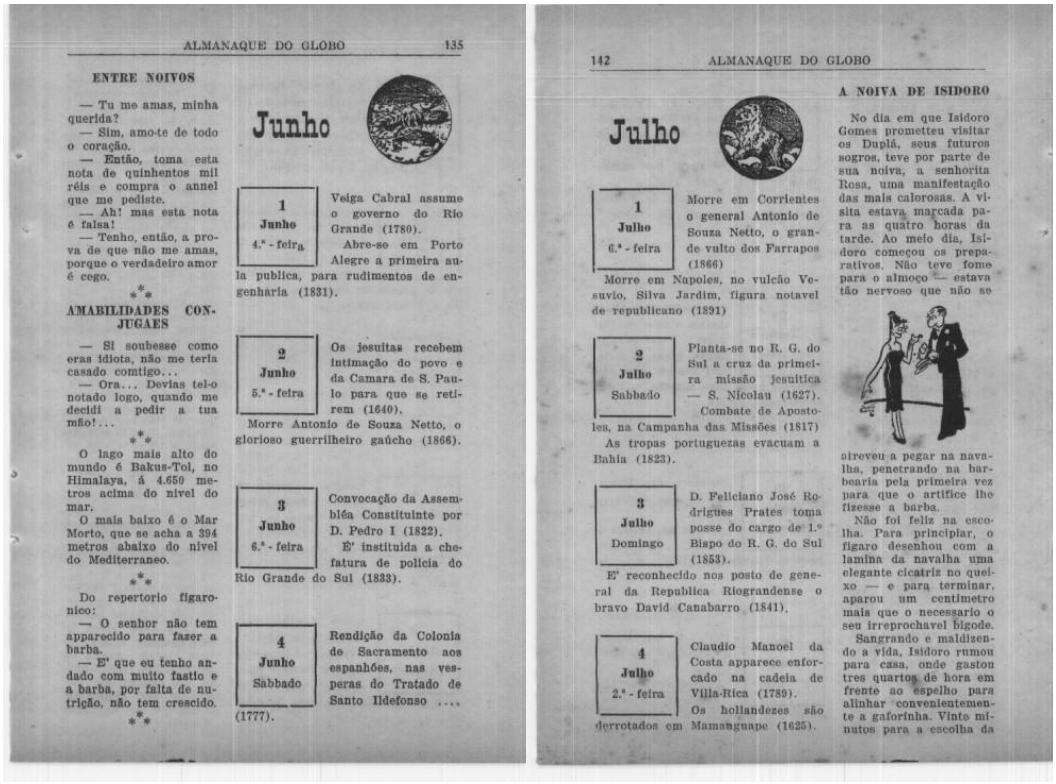
Não se sabe se por causa da mudança na direção, o Almanaque sofreu problemas na sua organização, mas, na edição encontra na PUCRS em 2017, encontramos um Almanaque com menos páginas, 226, faltando apenas o índice que não se encontrava nas páginas finais da edição encontrada. Sabe-se disto pois a estrutura do Almanaque nunca mudou: após a parte literária, apareceriam as indicações úteis e, posteriormente, o índice. Com isso, a análise se deteve em alguns passos importantes que este impresso possui, através de uma análise página a página.

Através de análise realizada na 16° edição do Almanaque constatou-se algumas situações interessantes que servem de destaque nesta dissertação: um guia religioso ampliado[49], com 4 páginas (211-214); um guia ampliado de indicador público (215-226) e a parte literária sem a sua chamada habitual referente aos símbolos do patriotismo nacional. Ao contrário, o texto de abertura, na página 37, intitula-se *A origem do uso das "festas" - O início do costume de se dar presentes no dia de Anno Novo*, sem autor, o que gera a suspeita de que foi escrito por Octavio Tavares.

Outra situação que podemos analisar nesta edição é a pouquíssima quantidade de poemas, enigmas, amostragem de novos autores ou até mesmo crônicas de autores famosos e charadas. Esta última, por sinal, desapareceu do Almanaque do Globo, dando lugar a piadas curtas que se encontram em conjunto com as festividades do ano. Percebemos que da página 97 à página 180 o Almanaque se foca em explicitar o calendário anual tradicional com as datas e suas respectivas festividades, explicando cada uma das festividades relacionadas à data divulgada, acompanhada, algumas vezes, por pequenas ilustrações.

Além das datas a serem celebradas, o almanaque passa a lembrar o leitor de acontecimentos que ocorreram naquelas datas dos meses que ali constam, além de algumas curiosidades. Segue abaixo algumas imagens:

[49] O guia conta com: divisão ecclesiastica; nunciatura apostolica; embaixador do Brasil justo á Santa Sé; Provincia Ecclesiastica de Porto Alegre; cabido metropolitano; seminário provincial; parochias e curatos de Porto Alegre; certidões; baptisados; casamentos; encommendações e missás; jejum e abstinencia; dias santificados e horário das missas.



ALMANAQUE DO GLOBO 135

ENTRE NOIVOS

— Tu me amas, minha querida?
— Sim, amo-te de todo o coração.
— Então, toma esta nota de quinhentos mil réis e compra o annel que me pediste.
— Ah! mas esta nota é falsa!
— Tenho, então, a prova de que não me amas, porque o verdadeiro amor é cego.

***

AMABILIDADES CONJUGAES

— Si soubesse como eras idiota, não me teria casado comtigo...
— Ora... Devias tel-o notado logo, quando me decidi a pedir a tua mão!...

***

O lago mais alto do mundo é Bakus-Tol, no Himalaya, á 4.650 metros acima do nivel do mar.
O mais baixo é o Mar Morto, que se acha a 394 metros abaixo do nivel do Mediterraneo.

***

Do repertorio figaronico:
— O senhor não tem apparecido para fazer a barba.
— E' que eu tenho andado com muito fastio e a barba, por falta de nutrição, não tem crescido.

***

Junho

1 Junho 4.ª - feira — Veiga Cabral assume o governo do Rio Grande (1780). Abre-se em Porto Alegre a primeira aula publica, para rudimentos de engenharia (1831).

2 Junho 5.ª - feira — Os jesuitas recebem intimação do povo e da Camara de S. Paulo para que se retirem (1640). Morre Antonio de Souza Netto, o glorioso guerrilheiro gaúcho (1866).

3 Junho 6.ª - feira — Convocação da Assembléa Constituinte por D. Pedro I (1822). E' instituida a chefatura de policia do Rio Grande do Sul (1833).

4 Junho Sabbado — Rendição da Colonia de Sacramento aos espanhóes, nas vesperas do Tratado de Santo Ildefonso ..., (1777).

142 ALMANAQUE DO GLOBO

Julho

1 Julho 6.ª - feira — Morre em Corrientes o general Antonio de Souza Netto, o grande vulto dos Farrapos (1866). Morre em Napoles, no vulcão Vesuvio, Silva Jardim, figura notavel de republicano (1891)

2 Julho Sabbado — Planta-se no R. G. do Sul a cruz da primeira missão jesuitica — S. Nicolau (1627). Combate de Apostoles, na Campanha das Missões (1817) As tropas portuguezas evacuam a Bahia (1823).

3 Julho Domingo — D. Feliciano José Rodrigues Prates toma posse do cargo de 1.º Bispo do R. G. do Sul (1853). E' reconhecido nos posto de general da Republica Riograndense o bravo David Canabarro (1841).

4 Julho 2.ª - feira — Claudio Manoel da Costa apparece enforcado na cadeia de Villa-Rica (1789). Os hollandezes são derrotados em Mamsanguape (1625).

A NOIVA DE ISIDORO

No dia em que Isidoro Gomes prometteu visitar os Duplá, seus futuros sogros, teve por parte de sua noiva, a senhorita Rosa, uma manifestação das mais calorosas. A visita estava marcada para as quatro horas da tarde. Ao meio dia, Isidoro começou os preparativos. Não teve fome para o almoço — estava tão nervoso que não se

atreveu a pegar na navalha, penetrando na barbearia pela primeira vez para que o artifice lhe fizesse a barba.
Não foi feliz na escolha. Para principiar, o figaro desenhou com a lamina da navalha uma elegante cicatriz no queixo — e para terminar, aparou um centimetro mais que o necessario o seu irreprochavel bigode.
Sangrando e maldizendo a vida, Isidoro rumou para casa, onde gastou tres quartos de hora em frente ao espelho para alinhar convenientemente a gaforinha. Vinte minutos para a escolha da

150 ALMANAQUE DO GLOBO

5 Agosto 6.ª - feira — Souza Netto, que após a campanha dos Farrapos se internara no Uruguay, incorpora-se com os seus ao exercito de Osorio, em marcha para o Paraguay (1865).

6 Agosto Sabbado — Fundação de S. Luiz do Maranhão pela expedição de La Ravardiére (1612). Chico Pedro sobe o Camaquam e apodera-se da cavalhada dos farroupilhas, que se achava depositada na estancia dos Farias (1840).

7 Agosto Domingo — Os espanhóes atacam a nova Colonia do Sacramento, fundada por brasileiros (1681) Borges do Canto e Gabriel Ribeiro de Almeida entram no porto de Sto. Ignacio (1801).

8 Agosto 2.ª - feira — Bartholomeu Lourenço, o "Voador", faz a primeira experiencia do seu balão (1709). Morre em Cachoeira, onde tivera o berço, o bravo general José Gomes Portinho (1864).

exercicios de tiro são para... em caso que eu...
Rosa — Para principiar, ha dois annos eu não te conhecia. Quando comecei os meus exercicios não sabia nem de longe quem era o meu promettido...
Isidoro — Mas agora já sabes... e continuas!
Rosa — Mas, querido... Ninguem sabe o que possa succeder... Sei que és uma criatura adoravel — um homem como existem poucos

no mundo... Mas... uma palavra... uma phrase mal pensada num momento de raiva... Essas coisas são tão faceis... A's vezes, uma só palavra constitue um ultraje irreparavel... E eu sou tão sensivel! Se a necessidade me obrigasse a tomar uma arma contra ti — e queira Deus que não — creio que serias bastante cavalheiro para desejar que eu saisse do tribunal com a cabeça erguida...
Isidoro — Não estou entendendo bem as coisas...

ALMANAQUE DO GLOBO 175

PREMIO Á FRANQUEZA

Era vice-rei de Napoles o duque de Osuna que tinha direito de perdão para os sentenciados que remavam nas galeras, sempre que havia festas. Certa vez, chamou a uns tantos e foi perguntando a cada um delles o crime que os havia levado áquella triste situação. Todos se exprimiram com rodeios, procurando pretextos para se desculpar; só um confessou, francamente seus crimes e foi esse indultado.
— Ponham-no em liberdade, disse o duque, pois é tão mau que póde corromper estes innocentes!
Essas palavras, embora cheias de ironia, eram um reconhecimento do valor da franqueza, pois quem era tão franco para confessar seus crimes demonstrava que ia a caminho do arrependimento.

***

A mulher é uma macaca que conserva, da sua origem simiesca, o instincto do pulo. A differença é que, ao invez de mudar de arvore, muda de bungalow, de automovel, ou, simplesmente, de vestido...
Berilo Neves

Dezembro

1 Dezembro 5.ª - feira — Sagração e coroação de D. Pedro I, no Rio de Janeiro (1822). Installa-se a assembléa constituinte riograndense em Alegrete (1842).

2 Dezembro 6.ª - feira — Nasce no Rio de Janeiro D. Pedro II, ultimo Imperador do Brasil (1825). Decreto imperial mandando fundar em Porto Alegre um collegio para orphãs — o Asylo Santa Thereza (1845). Morre no Rio de Janeiro o Duque de Caxias (1878).

3 Dezembro Sabbado — Funda-se a capella de S. Francisco Xavier do Viamão. Alguns historiadores confundem a data com a da fundação da capella de S. Francisco de Assis do Porto dos Casaes (1747).

4 Dezembro Domingo — Creação da Escola Militar (1810). Thomaz Luiz Osorio lança a pedra fundamental do forte de Santa Thereza (1762).

Figura 26 O calendário e as datas importantes (1932).

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS

Na visão do pesquisador, acredita-se que o almanaque perdeu um pouco de força, apostando então em textos mais longos, muitos sem autoria, e priorizando textos sem um aprofundamento mais incisivo, como já foi mostrado anteriormente.

Mesmo que a seção de poemas tenha diminuído, o almanaque contou com a participação de alguns escritores. Como não possuímos o índice do Almanaque de 1932, foi contado página por página a fim de contabilizar o número de que tem seus respectivos nomes ao final de cada texto. O número assusta, sendo nove (9) ao todo, e mostra a mudança que vinha sofrendo o almanaque. Os autores são: Oswaldo Orico, Mauricio Dekobra, Escrangnolle Dorla, Raymundo Moraes, Henrique Borsolino, Paulo Gama, Leão de Tolstoi, Augusto dos Anjos, Moarys de Almeida. O restante dos textos de vertente literária, que compõem o Almanaque do Globo, como já foi dito, não possuem referência.

Acredita-se, portanto, que o Almanaque, após a saída de Mansueto Bernardi e João Pinto da Silva, passou a adquirir uma roupagem muito simplória e condizente aos impressos de revista do seu tempo. O Almanaque do Globo passa a trazer, portanto, mais contextos sobre a atualidade, passatempos, um acréscimo ainda mais revestido nas ilustrações e figuras, com menos textos eruditos. Um exemplo de contribuição histórica é o texto sobre o centenário de Helena Petrowna Blavatsky (1831), fundadora da doutrina Teosófica no Brasil.

Passando pela análise mais precisa, conta-se neste momento algumas situações que cercam o almanaque, outrora já comentada nesta dissertação, sobretudo em questão de detalhar um pouco mais sobre os diretores que passaram pela composição da Livraria e do Almanaque do Globo.

A mudança na parte gráfica da Livraria do Globo acabaria por vir, também, de uma mudança na direção que, consequentemente, modificaria ou modernizaria a estrutura textual que compunha os Almanaques do Globo. Coordenada pelo incentivador e criador da Livraria do Globo, Laudelino Barcellos, o mesmo passa, poucos anos antes da sua morte, a direção da Livraria do Globo para José Bertaso.

Com a morte de Barcellos (1917), a razão social L.P Barcellos & C., nome que constava nas capas do Almanaque do Globo, por exemplo, passa a se chamar Bertaso, Barcellos & C., em um processo transitório entre os anos de 1918 e 1919, como demonstrada na imagem em seguida:

Figura 27 Mudança no Design de Capas do Almanaque do Globo.

Fonte: Acervo do Centro de Documentação CEDOC/FAE/UFPel e Acervo Julio Petersen - PUCRS

Todo este enriquecimento histórico remete, com clareza, ao progresso teórico e intelectual que se deu na contextualização literária e educacional acerca dos planejamentos que acompanhassem o Rio Grande do Sul em seu crescimento político e industrial. “Depois do Distrito Federal e de São Paulo, o Rio Grande do Sul, que contava em 1907 com 314 estabelecimentos industriais passa a ter, no ano de 1920, 1773 estabelecimentos” (AMORIM, 1999, p. 26).

Portanto, esta discussão pode ser remetida ao papel que o próprio Almanaque pretende estabelecer ao ser introduzido na sociedade, ou seja, de servir como um guia educativo e construtivo.

> O periódico vai colocar seus leitores diretamente em contato com a vida, a atualidade, a informação, aliando a moral, à utilidade prática e o saber ao divertimento, pela difusão de princípios morais, educativos e técnicos. Literatura voltada para o intuito, a um só tempo, de ensinar “verdades”, ser útil e fornecer distração, os almanaques se classificam em enciclopédias, políticos, literários, técnicos, informativos, históricos, recreativos […] direcionados às famílias, às senhoras, aos artistas, aos bombeiros, aos operários etc (DUTRA, 2005, p. 481).

Com notoriedade, o Almanaque do Globo passa a transmitir não somente os guias do contribuinte, ritos religiosos, ou conteúdo literário, mas também, a partir da edição de 1919, fatos e fotos dos principais responsáveis pela construção do Estado, além de crônicas, crítica literária e memória com seções especializadas em contar a história do Rio Grande do Sul. Estas mudanças começam a se caracterizar, junto ao processo de industrialização da cultura e a produção de conteúdo, como negócio de venda e ofertando procura no estado para o consumo, um contraponto, de certa forma, aos processos de alienação “cultural”.

Se percebe, neste processo, que os almanaques (DUTRA, 2005) destinam o seu conteúdo a partir da produção escrita não só de seus diretores, mas, sem dúvida, com a contribuição de escritores e do público não só da capital.

Com as filiais sendo instauradas nas localidades mencionadas no quadro 3, o conhecimento, o interesse e a procura desse tipo de público acompanharia a divulgação dos escritores daquelas regiões, oferecendo, além do conhecimento, trabalho para aqueles que procuravam um espaço em que, segundo Torresini (1999), o “papel de escritor ainda não era conhecido no Brasil” (1999, p. 67).

Compreende-se que se almejou, na produção do Almanaque do Globo, um meio de levar ao leitor um material que obtivesse sucesso em todos os meios sociais. Com o tempo, como foi dito anteriormente, a parte literária pôde ser analisada como gradativa no seu acréscimo de autores, colaboradores e críticas literárias, sobretudo em relação às edições de 1917 e 1919, além de crônicas históricas sobre a história do Estado, como nas imagens estas mostradas acima.

Diante disso, conseguiu-se absorver que a grande demanda e mão de obra foi extremamente importante para com a contribuição destes colaboradores, principalmente na construção do Almanaque. Através dos quadros inseridos nesta dissertação pode-se perceber que uma das suas principais seções, a Literária, foi um campo de abrangência internacional. Colaboradores do estado, do país e de outras

partes do mundo contribuíram para a sua construção, o que torna o Almanaque do Globo um impresso único, plural e diversificado.

3.1 A voz dos outros no impresso: o expediente do Almanaque do Globo

Guias, calendários e ritos religiosos, característicos de almanaques do final do século XIX, abriram espaço para novas ou reformuladas seções no Almanaque do Globo, compreendendo também autores literários além de, a partir da edição de 1919, críticas de livros, memorandos de teóricos importantes para a literatura e história da política do estado. No ano de lançamento, em 1917, o Almanaque já possui esta estrutura, porém, sem focar nas críticas de livros e memorandos detendo-se apenas, na sua grande parte, em uma seção destinada para a literatura.

Ao projetar o Almanaque do Globo, os editores pensaram em maneiras de difundir em suas páginas aquilo que contextualiza a história do seu tempo. Foi a partir da sua análise que pude perceber ainda mais possibilidades de pesquisa, seja na construção das capas[50], na construção das seções do almanaque por seus diretores[51] ou até mesmo pela utilização de um expediente[52] para informes da livraria ou das próximas edições do almanaque.

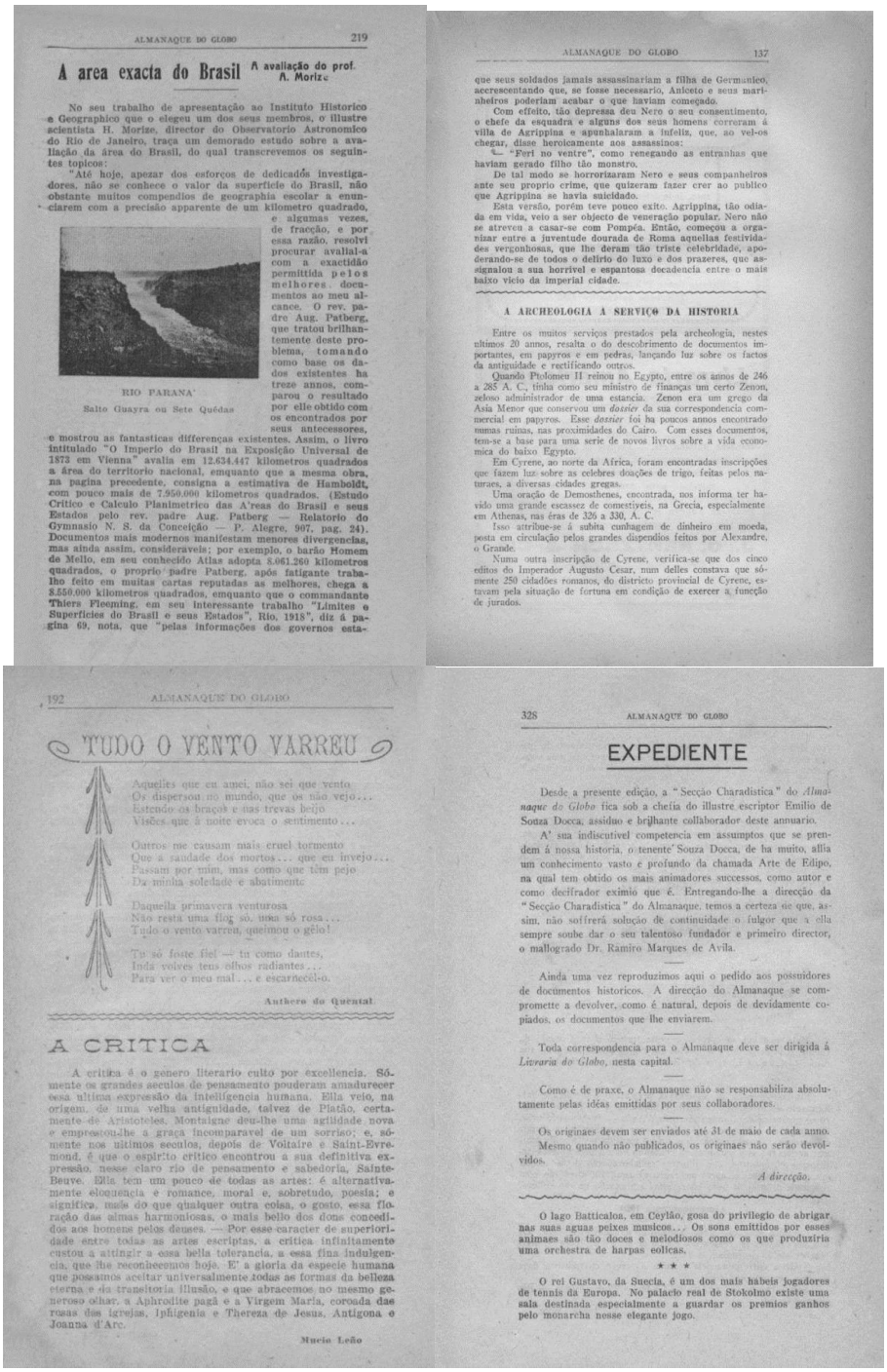
A seguir, imagens de algumas matérias publicadas no Almanaque, mostrando-o como um impresso que atende alguns grupos da camada social, principalmente o literário. Ao longo deste subcapítulo, abordaremos um dos principais discursos que o almanaque continha como elo para com o leitor: o seu expediente.

---

[50] Em 17 edições, o Almanaque do Globo teve 4 modificações no seu projeto gráfico, principalmente após a chegada do ilustrador Ernst Zeuner para assumir a chefia do setor gráfico na segunda década do século XX, no ano de 1922. Cabe aqui fazer uma ressalva. Por mais que o foco da pesquisa seja analisar as primeiras 17 edições do Almanaque do Globo, mencionamos, a título de informação importante acerca da história editorial dos impressos da Livraria do Globo, que após o ano de 1933 o Almanaque do Globo seguiu sendo produzido, mas por outra diretoria e outro nome. Em pesquisa realizada na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em outubro de 2017, descobriu-se um Almanaque da Revista do Globo, edição de n° 18, para o ano de 1934, e uma edição de 1940, sendo a 24° edição.

[51] Segundo pesquisa realizada pelo pós-graduando, até 1930 a direção ficou a cargo de Mansueto Bernardi e João Pinto da Silva, depois passou para Octavio Tavares que, além de modificar a capa, juntamente com os diretores da Globo na época, Érico Veríssimo e Henrique Bertaso, inseriu mais peças gráficas e aspectos diários da cultura porto-alegrense fazendo alusão, provavelmente, da forte influência da Revista do Globo, criada em 1929, que tinha como discurso ser uma revista de potencial gráfico com seções de moda e vida social.

[52] Até a edição de n° 14°, a Livraria do Globo, juntamente aos Diretores do Almanaque, abria voz para que seus leitores pudessem contribuir com a revista. Seja no envio de fotografias (A partir da edição de n° 3 o Almanaque do Globo passa a investir parte da sua seção literatura a fim de contextualizar a história da política do Rio Grande do Sul).



ALMANAQUE DO GLOBO 219

A area exacta do Brasil

A avaliação do prof. A. Moriz

No seu trabalho de apresentação ao Instituto Historico e Geographico que o elegeu um dos seus membros, o illustre scientista H. Moriz, director do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro, traça um demorado estudo sobre a avaliação da área do Brasil, do qual transcrevemos os seguintes topicos:

"Até hoje, apezar dos esforços de dedicados investigadores, não se conhece o valor da superficie do Brasil, não obstante muitos compendios de geographia escolar a enunciarem com a precisão apparente de um kilometro quadrado, e algumas vezes, de fracção, e por essa razão, resolvi procurar avalial-a com a exactidão permittida pelos melhores documentos ao meu alcance. O rev. padre Aug. Patberg, que tratou brilhantemente deste problema, tomando como base os dados existentes ha treze annos, comparou o resultado por elle obtido com os encontrados por seus antecessores, e mostrou as fantasticas differenças existentes. Assim, o livro intitulado "O Imperio do Brasil na Exposição Universal de 1873 em Vienna" avalia em 12.634.447 kilometros quadrados a área do territorio nacional, emquanto que a mesma obra, na pagina precedente, consigna a estimativa de Humboldt, com pouco mais de 7.950.000 kilometros quadrados. (Estudo Critico e Calculo Planimetrico das A'reas do Brasil e seus Estados pelo rev. padre Aug. Patberg — Relatorio do Gymnasio N. S. da Conceição — P. Alegre, 907, pag. 24). Documentos mais modernos manifestam menores divergencias, mas ainda assim, consideraveis; por exemplo, o barão Homem de Mello, em seu conhecido Atlas adopta 8.061.260 kilometros quadrados, o proprio padre Patberg, após fatigante trabalho feito em muitas cartas reputadas as melhores, chega a 8.550.000 kilometros quadrados, emquanto que o commandante Thiers Fleming, em seu interessante trabalho "Limites e Superficies do Brasil e seus Estados", Rio, 1918", diz á pagina 69, nota, que "pelas informações dos governos esta-

RIO PARANA'
Salto Guayra ou Sete Quédas

ALMANAQUE DO GLOBO 137

que seus soldados jamais assassinariam a filha de Germanico, accrescentando que, se fosse necessario, Anicieto e seus marinheiros poderiam acabar o que haviam começado.

Com effeito, tão depressa deu Nero o seu consentimento, o chefe da esquadra e alguns dos seus homens correram á villa de Agrippina e apunhalaram a infeliz, que, ao vel-os chegar, disse heroicamente aos assassinos:

— "Feri no ventre", como renegando as entranhas que haviam gerado filho tão monstro.

De tal modo se horrorizaram Nero e seus companheiros ante seu proprio crime, que quizeram fazer crer ao publico que Agrippina se havia suicidado.

Esta versão, porém teve pouco exito. Agrippina, tão odiada em vida, veio a ser objecto de veneração popular. Nero não se atreveu a casar-se com Pompéa. Então, começou a organizar entre a juventude dourada de Roma aquellas festividades vergonhosas, que lhe deram tão triste celebridade, apoderando-se de todos o delirio do luxo e dos prazeres, que assignalou a sua horrivel e espantosa decadencia entre o mais baixo vicio da imperial cidade.

A ARCHEOLOGIA A SERVIÇO DA HISTORIA

Entre os muitos serviços prestados pela archeologia, nestes ultimos 20 annos, resalta o do descobrimento de documentos importantes, em papyros e em pedras, lançando luz sobre os factos da antiguidade e rectificando outros.

Quando Ptolomeu II reinou no Egypto, entre os annos de 246 a 285 A. C., tinha como seu ministro de finanças um certo Zenon, zeloso administrador de uma estancia. Zenon era um grego da Asia Menor que conservou um *dossier* da sua correspondencia commercial em papyros. Esse *dossier* foi ha poucos annos encontrado numas ruinas, nas proximidades do Cairo. Com esses documentos, tem-se a base para uma serie de novos livros sobre a vida economica do baixo Egypto.

Em Cyrene, ao norte da Africa, foram encontradas inscripções que fazem luz sobre as celebres doações de trigo, feitas pelos naturaes, a diversas cidades gregas.

Uma oração de Demosthenes, encontrada, nos informa ter havido uma grande escassez de comestiveis, na Grecia, especialmente em Athenas, nas éras de 326 a 330, A. C.

Isso attribue-se á subita cunhagem de dinheiro em moeda, posta em circulação pelos grandes dispendios feitos por Alexandre, o Grande.

Numa outra inscripção de Cyrene, verifica-se que dos cinco editos do Imperador Augusto Cesar, num delles constava que sómente 250 cidadões romanos, do districto provincial de Cyrene, estavam pela situação de fortuna em condição de exercer a funcção de jurados.

192 ALMANAQUE DO GLOBO

TUDO O VENTO VARREU

Aquelles que eu amei, não sei que vento
Os dispersou no mundo, que os não vejo...
Estendo os braços e nas trevas beijo
Visões que á noite evoca o sentimento...

Outros me causam mais cruel tormento
Que a saudade dos mortos... que eu invejo...
Passam por mim, mas como que têm pejo
Da minha soledade e abatimento

Daquella primavera venturosa
Não resta uma flor só, uma só rosa...
Tudo o vento varreu, queimou o gêlo!

Tu só foste fiel — tu como dantes,
Inda volves teus olhos radiantes...
Para ver o meu mal... e escarnecel-o.

Anthero do Quental

A CRITICA

A critica é o genero literario culto por excellencia. Sómente os grandes seculos de pensamento poderam amadurecer essa ultima expressão da intelligencia humana. Ella veio, na origem, de uma velha antiguidade, talvez de Platão, certamente de Aristoteles. Montaigne deu-lhe uma agilidade nova e empresteu-lhe a graça incomparavel de um sorriso; e, sómente nos ultimos seculos, depois de Voltaire e Saint-Evremond, é que o espirito critico encontrou a sua definitiva expressão, nesse claro rio de pensamento e sabedoria, Sainte-Beuve. Ella tem um ponco de todas as artes: é alternativamente eloquencia e romance, moral e, sobretudo, poesia; e significa, mais do que qualquer outra coisa, o gosto, essa floração das almas harmoniosas, o mais bello dos dons concedidos aos homens pelos deuses. — Por esse caracter de superioridade entre todas as artes escriptas, a critica infinitamente custou a attingir a essa bella tolerancia, a essa fina indulgencia, que lhe reconhecemos hoje. E' a gloria da especie humana que possamos acceitar universalmente todas as formas da belleza eterna e da transitoria illusão, e que abracemos, no mesmo generoso olhar, a Aphrodite pagã e a Virgem Maria, coroada das rosas das igrejas, Iphigenia e Thereza de Jesus, Antigona e Joanna d'Arc.

Mucio Leão

328 ALMANAQUE DO GLOBO

EXPEDIENTE

Desde a presente edição, a "Secção Charadistica" do *Almanaque do Globo* fica sob a chefia do illustre escriptor Emilio de Souza Docca, assiduo e brilhante collaborador deste annuario.

A' sua indiscutivel competencia em assumptos que se prendem á nossa historia, o tenente Souza Docca, de ha muito, allia um conhecimento vasto e profundo da chamada Arte de Edipo, na qual tem obtido os mais animadores successos, como autor e como decifrador eximio que é. Entregando-lhe a direcção da "Secção Charadistica" do Almanaque, temos a certeza de que, assim, não soffrerá solução de continuidade o fulgor que a ella sempre soube dar o seu talentoso fundador e primeiro director, o mallogrado Dr. Ramiro Marques de Avila.

Ainda uma vez reproduzimos aqui o pedido aos possuidores de documentos historicos. A direcção do Almanaque se compromette a devolver, como é natural, depois de devidamente copiados, os documentos que lhe enviarem.

Toda correspondencia para o Almanaque deve ser dirigida á *Livraria do Globo*, nesta capital.

Como é de praxe, o Almanaque não se responsabiliza absolutamente pelas idéas emittidas por seus collaboradores.

Os originaes devem ser enviados até 31 de maio de cada anno. Mesmo quando não publicados, os originaes não serão devolvidos.

A direcção.

O lago Batticaloa, em Ceylão, gosa do privilegio de abrigar nas suas aguas peixes musicos... Os sons emittidos por esses animaes são tão doces e melodiosos como os que produziria uma orchestra de harpas eolicas.

* * *

O rei Gustavo, da Suecia, é um dos mais habeis jogadores de tennis da Europa. No palacio real de Stokolmo existe uma sala destinada especialmente a guardar os premios ganhos pelo monarcha nesse elegante jogo.

Figura 28 Principais discursos do Almanaque do Globo.

Fonte: Acervo Digital do Almanaque do Globo - Biblioteca Irmão José Otão - PUCRS.

Mansueto Bernardi, diretor do Almanaque do Globo, e João Pinto da Silva, com sua equipe, procuravam situar as edições do Almanaque em seções, ano após ano, organizando, assim, todo material que era pretendido pelos editores do Almanaque do Globo, onde se faz necessário compreender as análises das edições de 1917 até

1933.

> O Almanaque comporta e nos traz sempre a ideia de uma grande modernidade. Até no modo de se conjugarem os fragmentos e mais palavra-imagem-ideia, apesar de seu assentamento em tradições já arcaicas ou arcaizantes [...]. Por um lado, a fragmentação, por outro a memória reativada (FERREIRA, 2001, p. 20).

Com a mudança na direção da Livraria do Globo[53] em 1919, transformações e acréscimos ocorreram, principalmente na parte da seção literária, porém, o espaço para opinião e interferência do público, por exemplo, se manteve viva durante as seis primeiras edições analisadas, principalmente nas seções de *charadas*, *fotografias históricas* e *textos literários*, como pode ser observado no fragmento apresentado a seguir:

> Solicitamos aos possuidores de documentos históricos o obsequio de envial-os ao Almanaque, em original, que lhes será devolvido, ou por copia. Salvaremos, assim, do olvido alguns interessantes episodios da nossa história e forneceremos, patrioticamente, subsidios para o estudo da nossa evolução e da vida dos nossos heroes. Conhecidos os nossos intuitos, acreditamos que este pedido não morrerá sem éco (ALMANAQUE DO GLOBO, 1917, p. 376).

A mudança na direção pôde ser reconhecida pelo acréscimo de material literário nas próximas edições do Almanaque, que contava, além da sua direção, com o apoio de Henrique Bertaso, e de Érico Veríssimo. Este último cuidava do setor de produção da *Revista do Globo*[54] (1929 – 1967).

> E' nosso intuito, entretanto, torna-lo mais amplo ainda, de fórma a converter o "Almanaque do Globo" em um reflexo fiél de toda a actividade mental do Rio Grande do Sul, como já temos tido opportunidade de dizer. Somos muito gratos aos distinctos escriptores que se dignaram de attender, promptamente, os convites para collaborar no Almanaque. Aproveitamos a occasião para pedir desculpas áquelles dos nossos collaboradores cujas

[53] Na obra *Em Busca de um Tempo Perdido*, de Sônia Amorim (1999), a autora nos apresenta sobre de que forma ocorreu o início da Livraria do Globo no Rio Grande do Sul, que teve seu início no ano de 1883, e encerrou suas atividades, no estado, no ano de 1986, quando ocorre a venda da Editora para Roberto Marinho. "A Editora Globo (Livraria do Globo) de Porto Alegre surgiu como uma Secção Editora, dentro de uma empresa que se dedicava prioritariamente ao ramo de papelaria, comércio de livros tipografia, encadernação etc. e, a partir dos anos 30, pelo menos por duas décadas, projetou-se em todo país pelas publicações que editou" (AMORIM, 1999, p. 21).

[54] A *Revista do Globo* foi um importante empreendido da Livraria do Globo, que se destinava ao público em geral, até mesmo às crianças. O periódico era quinzenal, divulgava literatura e assuntos no geral, como cinema, moda e esportes. A partir de 1939, quando a Livraria do Globo passou a intensificar sua produção, e esforço, na seção de edição de Livros com Henrique Bertaso e Érico Veríssimo, a Revista do Globo foi um excelente veículo de massa que ajudou a propagar todo material que era produzido pela própria Livraria, e Editora.

> composições deixam de sahir este anno, por nos terem chegado tarde os respectivos originaes (ALMANAQUE DO GLOBO, 1918, p. 325).

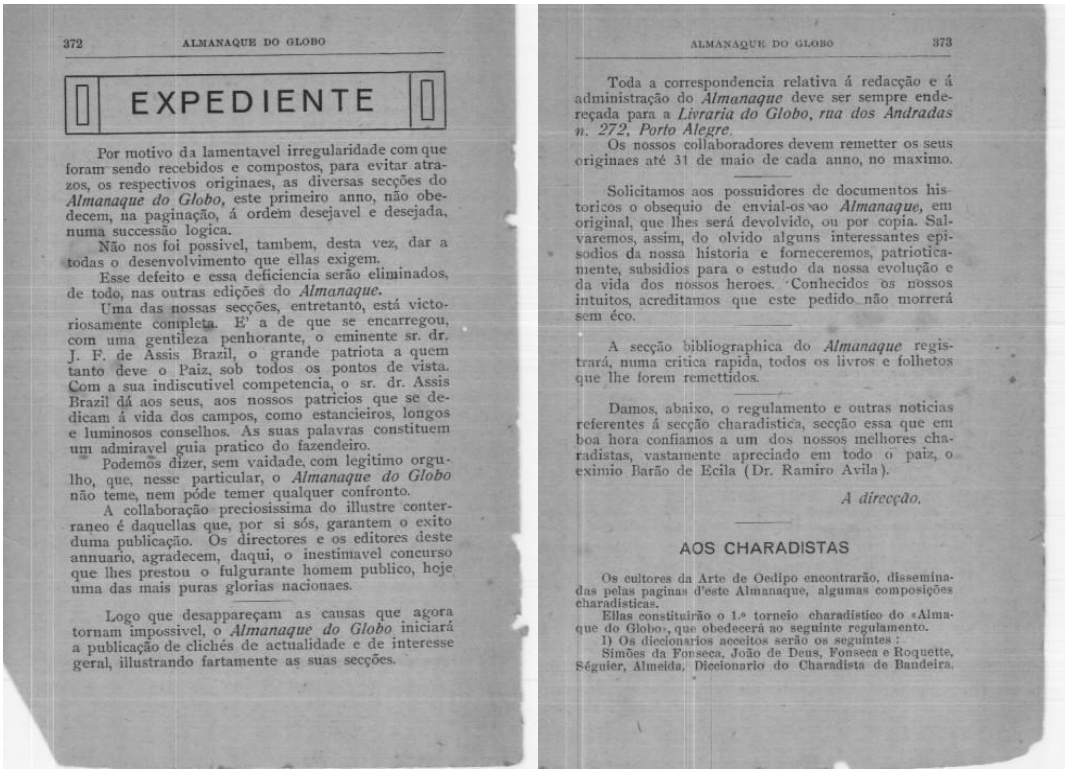
Com o passar dos anos, e como percebe-se nos quadros demonstrados nesta presente dissertação, o Almanaque do Globo sofreu com as mudanças do seu tempo, sobretudo a modernização do processo de política no estado do Rio Grande do Sul e a inserção da literatura anglo saxônica entre as traduções da Livraria, sem deixar de lado a prestigiada literatura francesa.

> De modo que se trata de pensar cada produção cultural simultaneamente na história do gênero, da disciplina ou do campo em que se inscreve e em suas relações com as outras criações estéticas ou intelectuais e as outras práticas que lhe são contemporâneas. [...] Portanto, a totalidade das linguagens e das ações simbólicas próprias de uma comunidade constitui sua cultura (CHARTIER, 2010, p. 35).

Partindo de uma reflexão de Chartier (2010), deduzimos que as modificações sofridas pelos impressos devem-se ao discurso de linguagem que se propagava nos seus setores de discussões e estratégias de manter um almanaque polarizado. O Almanaque, assim sob influência de seus diretores sofreu, possivelmente, uma influência forte da comunidade que consumia.

Tal percepção é vista através da análise dos próprios almanaques, por conta, principalmente, da diversidade de discursos e linguagens que o próprio almanaque trata, buscando, assim, alcançar os mais variados públicos.

Joaquim Francisco de Assis Brasil iniciaria, no Almanaque de 1919, uma guinada à polarização do discurso em prol do campo ao contribuir com uma seção exclusiva para este setor, através dos guias para Fazendeiros, apicultores e os homens do campo.



372 ALMANAQUE DO GLOBO

EXPEDIENTE

Por motivo da lamentavel irregularidade com que foram sendo recebidos e compostos, para evitar atrazos, os respectivos originaes, as diversas secções do *Almanaque do Globo*, este primeiro anno, não obedecem, na paginação, á ordem desejavel e desejada, numa successão logica.

Não nos foi possivel, tambem, desta vez, dar a todas o desenvolvimento que ellas exigem.

Esse defeito e essa deficiencia serão eliminados, de todo, nas outras edições do *Almanaque*.

Uma das nossas secções, entretanto, está victoriosamente completa. E' a de que se encarregou, com uma gentileza penhorante, o eminente sr. dr. J. F. de Assis Brazil, o grande patriota a quem tanto deve o Paiz, sob todos os pontos de vista. Com a sua indiscutivel competencia, o sr. dr. Assis Brazil dá aos seus, aos nossos patricios que se dedicam á vida dos campos, como estancieiros, longos e luminosos conselhos. As suas palavras constituem um admiravel guia pratico do fazendeiro.

Podemos dizer, sem vaidade, com legitimo orgulho, que, nesse particular, o *Almanaque do Globo* não teme, nem póde temer qualquer confronto.

A collaboração preciosissima do illustre conterraneo é daquellas que, por si sós, garantem o exito duma publicação. Os directores e os editores deste annuario, agradecem, daqui, o inestimavel concurso que lhes prestou o fulgurante homem publico, hoje uma das mais puras glorias nacionaes.

Logo que desappareçam as causas que agora tornam impossivel, o *Almanaque do Globo* iniciará a publicação de clichés de actualidade e de interesse geral, illustrando fartamente as suas secções.

ALMANAQUE DO GLOBO 373

Toda a correspondencia relativa á redacção e á administração do *Almanaque* deve ser sempre endereçada para a *Livraria do Globo, rua dos Andradas n. 272, Porto Alegre.*

Os nossos collaboradores devem remetter os seus originaes até 31 de maio de cada anno, no maximo.

Solicitamos aos possuidores de documentos historicos o obsequio de envial-os ao *Almanaque*, em original, que lhes será devolvido, ou por copia. Salvaremos, assim, do olvido alguns interessantes episodios da nossa historia e forneceremos, patrioticamente, subsidios para o estudo da nossa evolução e da vida dos nossos heroes. Conhecidos os nossos intuitos, acreditamos que este pedido não morrerá sem éco.

A secção bibliographica do *Almanaque* registrará, numa critica rapida, todos os livros e folhetos que lhe forem remettidos.

Damos, abaixo, o regulamento e outras noticias referentes á secção charadistica, secção essa que em boa hora confiamos a um dos nossos melhores charadistas, vastamente apreciado em todo o paiz, o eximio Barão de Ecila (Dr. Ramiro Avila).

A direcção.

AOS CHARADISTAS

Os cultores da Arte de Oedipo encontrarão, disseminadas pelas paginas d'este Almanaque, algumas composições charadisticas.

Ellas constituirão o 1.º torneio charadistico do «Almanaque do Globo», que obedecerá ao seguinte regulamento.

1) Os diccionarios acceitos serão os seguintes:

Simões da Fonseca, João de Deus, Fonseca e Roquette, Séguier, Almeida, Diccionario do Charadista de Bandeira.

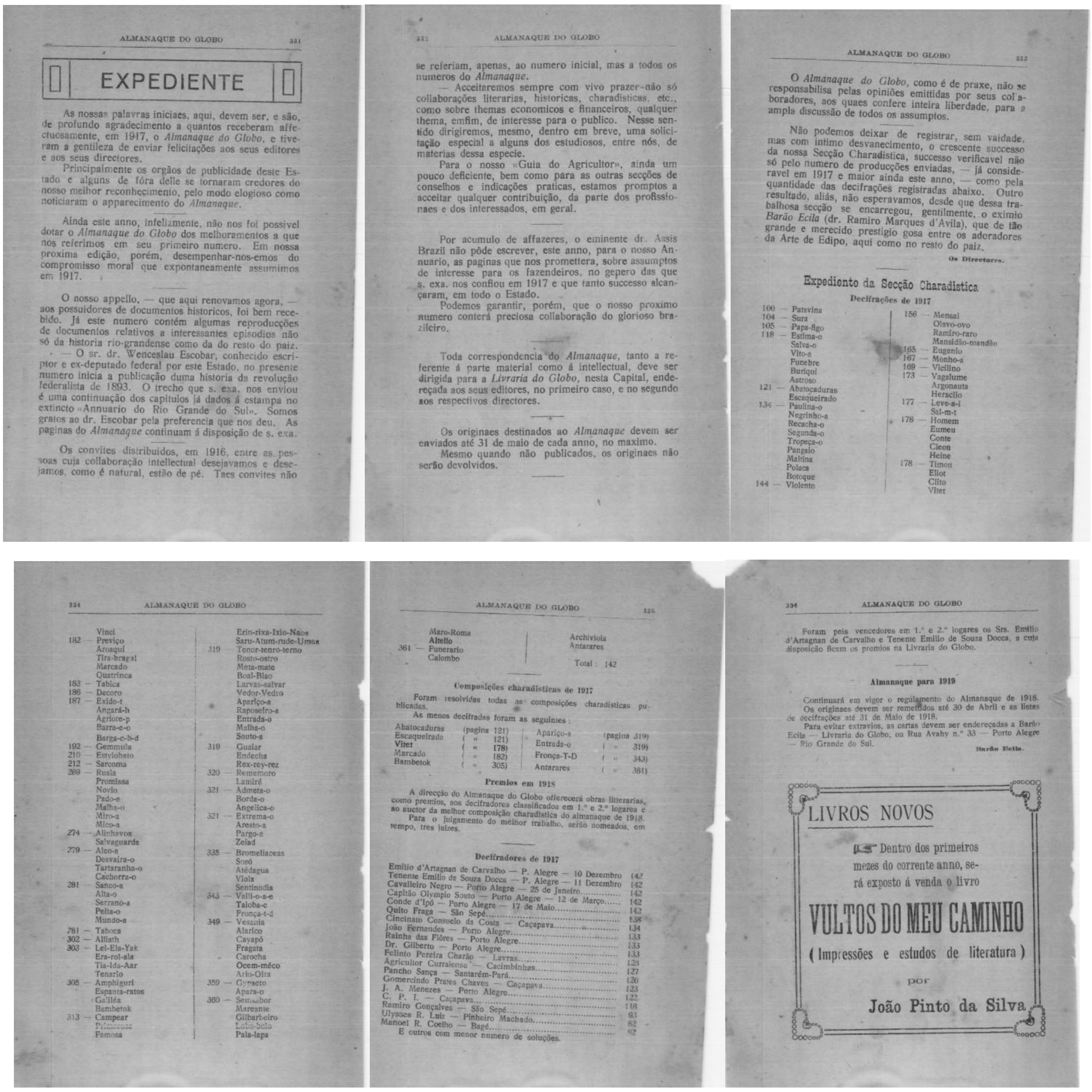
Figura 29 Expediente para o ano de 1917 apresentando Assis Brasil e a seção destinada ao cidadão do campo.

Fonte: Acervo Digital do Almanaque do Globo - Biblioteca Irmão José Otão - PUCRS.

De forma a tratar o expediente do Almanaque do Globo como uma via mais rápida e direta ao seu leitor, tem-se como exemplo o expediente para a edição de número 2:

> As nossas palavras iniciaes, aqui, devem ser, e são, de profundo agradecimento a quantos receberam affectuosamente, em 1917, o Almanaque do Globo, e tiveram a gentileza de enviar felicitações aos seus editores e aos seus directores. Principalmente os orgãos de publicidade deste Estado e alguns de fôra delle se tornaram credores do nosso melhor reconhecimento, pelo modo elogioso como noticiaram o apparecimento do Almanaque. Ainda este anno, infelizmente, não nos foi possível dotar o Almanaque do Globo dos melhoramentos a que nos referimos em seu primeiro numero. Em nossa proxima edição, porém, desempenhar-nos-emos do compromisso moral que expontaneamente assumimos em 1917 (ALMANAQUE DO GLOBO, 1918, p. 331).

O Almanaque do Globo procurava ser totalmente fiel ao seu público leitor, procurando as melhorias do seu impresso e do acesso do leitor a ele, proporcionando uma relação positiva entre editores, diretores e leitores. A seguir, as imagens do expediente do Almanaque do Globo para a edição de número 2:



ALMANAQUE DO GLOBO 331

EXPEDIENTE

As nossas palavras iniciaes, aqui, devem ser, e são, de profundo agradecimento a quantos receberam affectuosamente, em 1917, o *Almanaque do Globo*, e tiveram a gentileza de enviar felicitações aos seus editores e aos seus directores.

Principalmente os orgãos de publicidade deste Estado e alguns de fóra delle se tornaram credores do nosso melhor reconhecimento, pelo modo elogioso como noticiaram o apparecimento do *Almanaque*.

Ainda este anno, infelizmente, não nos foi possivel dotar o *Almanaque do Globo* dos melhoramentos a que nos referimos em seu primeiro numero. Em nossa proxima edição, porém, desempenhar-nos-emos do compromisso moral que expontaneamente assumimos em 1917.

O nosso appello, — que aqui renovamos agora, — aos possuidores de documentos historicos, foi bem recebido. Já este numero contém algumas reproducções de documentos relativos a interessantes episodios não só da historia rio-grandense como da do resto do paiz.

— O sr. dr. Wenceslau Escobar, conhecido escriptor e ex-deputado federal por este Estado, no presente numero inicia a publicação duma historia da revolução federalista de 1893. O trecho que s. exa. nos enviou é uma continuação dos capitulos já dados á estampa no extincto «Annuario do Rio Grande do Sul». Somos gratos ao dr. Escobar pela preferencia que nos deu. As paginas do *Almanaque* continuam á disposição de s. exa.

Os convites distribuidos, em 1916, entre as pessoas cuja collaboração intellectual desejavamos e desejamos, como é natural, estão de pé. Taes convites não

332 ALMANAQUE DO GLOBO

se referiam, apenas, ao numero inicial, mas a todos os numeros do *Almanaque*.

— Acceitaremos sempre com vivo prazer-não só collaborações literarias, historicas, charadisticas, etc., como sobre themas economicos e financeiros, qualquer thema, emfim, de interesse para o publico. Nesse sentido dirigiremos, mesmo, dentro em breve, uma solicitação especial a alguns dos estudiosos, entre nós, de materias dessa especie.

Para o nosso «Guia do Agricultor», ainda um pouco deficiente, bem como para as outras secções de conselhos e indicações praticas, estamos promptos a acceitar qualquer contribuição, da parte dos profissionaes e dos interessados, em geral.

Por acumulo de affazeres, o eminente dr. Assis Brazil não pôde escrever, este anno, para o nosso Annuario, as paginas que nos promettera, sobre assumptos de interesse para os fazendeiros, no genero das que s. exa. nos confiou em 1917 e que tanto successo alcançaram, em todo o Estado.

Podemos garantir, porém, que o nosso proximo numero conterá preciosa collaboração do glorioso brazileiro.

Toda correspondencia do *Almanaque*, tanto a referente á parte material como á intellectual, deve ser dirigida para a *Livraria do Globo*, nesta Capital, endereçada aos seus editores, no primeiro caso, e no segundo aos respectivos directores.

Os originaes destinados ao *Almanaque* devem ser enviados até 31 de maio de cada anno, no maximo.

Mesmo quando não publicados, os originaes não serão devolvidos.

ALMANAQUE DO GLOBO 333

O *Almanaque do Globo*, como é de praxe, não se responsabilisa pelas opiniões emittidas por seus collaboradores, aos quaes confere inteira liberdade, para a ampla discussão de todos os assumptos.

Não podemos deixar de registrar, sem vaidade, mas com intimo desvanecimento, o crescente successo da nossa Secção Charadistica, successo verificavel não só pelo numero de producções enviadas, — já consideravel em 1917 e maior ainda este anno, — como pela quantidade das decifrações registradas abaixo. Outro resultado, aliás, não esperavamos, desde que dessa trabalhosa secção se encarregou, gentilmente, o eximio *Barão Ecila* (dr. Ramiro Marques d'Avila), que de tão grande e merecido prestigio gosa entre os adoradores da Arte de Edipo, aqui como no resto do paiz.

Os Directores.

Expediento da Secção Charadistica

Decifrações de 1917

100 — Patavina
104 — Sura
105 — Papa-figo
118 — Estima-o
Salva-o
Vito-a
Funebre
Buriqui
Astroso
121 — Abatocaduras
Escaqueirado
134 — Paulina-o
Negrinho-a
Recacha-o
Segunda-o
Tropeça-o
Pangaio
Maltina
Polaca
Botoque
144 — Violento
156 — Mensal
Olavo-ovo
Ramiro-raro
Mansidão-mandão
165 — Eugenio
167 — Monho-a
169 — Vicilino
173 — Vagalume
Argonauta
Heraclio
177 — Leve-a-i
Sal-m-t
178 — Homem
Eumeu
Conte
Cleon
Heine
178 — Timon
Eliot
Clito
Vitet

334 ALMANAQUE DO GLOBO

Vinci
182 — Previço
Aroaqui
Tira-bragal
Marcado
Quatrinca
183 — Tabica
186 — Decoro
187 — Exido-t
Angará-h
Agriote-p
Barra-c-o
Barga-c-b-d
192 — Gemmula
210 — Estylobato
212 — Sarcoma
269 — Ruala
Promissa
Novio
Pado-a
Malha-o
Miro-a
Mico-a
274 — Alinhavos
Salvaguarda
279 — Aleo-a
Desvaira-o
Tartaranha-o
Cachorra-o
281 — Sanco-a
Alta-o
Serrano-a
Peita-o
Mundo-a
281 — Taboca
302 — Alliath
303 — Lel-Ela-Yak
Era-rol-ala
Tia-Ida-Aar
Tenario
305 — Amphiguri
Espanta-ratos
Galiléa
Bambetok
313 — Campear
Primorosa
Famosa
Erin-rixa-Ixio-Naos
Saru-Atum-rude-Umea
319 — Tenor-tenro-terno
Rosto-ostro
Meta-mate
Boal-Blao
Larvas-salvar
Vedor-Vedro
Apariço-a
Raposeiro-a
Entrada-o
Malha-o
Souto-a
319 — Guaiar
Endecha
Rex-rey-rez
320 — Rememoro
Lamiré
321 — Admeta-o
Borda-o
Angelica-o
321 — Extrema-o
Aresto-a
Pargo-a
Zeiad
335 — Bromeliaceas
Sosó
Atédagua
Viola
Sentinodia
343 — Valli-o-a-e
Taioba-c
Fronça-t-d
349 — Vesania
Alarico
Cayapó
Fragata
Carocha
Ocem-méco
Ario-Oira
359 — Gyracto
Apara-o
360 — Sensabor
Mareante
Gilbarbeiro
Lobo-belo
Pala-lapa

ALMANAQUE DO GLOBO 335

Maro-Roma
Altello
361 — Funerario
Calombo
Archiviola
Antarares

Total: 142

Composições charadisticas de 1917

Foram resolvidas todas as composições charadisticas publicadas.

As menos decifradas foram as seguintes:

Abatocaduras	(pagina 121)	Apariço-a	(pagina 319)
Escaqueirado	(« 121)	Entrada-o	(« 319)
Vitet	(« 178)	Fronça-T-D	(« 343)
Marcado	(« 182)	Antarares	(« 361)
Bambetok	(« 305)		

Premios em 1918

A direcção do Almanaque do Globo offerecerá obras litterarias, como premios, aos decifradores classificados em 1.º e 2.º logares e ao auctor da melhor composição charadistica do almanaque de 1918.

Para o julgamento do melhor trabalho, serão nomeados, em tempo, tres juizes.

Decifradores de 1917

Emilio d'Artagnan de Carvalho — P. Alegre — 10 Dezembro	142
Tenente Emilio de Souza Docca — P. Alegre — 11 Dezembro	142
Cavalleiro Negro — Porto Alegre — 25 de Janeiro	142
Capitão Olympio Souto — Porto Alegre — 12 de Março	142
Conde d'Ipó — Porto Alegre — 17 de Maio	142
Quito Fraga — São Sepé	138
Cincinato Consuelo da Costa — Caçapava	134
João Fernandes — Porto Alegre	133
Rainha das Flôres — Porto Alegre	133
Dr. Gilberto — Porto Alegre	133
Felinto Pereira Charão — Lavras	133
Agricultor Curralense — Cacimbinhas	128
Pancho Sança — Santarém-Pará	127
Gomercindo Prates Chaves — Caçapava	126
J. A. Menezes — Porto Alegre	123
C. P. I. — Caçapava	122
Ramiro Gonçalves — São Sepé	118
Ulysses R. Luiz — Pinheiro Machado	93
Manoel R. Coelho — Bagé	82

E outros com menor numero de soluções.

336 ALMANAQUE DO GLOBO

Foram pois vencedores em 1.º e 2.º logares os Srs. Emilio d'Artagnan de Carvalho e Tenente Emilio de Souza Docca, a cuja disposição ficam os premios na Livraria do Globo.

Almanaque para 1919

Continuará em vigor o regulamento do Almanaque de 1918.

Os originaes devem ser remettidos até 30 de Abril e as listas de decifrações até 31 de Maio de 1918.

Para evitar extravios, as cartas devem ser endereçadas a Barão Ecila — Livraria do Globo, ou Rua Avahy n.º 33 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul.

Barão Ecila.

LIVROS NOVOS

Dentro dos primeiros mezes do corrente anno, será exposto á venda o livro

VULTOS DO MEU CAMINHO

(Impressões e estudos de literatura)

por

João Pinto da Silva

Figura 30 O expediente do Almanaque do Globo (1918).

Fonte: Acervo do Centro de Documentação CEDOC/FAE/UFPel.

A intenção era a de evidenciar a interação com seu público, tornando o Almanaque do Globo um impresso ainda mais representativo e diverso, a fim de contribuir para a construção da história do impresso almanaque, sobretudo, no que se pôde compreender, pelo seu serviço com a finalidade de estabelecer uma educação fora dos padrões de ensino escolar, espaço este que compreende diversos setores da camada sociocultural, daqueles que viviam na margem e daqueles que usufruíam de condições aquisitivas mais favoráveis.

3.2 O Almanaque do Globo como impresso sociocultural: o popular e o erudito

Paralelamente à compreensão sobre o documento, Chartier procura adentrar ainda mais na fundamentação das produções de documentos, mais precisamente no capítulo IV da obra *A história Cultural: Entre práticas e representações* intitulado *Textos, Impressos, Leituras*. Neste, Chartier de imediato revela que "*quer se considere como primordial a liberdade do leitor, produtor inventivo de sentidos não pretendidos e singulares*" (2002, p. 121), em que tal liberdade se questiona de acordo com a produção que é destinada a esse próprio leitor.

Com relação à educação social que o Almanaque do Globo se propunha a propagar, Magalhães (2010) comenta que a educação é *categorial* e *plurifacetada*, logo, a sua interdisciplinaridade pode ser alcançada, também, por meio de todos os documentos que são obtidos ou originados a fim de, muitas vezes, exercer um papel ideológico.

Walter Benjamin, Adorno, Horkheimer e a escola de Frankfurt potencializaram, por exemplo, a discussão acerca da Indústria Cultural com o propósito de propor uma quebra na institucionalização dos bens culturais, procurando promover a cultura para outros campos, e não somente aos campos padronizados para tal expansão, como bibliotecas e museus.

O processo de produção no estado do Rio Grande do Sul sofreu com relação ao método de trabalho e ao processo industrial que levantaria discussões sobre a maneira pela qual se propagava a cultura e de que forma a mesma seria vendida ao público de massa (ADORNO, 1985). Mais do que isso, porém, tratando-se do campo didático e literário, o processo com relação à comunicação e à sua atribuição para a distribuição, principalmente dos almanaques, tinham como desejo de seus editores a manutenção do trabalho textual oferecido e o acompanhamento daquele público que iria consumir este produto.

A obra, na sua essência, deveria propor ao leitor — e na verdade acaba propondo, bem ou mal — uma maneira de direcioná-lo a uma instrução positiva e educacional. De certa forma, independentemente do material cultural utilizado, o texto faz com que o leitor passe a se tornar cada vez mais um colaborador desta produção impressa comunicativa do seu tempo.

Na obra intitulada *Teoria Crítica da Indústria Cultural*, Duarte (2003) comenta, sobre o processo de industrialização cultural:

> Um dos aspectos mais evidentes do mundo contemporâneo é o lugar central ocupado pelos meios tecnológicos de produção, reprodução e difusão de informações audiovisuais. Desde o início do século xx, sistemas como o rádio, o toca-discos e o cinematográfico; posteriormente a televisão e o vídeo; e, mais recentemente, os recursos de processamento digital de som e imagem tem um papel enorme e crescente em todos os âmbitos de nossas vidas, tendo se tornado verdadeiros catalisadores de nossa afetividade e de nosso posicionamento diante do mundo e das coisas (DUARTE, 2003, p. 7).

Diante dos processos de industrialização, principalmente daqueles cunhados pela escola de Frankfurt, os processos de práticas de leitura do almanaque e sua expansão cultural ultrapassaram barreiras, fazendo com que o almanaque passasse a transpor, em seus materiais, matérias que atuassem diretamente no convívio social do indivíduo.

Certos textos do almanaque tratavam de assuntos importantes, e alguns, de certa forma, contavam com um direcionamento social, cultural e político. No quadro abaixo, a título de pesquisa e informação e a fim de elucidar ao leitor tais posicionamentos, montamos uma organização dos principais textos e autores destas matérias:

Quadro 10 Organização de matérias políticas e sociais da parte literária do Almanaque do Globo.

Edição do Almanaque	Nome da Matéria	Nome do autor da matéria	Número da página da matéria
1ª	Ecce Homo	Victor Silva	169
1ª	Secção Religiosa	Diretoria do Almanaque do Globo	350
2ª	A acta de pacificação do Estado	Diretoria do Almanaque do Globo	285
2ª	Qual foi a primeira bandeira da Republica	Diretoria do Almanaque do Globo	221
2ª	Um capitulo de uma historia inedita da	Wenceslan Escobar	229

	revolução de 1893		
3ª	O desenvolvimento Industrial do Estado	Diretoria do Almanaque do Globo	85
3ª	Pátria!	João do Rio	67
3ª	De 1829 a 1918	Diretoria do Almanaque do Globo	113
4ª	A pecuaria brasileira depois da guerra	Dr. L. P. Barreto	117
4ª	A recepção do Prof. Miguel Couto na Academia de Lettras	Diretoria do Almanaque do Globo	157
4ª	Alguns documentos ineditos sobre a republica	Diretoria do Almanaque do Globo	189
4ª	Nihilismo	Pereira da Silva	195
5ª	A poetisa Aracy Dantas de Gusmão (illustrado)	Diretoria do Almanaque do Globo	87
5ª	Fragmentos da Philosophia politica	Gustavo Le Bon	281
5ª	Indicações Úteis	Diretoria do Almanaque do Globo	318
5ª	O repovoamento da Europa, o amor e a morte	João Pinto da Silva	153
6ª[55]	As mulheres e as cabeças cortadas	João do Norte	113

[55] A edição de número 6, do ano de 1922, passa a contar com o seu Índice separado em três partes, a fim de executar melhor organização e busca do leitor: Índice da parte literária; índice das ilustrações e índice dos anunciantes. Inicialmente, o Almanaque do Globo organizava seu índice em ordem alfabética, mas depois, até a 6ª edição, ele passou a dividir em duas partes: Índice da parte literária e o índice dos anunciantes. O índice das ilustrações passa a ganhar então, no ano de 1922, ainda mais destaque nas produções da Livraria do Globo.

6ª	As batalhas e os combates da guerra de 1914	Diretoria do Almanaque do Globo	137
6ª	A calligraphia dos homens serios	Diretoria do Almanaque do Globo	300
6ª	Industria pastoril - Opiniões do Dr. Assis Brasil	Dr. Assis Brasil	253
6ª	Republica Escolar	Diretoria do Almanaque do Globo	152
7ª	A revolução de 35	Diretoria do Almanaque do Globo	57
7ª	A nova capital do Brasil	José Bonifacio de Andrade e Silva	101
7ª	Para a historia anedoctica do theatro	Diretoria do Almanaque do Globo	157
8ª	A ideologia separatista e o caracter rio-grandense	Dr. Rubens Barcellos	163
8ª	O balbuciar da criança; O livro	Victor Hugo	48; 109
8ª	O destino das élites	Diretoria do Almanaque do Globo	227
8ª	João Simões Lopes Netto	José Paulo Ribeiro	133
9ª	O Dictador José Gaspar Rodrigues	Ruy Barbosa	74
9ª	Emigrados argentinos no Brasil	Lucas Ayarragaray	245
10ª	A extincção da escravidão no Brasil	Diretoria do Almanaque do Globo	101

10ª	Indio Vago	Mansueto Bernardi	162
11ª	Arte de viver cem annos	Papa Leão XIII	193
11ª	A significação do nosso regionalismo	Carlos Dante de Moraes	219
11ª	Marietta Costa	Diretoria do Almanaque do Globo	185
12ª	Acreditae no Brasil	Cassiano Ricardo	48
13ª	A arte de governar (Como ensinava Marquez de Pombal)	Diretoria do Almanaque do Globo	121
13ª	Para as donas de casa	Diretoria do Almanaque do Globo	253
14ª	Guerra Junqueiro nunca foi republicano?	Raul Brandão	117
15ª[56]	No caso de separação a quem deve caber o annel nucpcial?	Diretoria do Almanaque do Globo	219
15ª	Mulheres famosas da historia: Helena	Miguel Castro Marques	205
17ª	A questão do desarmamento das potencias	Diretoria do Almanaque do Globo	189
17ª	A Alemanha Política	Diretoria do Almanaque do Globo	182

Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS.

[56] Podemos notar que a edição para o ano de 1931 passou a contar com uma nova separação no seu índice: o índice de “Indicações Úteis”. Manuais, guias, informações gerais, estabelecimentos, festas, entre outros, passariam a ser informados diretamente nesta busca através do índice ao final do Almanaque do Globo de 1931.

Segundo o que pode ser analisado no quadro acima, é visto um alto índice de matérias vinculada às questões políticas e sociais do estado. A importância com assuntos regionalistas se mescla com assuntos mundiais, como o texto escrito para falar sobre uma Alemanha política, na edição do Almanaque do Globo de 1933.

O objetivo é direcionar o texto para o grande público consumidor do almanaque, porém, como o teor político se faz em demasia, pode-se ter a ideia de que os textos se destinam ao público que participa ativamente destes ciclos. De certa forma, como o almanaque era destinado para todos, o seu consumo é relativamente visto como sem separações socioculturais. Virtudes nacionalistas, regionalismo e imposições políticas são as principais frentes destes textos mencionados.

Os meios de comunicação surtem efeitos sobre uma sociedade, os impressos também pois, assim como todo conteúdo que visa ser oferecido ao público, eles trazem o contexto daquele local, de uma determinada situação entre os sujeitos. O processo e o progresso industrial que levantaria discussões sobre a maneira pela qual se propagava a cultura e de que forma a mesma seria vendida ao público de massa (ADORNO, 1985) se intensifica quando feita sua relação ao processo de comunicação proposto pelos editores do Almanaque do Globo.

Tratando-se do campo didático e literário, o processo do discurso textual, com relação à comunicação e a sua distribuição, principalmente dos almanaques, obtinha como desejo de seus editores a manutenção do trabalho textual oferecido e o acompanhamento daquele público que iria consumir este impresso.

A intenção do Almanaque do Globo, por exemplo, era a de representar a história do estado, seja na produção científica ou artística de suas causas, e marcar os almanaques como essenciais aos estudos sobre a história que eles contam. Se construía, assim, um forte discurso entre o modelo de propagação cultural do livro atrelado ao que produziu e o que consumiu. A interdisciplinaridade no impresso estaria cada vez mais atrelada à vida do leitor.

> Para conseguir uma certa distância dessa correria interdisciplinar e enxergar o objeto como um todo, talvez caiba propor um modelo geral para analisar como os livros surgem e se difundem entre a sociedade. Evidentemente, as condições variaram tanto de lugar para lugar e de época para época, desde a invenção do tipo móvel, que seria tolo esperar que todas as biografias dos livros se encaixassem num mesmo modelo. Mas, de modo geral, os livros impressos passam aproximadamente pelo mesmo ciclo de vida. Este pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se não é o livreiro que assume esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor. O leitor encerra o circuito porque ele influencia

> o autor tanto antes quanto depois do ato de composição (DARNTON, 1990, p. 111).

Como fundamentação teórica para objetivar a discussão sobre a relação do produto, o editor, o leitor e a relação que se estabelece, Darnton (1990) e Thompson (2013) trabalham, de maneira didática através dos quadros situados a seguir, a proposta da cadeia tradicional do livro. O circuito, aqui no caso tratando do impresso almanaque, se demonstra como contínuo para com outras histórias, outros tempos.

O interessante do circuito do almanaque é que ele sempre será uma fonte atual de pesquisa e leitura. Darnton complementa dizendo que “a história do livro se interessa por cada fase desse processo, as suas variações no tempo e no espaço e relações com outros sistemas, econômico, social, político e cultura” (1990, p. 111).

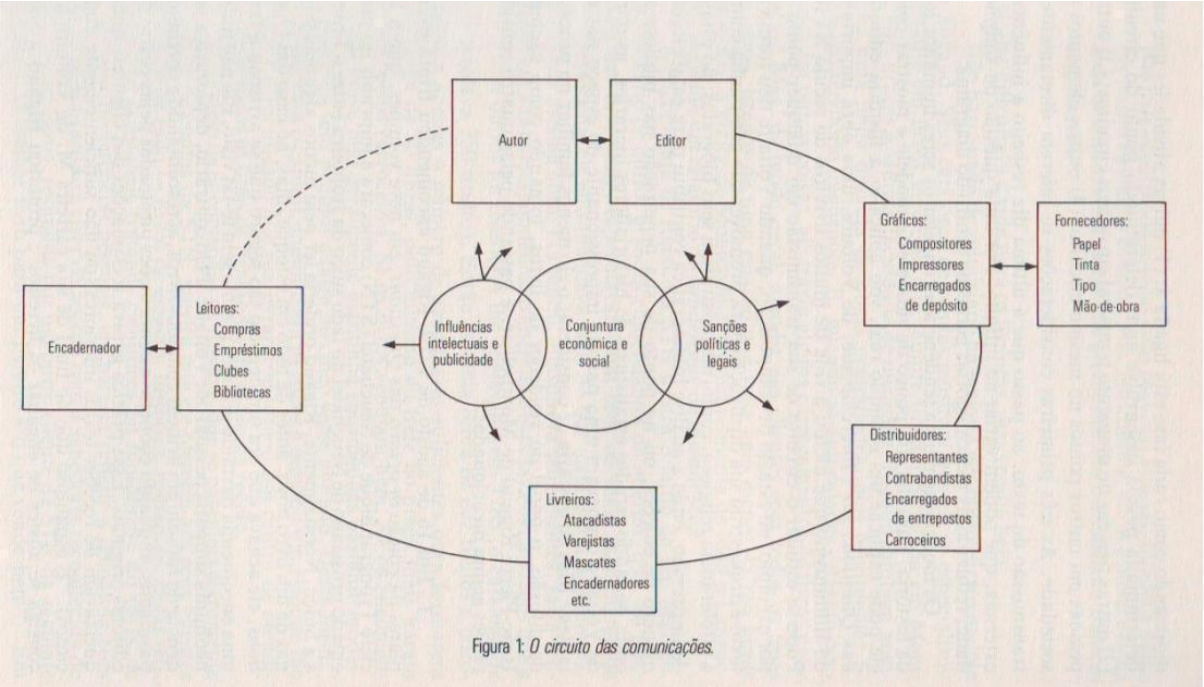


Figura 31 O circuito das comunicações.

Fonte: Darnton (1990, p. 112).

Percebemos, através da figura apresentada, o progresso na cadeia participante na produção e no comércio de um impresso. Progressivamente, a cadeia produtiva em meio à Indústria Cultural foi progredindo ao longo do tempo. Foi no século XX que ela começou a progredir, principalmente porque anteriormente, no século XIX, as livrarias e/ou casas tipográficas se contrastavam em um celeiro de

vendas dos mais diversos tipos de produtores, deixando a produção do livro em segundo plano.

> Pode-se afirmar, a partir do que foi visto, que a produção editorial brasileira, apesar da existência de algumas editoras, não passava de uma atividade por vezes secundária de grandes livrarias que se dedicavam a alguns autores nacionais consagrados [...] e obras didáticas e de ciências em geral (TORRESINI, 1991, p. 32).

O processo transitório que o Brasil estava passando, seja pelo movimento migratório dos estrangeiros no país ou pelo crescimento da exportação do produto brasileiro, condiciona uma característica essencial para com a distribuição dos almanaques e de toda produção que era planejada pela Livraria do Globo.

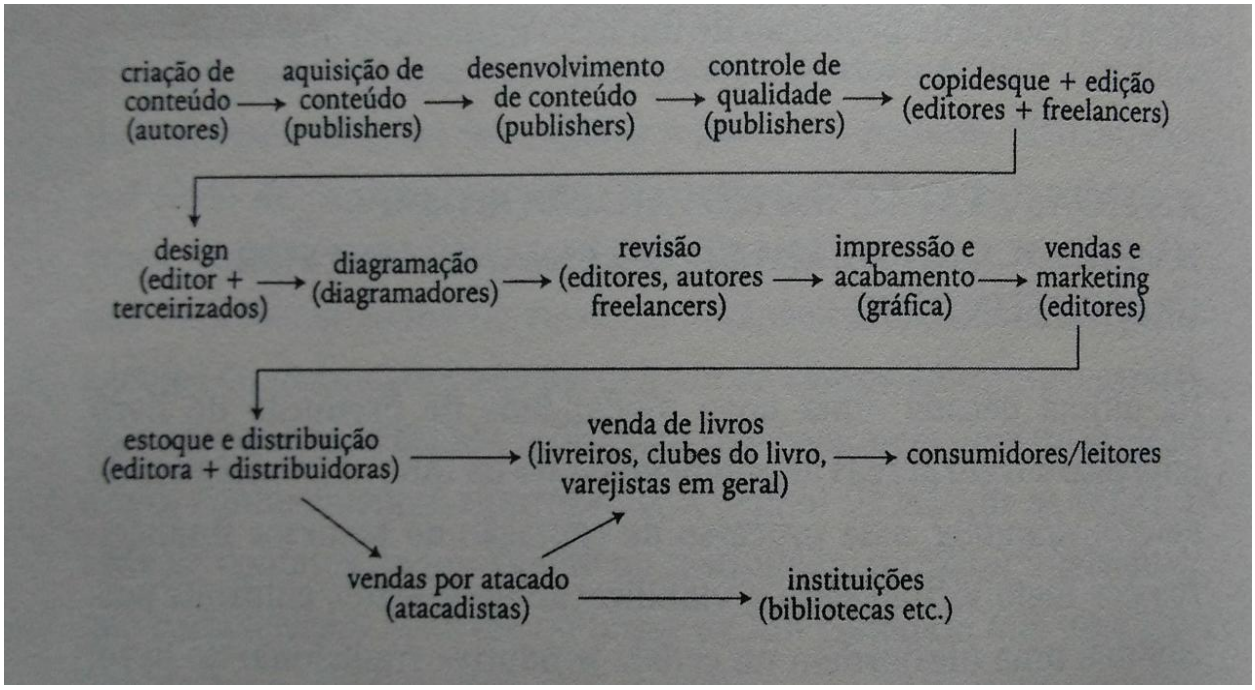


Figura 32 A cadeia tradicional de um livro impresso.

Fonte: Thompson (2013, p. 22).

A produção era, até certo momento, destinada ao público que queria consumir e conhecer a cultura literária do seu estado, assim como autores conhecidos nacionalmente no âmbito literário, seja no Brasil ou no exterior, principalmente em Portugal. A cadeia produtiva no estado gaúcho, na entrada do século XX, sofreu modernizações em diversas camadas culturais da sociedade, e isso influenciou gradativamente a proliferação da venda, comércio e produção de livros.

> De certo modo, essa modernidade que aos poucos se consolida carrega dentro de si diversas contradições; certos setores pactuam, concordam e incentivam essa nova maneira de ver e sentir; outros, porém, ainda vinculados ao sistema escravagista, opõem-se ferozmente (ARRIADA; TAMBARA, 2014, p. 230).

Para Arriada e Tambara (2014, p. 230), os principais intelectuais da época, ou seja, jornalistas, advogados, médicos, elaboram um discurso de louvação aos avanços da ciência, que de forma quase imperceptível vai atingir as diversas camadas da sociedade.

A descaracterização dos produtos foi-se agravando conforme a sua produção, do qual não se tem uma manutenção a ponto de dar mais diversidade e uniformidade para aquilo, muito menos pluralidade, mas sim, continua por construir modelos repetitivos formados em cima de projetos prontos, pré-estabelecidos e que tão somente são alvos de apropriação e subversão, como o público, por exemplo.

Com isso, os Almanaques, não essencialmente o do Globo, mas os principais Almanaques que surgiram entre o século XVIII e início do XX, procuraram caminhar contra a corrente da alienação e do aprisionamento cultural frente ao uso frenético dos meios de comunicação que a época propiciava para a divulgação de conteúdo para a sociedade. Isso tudo foi discutido tendo em vista o crescimento, a partir do século XIX, entre os anos de 1880 e 1900, do cinema e do rádio.

> Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear [...] seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa ao público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade é de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem (ADORNO, 1985, p.114).

Porém, obstante ao processo da discussão sobre a indústria cultural, diferente dos processos mercadológicos referentes a venda de um produto ao não consumidor de um determinado produto, a produção se forma ainda em um processo que vai além do tão somente almejo em gerar lucro e alienação através da opressão constante do mercado em cima do consumidor.

> Ao contrário do sistema da indústria cultural que obedece a lei da concorrência para a conquista do maior mercado possível, o campo da produção erudita tende a produzir ele mesmo as suas normas de produção e os critérios de avaliação de seus produtos, e obedece à lei fundamental da concorrência pelo reconhecimento propriamente cultural concedido pelo grupo de pares que são, ao mesmo tempo, cliente privilegiados e

> concorrentes. É a partir desse princípio que se pode compreender não somente as relações entre o campo de produção erudita e o “grande público” e a representação que os intelectuais ou os artistas possuem desta relação, mas também o funcionamento do campo, da lógica de suas transformações, a estrutura das obras que produz e a lógica da sua sucessão (BOURDIEU, 2007, p. 105).

Segundo Bourdieu (2007), a produção de bens culturais se equivale tanto ao processo do campo de produção erudita quanto ao popular, daquilo que seja vendido como publicidade ao público de massa. O popular aqui se compreende enquanto cultura destinada ao povo que queira e que busque consumir a cultura erudita transpassada, através dos Almanaques, por meio do conhecimento literário ou, no caso da Livraria do Globo, materiais didáticos.

Logo, o Almanaque do Globo se transforma em um grande propagador de conteúdo, abrangente a um espaço diverso e que compreende grande parcela dos mais variados segmentos da sociedade, tornando-se um almanaque essencialmente popular, com um conteúdo erudito.

Considerações finais

Sem os livros e sem a educação que o impresso impõe em nós, a nossa virtude, ou o amor como força primeira, filosoficamente falando, não faria sentido. A busca é singular, solitária, *a priori*, mas o resultado é coletivo pois uma série de pessoas tem os mesmos anseios por uma educação justa, universal, plural e democrática. Quem concebe a leitura como bem maior concebe para si o direito de crescer não tão só intelectualmente, como ser no mundo para o outro sempre, antes de tudo, para conosco.

Talvez por estes pensamentos colocados acima que eu tenha me identificado tanto com o objeto em questão, o Almanaque do Globo, que engloba um universo de materialidades compostas por diversos saberes que contrastam com as nossas experiências, ou — no caso dos impressos ambientados na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX — as experiências daqueles tantos seres de letras, não letrados, pobres, ricos.

Neste estudo podemos acompanhar uma série de abordagens históricas que ambientaram a construção de uma comunidade fascinada pela leitura de um impresso de enorme sucesso em sua época, e que vem ganhando cada vez mais força em estudos ancorados em algumas correntes epistemológicas.

No primeiro capítulo, intitulado *A construção histórica e sociocultural de uma livraria no Rio Grande do Sul: o caso da Livraria do Globo*, apresentamos ao leitor o um universo anterior ao Almanaque do Globo — no espaço que se criou para servir inicialmente como papelaria — que serviu como alicerce para a sua criação e que não teria sido um grande avanço para o mercado editorial se não fosse proporcionada a criação da Livraria do Globo, em 1883, por sócios, diretores e colaboradores na cidade de Porto Alegre. A criação da livraria viria a indicar um progresso mercadológico e industrial no estado, fazendo com que a Livraria ajudasse na manutenção de cultura e propagação de cultura literária ao público, sobretudo através do progresso que a Editora Globo estava obtendo.

Em um segundo momento, no capítulo 2, *Uma Contextualização Historiográfica sobre os Almanaques*, sentimos a necessidade de trazer o universo da criação dos almanaques no estado, na segunda metade do século XIX, a partir de casas tipográficas e como estas, em conjunto com seus produtores de cultura, fizeram

do almanaque um manual repleto de prazeres incontestáveis para a obtenção de informações, conhecimentos e aprendizados.

Os almanaques possuíam algumas peculiaridades, singulares aos seus modelos, por vezes destinados a um único segmento, mas adquiridos a partir de públicos diferentes de leitores, por mais que alguns desses almanaques tivessem como teoria inicial um único direcionamento.

A história da leitura, a cultura escrita e as práticas de leitura, por exemplo, fazem da História da Educação um campo abrangente no que tange diversos termos a serem observados e discutidos, gerando um universo imenso sobre a história de impressos que são tão ricos e que contribuíram importantemente para a construção de dizeres, saberes, costumes e culturas. Não por acaso, a construção sociocultural de um impresso cresce em meio à materialidade do espaço por onde este documento perpassa o seu processo de produção. É um espaço que se multiplica, que adere a práticas, conceitos e, quem sabe o mais importante, muitas mãos.

Os modos de produção no início do século XX e a modernização em meio a industrialização cultural ajudam a compreender o contexto que o cenário do mercado editorial no Rio Grande do Sul estava entrando. Destinando o pensamento e a análise diante ao contexto do impresso e a sua projeção no estado frente às suas ambições, pensa-se, por meio da discussão teórica traçada nesta dissertação, de que a identidade e a linguagem do Almanaque do Globo influenciaram diretamente o público leitor, seja ele no campo popular ou no campo da erudição literária. Influência esta surgida, principalmente, através do alto números de casas tipográficas e livrarias que imergiram no mercado industrial do Rio Grande do Sul.

Compreendendo a ascensão de uma prática capitalista no início do século XX, a arte, quando vista na sua imersão de cultura afirmativa no discurso de classes dominantes, não deveria limitar o acesso cultural às classes subalternas, mas sim facilitar-lo, principalmente porque a sua reprodução em massa deveria procurar outras formas de atingir a este público. Com isso, em meio à análise dos 17 volumes do almanaque, percebe-se um cunho político atribuído em grande parte do que foi mensurado aqui, através de uma política de estado que atribuía para o seu governo a característica de se manter autoritário, pautado em costumes religiosos e elitizado. Por mais que os modelos aplicados em grande parte das matérias obtivessem um cunho político, religioso e nacionalista, agradando a elite que consumia o almanaque

e procurando fazer com que a classe menos instruída aderisse com o que estivesse ali, o almanaque ainda se transforma em um manual de deveres multidisciplinar.

Completamente informativo, o almanaque traçou um caminho importante na construção de matérias que contemplassem seus mais variados públicos. Seja por meio da literatura ou de outras categorias, o almanaque se transformou em um impresso importante na vida dos seus leitores. Através do que pode ser percebido em meio às leituras realizadas, os editoriais e os expedientes mostraram essa relação com o público, fazendo do consumidor um produtor de conteúdo. O leitor se transfere para o almanaque com o propósito de fazer parte desta construção.

No terceiro e último capítulo compreende-se o estudo do Almanaque do Globo a partir da compreensão das principais questões abordadas neste impresso. Intitulado *A história impressa do Almanaque do Globo: sua literatura, seu editorial e os seus guias para a educação do campo*, foi realizada uma análise sobre as principais matérias do impresso e, a partir de alguns quadros, estabeleceu-se análises pontuais para mostrar seu direcionamento. Este, por sinal, se faz universal, seja a partir do que foi analisado, seja por conta do que foi compreendido através da leitura dos seus editoriais.

O surgimento, produção e projeção do Almanaque do Globo nutriu o crescimento de uma Livraria que já caminhava a passos largos em direção a sua transformação em uma grande editora. Como primeiro grande projeto editorial, o Almanaque do Globo perdurou por 17 anos. Nestes 17 anos a Livraria do Globo investiu na sua modernização, adquiriu espaços, expandiu sua estrutura e abrangeu ainda mais as suas redes. O ápice da Livraria nos anos 30 é reflexo de uma série de fatores importantes para a sua projeção no mercado nacional e internacional, como as suas traduções, a invenção de séries e coleções literárias e a alta produção e venda de livros didáticos.

O elo estabelecido entre a Livraria do Globo, o Almanaque do Globo e a Editora do Globo fomentaram a história da cultura do Rio Grande do Sul. Adepta a interdisciplinaridade, a livraria acompanhou o crescimento de diversos literatos citados nesta dissertação. A construção de uma casa editorial sob a responsabilidade de José Bertaso, sucedendo os sócios Laudelino Barcellos e Saturnino Alves Pinto, ainda ganharam o acréscimo de Henrique Bertaso, Érico Veríssimo, Mansueto Bernardi, João Pinto da Silva, Estevão Cruz, entre outros.

Mediante a esta imensa diversidade de matérias, guias, instruções e análises, projetamos um encaminhamento para esta dissertação, no qual referimos a mesma como um documento a ser compreendido por quem o ler a partir de um olhar crítico, estabelecendo com que os dados obtidos aqui sejam resgatados futuramente, observados, analisados e ampliados por outros pesquisadores. O Almanaque do Globo procurou estabelecer uma educação fora dos padrões escolares, ambientando o seu impresso em espaços onde a cultura da leitura pouco chegava. Este sinal foi reflexo gerado nos outros segmentos da livraria, tornando o almanaque um precursor no que tange os ansiosos da Livraria em disseminar cultura e literatura.

Diante de todo o processo que abrange um universo de livrarias, almanaques, jornais, revistas, folhetins, cartas e tantos outros documentos gerados naquela época, pode-se concluir que o Almanaque do Globo contribuiu para a criação de um costumo literário, sobretudo rio-grandense, em meio a tantas variações e perspectivas de estudo literário nas matérias que ali estão inseridas.

Acredita-se que esta dissertação tenha mostrado didaticamente os principais pontos do Almanaque do Globo fazendo com que este texto sirva de pesquisa para todos aqueles que se sentirem a vontade de explorar o mundo do impresso almanaque, já que ele é um material carregado de categorias extremamente importantes que possam vir a abraçar quaisquer sejam as nossas indagações científicas e, por conseguinte, existenciais.

O Almanaque do Globo foi um expoente, uma porta de entrada para o público conhecer ainda mais a Livraria do Globo, contando a história do estado e do mundo, através das suas páginas. Concluímos, em definitivo, com uma frase do editorial para o ano 1 do Almanaque do Globo: *O Almanaque, portanto, qualquer Almanaque, é um livro útil. É uma especie de leader, impessoal e honesto, de nós todos.*

Fontes de pesquisa

BERNARDI, Mansueto; SILVA, João Pinto da. **ALMANAQUE DO GLOBO**. Ano I - Ano VI. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Livraria do Globo, 1917-1922 (Acervo do Centro de Documentação UFPel/CEIHE)

BERNARDI, Mansueto; SILVA, João Pinto da. **ALMANAQUE DO GLOBO**. Ano I - Ano XVII. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Livraria do Globo, 1923-1933. (Biblioteca Central Irmão José Otão - Acervo Julio Petersen - PUCRS)

Referências

ABREU, Márcia. **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas: Mercado de Letras, São Paulo: Fapesp, 2002.

ADORNO, Theodor Ludwig W. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. com M. Horkheimer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AMORIM, Sônia Maria. **Em busca de um tempo perdido: edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950)**. Porto Alegre/São Paulo, Editora da UFRGS/EDUSP, 1999.

ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar. Uma história editorial: tipografias, editoras e livrarias de Pelotas. In: RUBIRA, Luís (Org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas: V. 2: Arte e Cultura**. Santa Maria/RS: PRÓ-CULTURA-RS. Gráfica e Editora Pallotti, 2014.

_____. Editoras e Tipografias no Rio Grande do Sul: publicação e circulação de livros didáticos. Vitória: **VI Congresso Brasileiro de História da Educação.** 2011. Disponível em< http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt02-1745_int.pdf>. Acessado em: 23/08/2017.

_____. Livrarias e Editoras no Rio Grande do Sul: o campo editorial do livro didático. 35° Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. 2012. Disponível em <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/livrarias-e-editoras-no-rio-grande-do-sul-o-campo-editorial-do-livro-didatico >. Acessado em: 13/11/18

ASSIS, Machado de. In: MEYER, Marlyse (Org.). **Do Almanak aos Almanaques.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes Históricas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011. p 23-79

BASTOS, M.H.C. Espelho de papel: a imprensa e a história da educação. In: ARAÚJO, J.C.; GATTI JR., D.(org.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas/Uberlândia: EDUFU, 2002, p. 151-174.

BARCELLOS, Marília de Araújo. **As relações do campo literário: o caso Erico Verissimo (entre 1930 e 1950)**. 2000, 213 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul – Ufrgs, 2000.

BARCELLOS, Marília de Araújo (org). **Estudos Editoriais**. Santa Maria, RS: Ed. pE.com UFSM, 2017.

BERTASO, José Otávio. **A Globo da Rua da Praia**. São Paulo. Globo, 1993.

BORDINI, Maria da Glória. Estudos Culturais e Estudos Literários. **Letras de Hoje, Porto Alegre**, v. 41, n.3, p. 11-22, 2006. Disponível em< http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/610/441>. Acessado em: 10/11/2017

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação**. Tradução: Mariza Correa. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)**. Tradução Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

_____. **O que é História Cultural?** Tradução de Sergio Goes de Paula. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora da Unesp, 1997. CANDAU, Joël. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2011

BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia de (orgs). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

CARVALHO, Jéferson Luís Marinho de. **Almanack da Parnahyba: leituras da educação em suas páginas: 1924-1982**. 2016. 227 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, 2016.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean (Org). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORSETTI, Berenice. **A análise documental no contexto da metodologia qualitativa: uma abordagem a partir da experiência de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos**. UNIrevista, São Leopoldo, v.1, n.1, p.32-46, 2006.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura- 1880 - 1980.** São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

_____. **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

_____. Do Livro à Leitura. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. 2. ed, São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 77-105.

_____ . A leitura: uma prática cultural Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. IN: CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. São Paulo, Estação Liberdade, p 231-254, 1996.

CRUZ, Estevão. **História Universal da Literatura: para uso das escolas, e de acordo com os programas oficiais vigentes**. 2º ed. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1936.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. O que é a história do livro? In: **A Questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

DELFOS/PUCRS. **Espaço de documentação e Memória Cultural**. Acessado em: 05/03/18 às 18:50. Link disponível em: http://www.pucrs.br/delfos/?p=globo)

DUARTE, Rodrigo. **Teoria crítica da indústria cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

DUTRA, Eliana de Freitas. **Rebeldes Literários da República: a história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

FERREIRA, Jerusa Pires. Almanaque. In: MEYER, Marlyse (Org.). **Do Almanak aos Almanaques.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

FILHO, Arthur Ferreira. **História geral do Rio Grande do Sul**. 5ª ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

HALLEWELL, L. **O livro no Brasil: sua história**. 2a edição. São Paulo: Edusp, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução do original francês 2 ed. Por Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

IORIS, Fabiana. **Com os olhos no futuro: Urbanização e modernidade no projeto editorial da Revista do Globo (1929 - 1935)**. 2003. 143 p. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e linguagem: bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 10 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LESSA, Barbosa. Livraria do Globo. **Relatório da Diretoria. 100 anos: 1883 - 1983**. Porto Alegre, Globo, 1983.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

_____. **História e Memória**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1992.

LUCA, Tania Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

MAGALHÃES, Justino. **Da cadeira ao banco: escola e modernização (século XVIII-XX).** Educa, Lisboa, 2010, p. 11 a 31.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da Filosofia**. 12° ed. Rio de janeiro: Zahar, 2008.

MARINELLO, Adiane Fogali. **Quando o Poeta Toma Partido: Literatura e Política em Mansueto Bernardi**. 2005. 187 p. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional - Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2005.

MASINA, Léa; APPEL, Myrna Bier. **A Geração de 30 no Rio Grande do Sul: literatura e artes plásticas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

MEYER, Marlyse (Org.). **Do Almanak aos Almanaques.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1935)**. São Paulo: Difel, 1979.

MONIZ, Edmundo. **Francisco Alves de Oliveira: (livreiro e autor)**; notas bibliográficas por Oswaldo Melo Braga. Introd. Aníbal Bragança. 1ª ed. rio de Janeiro: ABL, 2009.

NÓVOA, Antônio. História da Educação: “Novos Sentidos, Velhos Problemas”. In: MAGALHÃES, Justino (Org.). **Fazer e ensinar História da Educação**. Braga, Portugal, LUSOGRAFE. Universidade do Minho, 1996.

PARK, Margareth B. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras; Associação de leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História Cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

_____. **A Burguesia Gaúcha: Dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930).** Porto Alegre, Mercado Aberto, 2000.

_____. **História do Rio Grande do Sul**. 2ªed. revista e ampliada. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

RAMIL, Chris de Azevedo. **A Coleção Tapete Verde: do projeto à sua produção gráfica (década de 1970 - Rio Grande do Sul)**. 2013. 223 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pelotas, 2013.

RAMOS, Paula. **A modernidade impressa: artistas ilustradores da Livraria do Globo - Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2017.

_____. Artistas Ilustradores: a editora Globo e a constituição de uma visualidade moderna pela ilustração. Tese: Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

SEGOVIA, Gigliane Ferreira. **O papel desempenhado pela Livraria Universal na cidade de Pelotas no período de 1887 a 1934**. 2014. 123 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pelotas, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed. rev. E atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, João Pinto da. História Literária do Rio Grande do Sul. 3ªed. Org. Carlos Alexandre Baumgarten. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro. CORAG, 2013.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** 4ª ed. Rio de Janeiro. Mauad, 1999.

SCHELBAUER, Analete Regina. Entre anúncios e artigos: registros do método de ensino intuitivo do jornal. In: SCHELBAUER, Analete Regina. ARAUJO, Jose Carlos. (Org.). **História da Educação pela Imprensa**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. p.7-30.

TAMBARA, Elomar. **Positivismo e Educação: a educação no Rio Grande do Sul sob o castilhismo**. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 1995.

TORRESINI, Elizabeth. **Editora Globo: Uma aventura editorial nos anos 30 e 40.** Porto Alegre/São Paulo: Editora da UFRGS/EDUSP, 1999.

_____. **História de um sucesso literário: Olhai os lírios do campo de Érico Veríssimo**. Porto Alegre: Literalis, 2003.

THOMPSON, John B. **Os Mercadores de Cultura: o mercado editorial no século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

UNWIN, Stanley. **A Verdade acerca da Vida Editorial**. 6°ed. Livraria Civilização, Editora Porto, 1952.

VELLINHO, Moysés. **Letras da Província**. Ediçaõ da Livraria do Globo. Porto Alegre, 1944

VERÍSSIMO, Érico. **Um certo Henrique Bertaso: Um Pequeno Retrato em que o Pintor Também Aparece**. Porto Alegre: Globo, 1973.

_____. **Israel em Abril**. Porto Alegre: Editora Globo, 1979.

VIEIRA, Júnia Cristina Vaz. **As coleções da Editora Globo de Porto Alegre: inovação e ineditismo (1930-1960).** 2017, 80 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2017.

ZARNOTT, Daiana; SILVA, André Rodrigues da; ARRIADA, Eduardo. A Fonte Impressa Sob Perspectiva Patrimonial: Uma Análise Documental Do Impresso Jornal (1925-1935). In: SANTOS, Amanda Basilio; MACHADO, Juliana Porto; COLVERO, Ronaldo Bernardino**. Interdisciplinaridade nas Ciências Humanas: caminhos da Pesquisa Contemporânea**. Jaguarão: Editora CLAEC, 2017, p. 1561-1573. Disponível em<https://eipch2017.wixsite.com/ieipch/anais-do-i-eipch>. Acessado em: 20/12/2017

ZILBERMAN, Regina. **Roteiro de uma literatura singular**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.